Universidade de São Paulo
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto
Departamento de Clínica Médica

Marília Liotino dos Santos

**Motivações e experiências do intercâmbio
internacional de estudantes universitários da
área da saúde**

Ribeirão Preto

2018

Marília Liotino dos Santos

**Motivações e experiências do intercâmbio
internacional de estudantes universitários da
área da saúde**

Tese apresentada à Faculdade de
Medicina de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de doutor em Ciências
Médicas.

Orientador(a): Cacilda da Silva Souza

*Versão corrigida. A versão original encontra-se disponível tanto na Biblioteca da
Unidade que aloja o Programa, quanto na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da
USP (BDTD)*

Ribeirão Preto

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Liotino-Santos, Marília.

Motivações e experiências do intercâmbio internacional de estudantes universitários da área da saúde / Marília Liotino dos Santos; orientador Cacilda da Silva Souza. – Ribeirão Preto, 2018.

130f.: il.

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto — Universidade de São Paulo, 2018.

1. Internacionalização, 2. Estudantes universitários, 3. Fenomenologia.

Nome: LIOTINO-SANTOS, Marília

Título: Motivações e experiências do intercâmbio internacional de estudantes universitários da área da saúde

Tese apresentada à Faculdade de
Medicina de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de doutor em Ciências
Médicas.

Aprovada em:

Banca examinadora

Prof (a). Dr (a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof (a). Dr (a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof (a). Dr (a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

À minha família pelo apoio incondicional para a realização deste projeto. Ao meu pai, Nelson, por sempre estar ao meu lado para me mostrar que a vida é simples de ser vivida, felicidade é a única meta prioritária e ter fé é capacidade de tornar possível. À minha mãe, Vera, pela demonstração diária de que é com muito carinho e amor que se constroem as mais belas coisas da vida. E à minha avó Helena, por todos os dias me ensinar que o que aprendemos na escola é simplesmente técnico, a maior sabedoria está em saber escutar. O amor de vocês me torna quem eu sou. Obrigada.

Agradecimientos

À Deus, por me abençoar todos os dias, fazendo com que todos os meus sonhos tornem-se realidade e me permitir sonhar cada vez mais alto.

À minha orientadora, Prof. Dra. Cacilda da Silva Souza, por ter confiado em mim durante a execução deste trabalho e por me incentivar com compreensão, paciência e conhecimento.

À Prof. Dra. Marta Neves Campanelli Marçal Vieira, por ter me apresentado esta oportunidade e confiar na minha capacidade de execução deste trabalho sempre com delicadeza e amor.

Aos participantes desta pesquisa, pois sem a colaboração dos mesmos este sonho nunca poderia ser realizado.

Aos meus irmãos, Giovana, Lucas e Tiago, por serem capazes de, na inocência de suas infâncias, despertarem em mim felicidade verdadeira. O que vocês me ensinam nenhum adulto experiente é capaz de expressar.

À minha amiga, Gabriela Cristina Rego Ribas, que esteve sempre presente com paciência e estímulo para que este trabalho saísse do papel.

À CAPES, pela concessão da bolsa de doutorado e pelo auxílio financeiro sem o qual essa pesquisa não poderia ser realizada.

À FAEPA, pelo estímulo ao crescimento intelectual do pós-graduando.

Resumo

LIOTINO-SANTOS, M. **Motivações e experiências do intercâmbio internacional de estudantes universitários da área da saúde.** 2018. 130 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2018.

O fenômeno da globalização, decorrente do fluxo de indivíduos, ideias, capital, bens e serviços entre países e pelo mundo, tem influenciado no ensino superior da área da saúde promovendo uma crescente tendência da mobilidade internacional acadêmica. O presente estudo qualitativo e quantitativo buscou analisar as motivações para a participação e a experiência no intercâmbio internacional de estudantes universitários de cursos na área da saúde da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP). Foi dividido em três etapas: i) inquérito por meio de questionário eletrônico, e ii) pesquisa em banco de dados de intercâmbio internacional de estudantes dos cursos da área da saúde FMRP-USP (Sistema Mundus-USP); e iii) entrevista fenomenológica com estudantes do curso de Nutrição e Metabolismo da FMRP-USP, com permanência de no mínimo três meses de intercâmbio internacional e provento de bolsa de estudos. Dentre 124 estudantes da área de saúde da FMRP-USP respondentes ao questionário, 29 alunos (23,38%) haviam participado de intercâmbio internacional, e estavam positivamente satisfeitos com experiência. Entre 123 alunos identificados no Sistema Mundus-USP, que realizaram intercâmbio entre 2012 a 2016, os principais destinos foram Portugal (26,8%), Austrália (20,3%) e Estados Unidos (13,8%), e em sua maioria pelo programa Ciências sem Fronteiras (60,2%). Houve participação expressiva do gênero feminino nos programas de mobilidade estudantil dos cursos da área da saúde. Na análise fenomenológica das 20 alunas entrevistadas do curso de Nutrição e Metabolismo, com a experiência de um intercâmbio internacional, foram identificadas duas unidades de sentido: a oportunidade e as dores do processo. A bolsa de estudos dos programas de mobilidade internacional consistiu na maior representação da “oportunidade”. Experiências exitosas, o estímulo e a companhia de colegas; o incentivo dos pais, familiares e pares; o ensejo de vivenciar experiências interculturais, de viajar e o de melhorias para a formação acadêmica e profissional foram outros motivadores. Foram identificadas como as “dores do processo”: as dificuldades com a língua do país de destino; o distanciamento dos familiares, amigos e pares; a *jornada solitária*; a experiência de preconceitos; o atraso para a finalização do curso na universidade de origem; e os entraves de tramitação e organização dos programas. A experiência trouxe benefícios de cunho pessoal, tais como maturidade, autoconfiança,

independência, autonomia, responsabilidade e tolerância. A maioria ressalta pontos positivos das universidades de destino, e outros passaram a valorizar a universidade de origem. A análise do fenômeno e da experiência do intercâmbio, sob a ótica da fenomenologia, pode auxiliar no entendimento do processo, e na identificação de determinadas barreiras superáveis pela adoção de intervenções, com vistas para melhorias da mobilidade internacional e o alcance de resultados efetivos, quer sejam individuais, sociais, culturais, econômicos, científicos ou tecnológicos.

Palavras chave: ciências da saúde, estudantes universitários, fenomenologia, intercâmbio educacional internacional, motivação.

Abstract

LIOTINO-SANTOS, M. **Motivations and experiences of international exchange university students from the health area**. 2018. 130 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2018.

The phenomenon of globalization, **stemming from the flow of people**, ideas, capital, goods and services between countries and around the world, has influenced **changes in higher education in the health field and promoted** a growing trend of international academic mobility. **The present study seeks** to analyze the motivations **of the university students from the health field to experience the international exchange program (for university students of courses in the health field** retiraria veja que a ideia se repete). It was divided into three stages: i) research **by means of an electronic questionnaire**; and ii) **research on a database of international exchange programme for students from health courses (Mundus System)**; and (iii) **a phenomenological interview with students of the Nutrition and Metabolism course of the Medical School of Ribeirão Preto, University of São Paulo**. Out of 124 FMRP-USP health students **who answered** the questionnaire, **29 students were part of an international exchange program**, and were positively satisfied with their experience. Among 123 students **who** exchanged between the years of 2012 and 2016, the main destinations were Portugal (26.8%), Australia (20.3%), and the United States (13.8%), and most of them were from Brazil's Science without Borders Program (60.2%). In the phenomenological analysis of the **interviews of 20 Nutrition students who took part in an exchange program**, two units of meaning were identified: **the opportunity presented and the emotional struggles of the process. Scholarships for international mobility programs best represented the "opportunity"**. Successful experiences, encouragement and companionship, and the **encouragement of parents, family and peers; the opportunity to live** intercultural experiences, travel and improvement for academic and professional training were other **motivators. The "struggles" of the process** were identified as: **being apart from family members, friends, and peers; difficulties with the language in the country of destination; the obstacles to the procedures and the organization of the programs; and the delayed course completion at the "home university"**. The experience has brought personal benefits such as maturity, self-confidence, independence, autonomy, responsibility and tolerance. **Most students highlighted the positive aspects of the foreign**

universities, and others recognized the value of their home university. The analysis of the phenomenon **from several sides and angles** can help to understand the process, **and to adopt interventions in order to increase international mobility, improving and achieving the expected** results, whether individual, social, cultural, economic, scientific or technological.

Keywords: health sciences, international educational exchange, phenomenology, motivation, university students

Lista de Ilustrações

Figuras

Figura 1 - Detalhamento das etapas do projeto	46
Figura 2 – Possibilidades de reposta do questionário eletrônico.....	48
Figura 3 - Unidades de sentido identificadas na análise das motivações e experiência do intercâmbio.....	67
Figura 4 - Unidades de sentido resultantes da experiência de vivência internacional.	83

Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição de respostas do questionário por curso da FMRP-USP.....	57
Gráfico 2 - Momento apropriado para realizar uma segunda experiência de intercâmbio, segundo os alunos que realizaram a experiência durante a graduação.	61

Quadros

Quadro 1 - Razões para a classificação da experiência antes da graduação	58
Quadro 2 - Razões para a classificação da experiência na graduação.....	60
Quadro 3 - Razões para não realizar o intercâmbio tendo o interesse em realizá-lo.	63
Quadro 4 - Benefícios do intercâmbio para o estudante na visão daqueles que tem interesse em realizá-lo.	64

Listas de Tabelas

Tabela 1 - Motivações para não realizar intercâmbio na visão de quem tem interesse em realizá-lo.....	62
Tabela 2 - Benefícios do intercâmbio para o estudante na visão daqueles que tem interesse em realizá-lo.	64
Tabela 3 - Motivações para não ter interesse em realizar intercâmbio.	65
Tabela 4 - Benefícios do intercâmbio para o estudante na visão daqueles que não tem interesse em realizá-lo.	65

Sumário

1. INTRODUÇÃO	23
4.1. A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA	35
FASE PRÉ-EMPÍRICA.....	35
<i>Epoché</i>	35
Problematização e Identificação do Objeto de Pesquisa	36
Construção do Objetivo	36
Identificação da Amostra Intencional	37
FASE EMPÍRICA	38
Entrevista Fenomenológica	38
METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DE RESULTADOS.....	38
Redução Psicológica	39
Cruzamento Intencional	39
Redução Eidética.....	39
Redução Intersubjetiva	39
Redução Transcendental.....	40
2. JUSTIFICATIVA	42
3. OBJETIVOS	44
3.1. OBJETIVO GERAL	44
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	44
4. CASUÍSTICA E MÉTODOS	46
4.1. Entrevistas sob a Perspectiva Fenomenológica.....	49
4.1.1. FASE PRÉ-EMPÍRICA.....	49
4.1.1.2. Problematização e Objeto de Pesquisa	49
4.1.1.3. Construção do Objetivo	50
4.1.1.3. Identificação da Amostra Intencional	51
4.1.2. FASE EMPÍRICA	52
4.1.2.1. Recrutamento para a Entrevista	52

4.1.2.2. Entrevista Fenomenológica	52
4.1.3. METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DE RESULTADOS	53
4.1.3.1. Redução Psicológica	53
4.1.3.2. Cruzamento Intencional	53
4.1.3.3. Redução Eidética	53
4.1.3.4. Redução Intersubjetiva	54
4.1.3.5. Redução Transcendental	54
5. RESULTADOS	56
5.1. ETAPA 1 - QUESTIONÁRIO “EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL”	56
5.2. ETAPA 2 – DIAGNÓSTICO DO INTERCÂMBIO	65
5.3. ETAPA 3 – ENTREVISTAS FENOMENOLÓGICAS	66
5.3.1. MOTIVAÇÕES PARA REALIZAR O INTERCÂMBIO	67
5.3.2. EXPERIÊNCIA DE VIVÊNCIA INTERNACIONAL	83
7. CONCLUSÕES	125
8. APÊNDICES	134
8.1. APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – QUESTIONÁRIO ONLINE	134
8.2. APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO ELETRÔNICO “MOTIVAÇÕES PARA INTERCÂMBIO”	135
8.3. APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ENTREVISTAS	150
8.4. APÊNDICE D – QUESTÕES NORTEADORAS PARA AS ENTREVISTAS	151
9. ANEXOS	153
9.1. ANEXO A – PARECER COSUBSTANCIADO DO CEP	153
9.2. ANEXO B – PARECER COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO	155

Introdução

1. INTRODUÇÃO

Já desde a criação das escolas europeias na Idade Média, as universidades são internacionais. Em busca do conhecimento, essas primordiais instituições congregavam estudantes e professores de várias partes do mundo com diferentes formações e tendências sociais, políticas e científicas etc., e que conviviam em um universo de pluralidade de pensamentos e de visões de mundo. (STALLIVIERI; 2002).

Foi a partir das décadas de 80, que a internacionalização das Instituições de Ensino Brasileiras (IES) cresceu de maneira expressiva, essencialmente por quatro principais razões: *i)* políticas, pela busca do entendimento mútuo e convívio harmonioso entre os povos e as nações; *ii)* econômicas, pela preocupação com a competitividade e o crescimento econômico; *iii)* socioculturais, pela expansão de valores morais e nacionais; e, *iv)* acadêmicas, para a qualificação das pessoas para o mercado de trabalho, a qualidade do ensino, da pesquisa e dos serviços, e a exposição cultural, bem como pela busca de reputação e expressão internacional por meio da mobilidade de estudantes e professores (MIURA, 2006).

O intercâmbio universitário tem sido considerado uma das formas mais intensas de internacionalização, porque pode proporcionar não somente a ampliação do conhecimento do acadêmico, mas também do crescimento profissional e individual. (STALLIVIERI, 2002) O intercâmbio acadêmico promove ainda a integração entre culturas e pessoas diferentes, visto que a interação ocorre não somente com estudantes do país onde estão realizando seus estudos, mas também com intercambistas do mundo todo (TAMIÃO; CAVENAGHI, 2013).

Deste modo, a universidade desempenha um papel central na preparação e formação dos cidadãos para um mundo interligado e interdependente, propiciando oportunidades para uma experiência educacional internacionalizada, que permita o aprimoramento do conhecimento e o respeito pela diversidade cultural. As IES brasileiras têm buscado ampliar as modalidades de inserção internacional para seus alunos, professores e pesquisadores, estabelecendo cooperações internacionais, por meio de acordos bilaterais e multilaterais, programas internacionais e convênios institucionais. (MCCABE, 2001; LAUS, 2004; PÉRICO; GONÇALVES, 2011)

Neste contexto, os benefícios da mobilidade acadêmica podem ser analisados sob três perspectivas: da IES, do país e do intercambista. Essencialmente, as IES buscam o aprimoramento de conhecimentos e práticas, qualificação do seu corpo de

docentes e pesquisadores, além de entendimentos interculturais. (ALTBACH; KNIGHT, 2007; MOROSINI, 2011) O retorno para o país de um maior número de pessoas, internacionalizadas e preparadas para lidar com a diversidade cultural, aumenta as chances destas se projetarem e se manterem competitivas. Já para o intercambista, as vantagens vão além do aprendizado acadêmico e de outras culturas, e são aquelas de promoção do desenvolvimento psicológico, e de autoconfiança, amadurecimento, independência, capacidade de relacionar-se e sentir-se um cidadão global, um conjunto de habilidades que abre novas perspectivas. (OLIVEIRA; PAGLIUCA, 2012)

O interesse por uma experiência internacional é comumente despertado durante a jornada na graduação, e muitos estudantes das diversas áreas ensejam realizar parte de sua formação acadêmica em uma universidade estrangeira (OWEN *et al.*, 2013).

Dentre as motivações para realização de um intercâmbio internacional, estão: a busca de formação qualificada, as perspectivas de melhorias do currículo e da futura carreira, a oportunidade de enriquecimento cultural, entre outras (BEERKENS *et al.*, 2016). O contato com outra cultura educacional pode propiciar aos estudantes melhorias nas habilidades e nas relações interpessoais da prática profissional, tais como a criatividade e flexibilidade, possivelmente influídas por novos conhecimentos, abertura e respeito às diversidades culturais (BAERNHOLDT *et al.*, 2013).

O ensejo do estudante em conhecer outro país é também uma forte motivação para o intercâmbio internacional (KEOGH; RUSSEL-ROBERTS, 2008). Em um estudo realizado com estudantes de farmácia, 95% citam que sua motivação era o desejo de viajar (OWEN *et al.*, 2013). Um preditivo positivo na motivação estudante para viver a experiência de intercâmbio é a vontade do estudante em conhecer novas culturas (OWEN *et al.*, 2013).

A oferta de bolsas de estudos para custeio dos programas de intercâmbio é um outro fator preditivo positivo na motivação do estudante em viver esta experiência (OWEN *et al.*, 2013). Enquanto, a grande maioria dos estudantes refere a falta do financiamento influenciar negativamente a possibilidade do intercâmbio (OWEN *et al.*, 2013).

Um maior nível de motivação para a experiência do intercâmbio é no geral relacionado a um menor grau de choque cultural, e a vivência fora do contexto de seu

país de origem é mais positiva e gera maior bem-estar ao estudante. (YANG; ZHANG; SHELDON, 2018).

Em particular, os estudantes das áreas de saúde têm especial interesse na comparação dos sistemas de saúde de cada um dos países para enriquecer a sua formação profissional (KEOGH; RUSSEL-ROBERTS, 2008). O intercâmbio pode agregar outras experiências na formação profissional dos estudantes da área de saúde, advindas do contato com diferentes modelos de sistemas de saúde, enfermidades, tecnologias, valores sociais, éticos e da relação profissional de saúde-paciente (NISHIGORI *et al.*, 2009). Estas experiências e as práticas clínicas também poderão ser úteis ao país e às universidades de origem (PECHAK; BLACK, 2013).

Na busca do entendimento das motivações para a experiência de intercâmbio, Sheldon e colaboradores (2017) classificaram o processo de regulação das motivações do seguinte modo: *regulação identificada*, naquela em que o estudante entende o valor da experiência; *regulação intrínseca*, na qual o estudante está motivado para viver a experiência; *regulação positiva introjetada*, o estudante faz a escolha para sentir-se orgulhoso de si mesmo; *regulação externa*, quando algum fator externo mediou a escolha do intercâmbio, como a de evitar a insatisfação de outra pessoa no caso da não realização do intercâmbio; *regulação negativa introjetada*, quando o estudante escolhe a experiência para evitar pressões externas, culpa ou vergonha por não fazê-la; e a *falta de motivação*, na qual o estudante não consegue explicitar o porquê da escolha da experiência do intercâmbio.

Por outro lado, muitas dificuldades tornam esta experiência inacessível ou indesejada para o graduando tais como: falta ou escassez de financiamentos dos custos com viagem e estadia; as barreiras relativas à língua; o distanciamento da família e pares; as incertezas sobre a equivalência de disciplinas e a qualidade do curso na instituição de destino; e as preocupações de atraso do término curso na IES de origem. (BEERKENS *et al.*, 2016; OWEN *et al.*, 2013)

A falta de fluência em um segundo idioma afasta os interessados em viajar para outros países. (OWEN *et al.*, 2013) O desconhecimento da língua nativa de um país, é um dos maiores estressores e o que dificulta a adaptação à uma nova cultura e a sociabilização. Nas atividades acadêmicas, dificulta as funções básicas como escrita, o entendimento das aulas e seus conteúdos, e as formulações e a exposição de dúvidas ou questões, e pode resultar em baixo desempenho na execução de tarefas e nas avaliações. (CHEN, 1999; MORI, 2000)

O distanciamento da família é um outro importante fator desmotivador para aqueles que desejam realizar o intercâmbio (OWEN *et al.*, 2013). Ao deixar a família e os amigos no país de origem, o indivíduo é obrigado a construir novas relações sociais, e as barreiras idiomáticas e culturais do novo país podem dificultar este processo de adaptação e socialização, gerando solidão e isolamento social. Estudos australianos com estudantes internacionais mostraram dificuldades na sociabilização, principalmente nos primeiros meses da experiência, apresentaram sentimentos de solidão e isolamento. (TOWNSEND; POH, 2008; SAWIR *et al.*, 2008). Mais da metade dos estudantes chineses que vivia na Nova Zelândia estava infeliz com as oportunidades de fazer amigos locais, e 71% gostaria de ter mais amigos neozelandeses. (ZHANG; BRUNTON, 2007)

Em um estudo, segundo os estudantes de graduação entrevistados, o indivíduo que deseja fazer o intercâmbio já deve ter desenvolvidas as competências de interação, comunicação, tolerância, respeito às outras culturas, entre outras (ODAG; WALLIN; KEDZIOR, 2016). No entanto, outro estudo mostrou que possivelmente este atributo não seja tão relevante. Na comparação entre estudantes com e sem a vivência de intercâmbio prévia, a noção de autoconfiança se mostrou apenas ligeiramente maior naqueles que tiveram a experiência internacional. (PETERSDOTTER; NIEHOFF; FREUND, 2017)

Alguns estudos ressaltam os aspectos negativos ligados à experiência educacional do estudante na instituição de destino. Straker (2016) concluiu em sua revisão que os alunos intercambistas nem sempre são estimulados por professores da universidade de destino a terem participação em aulas e trabalhos de modo similar aos alunos nativos. Tal atitude é muitas vezes justificada pela questão linguística e cultural que os difere dos demais e pode causar atrasos na formação do aluno estrangeiro (STRAKER, 2016).

A universidade também se beneficia dos programas de intercâmbio com o incremento do reconhecimento e visibilidade, e com as perspectivas da potencial colaboração de membros de universidades internacionais. Entende-se que as instituições com estas aspirações devam superar as dificuldades primordiais, buscar e possibilitar acesso dos estudantes aos financiamentos de intercâmbios internacionais; oferecer orientações para minimizar os trâmites burocráticos, evitando atrasos e problemas com o visto estudantil; e considerar que as dificuldades de

comunicação e diferenças culturais podem ser obstáculos relevantes para a realização do intercâmbio (PECHAK; BLACK, 2013).

Programas de Internacionalização e Convênios

As mudanças socioeconômicas, culturais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas em nível mundial impuseram novas necessidades na formação dos indivíduos, que passaram a necessitar de níveis de educação mais elevados para se integrarem ao mundo globalizado, sem fronteiras e centrado no conhecimento. (CASTRO; CABRAL NETO, 2012; CARVALHO *et al.*, 2016)

Como consequência progressiva deste reconhecimento, a internacionalização passou a ser incluída como tema prioritário das agendas governamentais, com diretrizes globais para o ensino superior de modo que a internacionalização esteja presente nos planos de estudo e nos processos de ensino e aprendizagem. (CASTRO; CABRAL NETO, 2012)

De fato, a internacionalização amplia a oportunidade de um futuro promissor, tanto no meio acadêmico, quanto no mercado de trabalho e isso acaba por motivar os estudantes, cada vez mais, a participarem nestes processos. Os estudantes procuram por meio de intercâmbios o aperfeiçoamento linguístico e da formação profissional. Além disso, este tipo de vivência promove maior autonomia e valorização pessoal, pois proporciona aos estudantes uma visão ampliada de futuro. (CASTRO; CABRAL NETO, 2012; CARVALHO *et al.*, 2016)

Em particular, os intercâmbios voltados para a área da saúde proporcionam um conhecimento da realidade epidemiológica e social de outros países, bem como novas formas de cuidado, o que possibilita aos profissionais da saúde, um contato com uma realidade distinta, capaz de instigar as mudanças e as inovações.

Desse modo, as vivências, as observações e as atividades realizadas no âmbito da saúde, durante o processo de intercâmbio, podem proporcionar novas experiências e perspectivas, assim como o conhecimento de novas tecnologias e processos de cuidados à saúde. (OLIVEIRA; PAGLIUCA, 2012)

No entanto, a mobilidade estudantil não é um fenômeno novo no campo da educação, já na idade média as populações universitárias eram bastante móveis. Segundo Chaves e Castro (2016), *apud* Charle e Verger (1996), neste período, em teoria, nenhuma fronteira se opunha à circulação dos homens ou à validade universal

dos diplomas. As grandes universidades como Paris e Bolonha eram mais atrativas para os estudantes de diferentes localidades, por motivos culturais, e de infraestrutura organizacional, comparadas às universidades de menor porte.

No âmbito do Brasil, cabe resgatar esse componente de mobilidade no período que precede a fundação da primeira universidade. Por três séculos, os estudantes que almejassem ingressar no ensino superior deveriam seguir para as terras além-mar, a fim de diplomarem-se nas universidades de Portugal, cujas opções da época eram a Universidade de Coimbra ou a Universidade de Évora. (COWEN, 2002; SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013)

É consenso na literatura que a internacionalização é uma marca das relações entre universidades, e nota-se a sua intensificação no panorama mundial a partir da década de 1990, promovida pela aceleração do processo de globalização (STALLIVIERI, 2004; MOROSINI, 2006; LIMA; CONTEL, 2011; CASTRO; CABRAL NETO, 2012). No Brasil, desde a criação das primeiras universidades brasileiras, na década de 1930, as marcas da internacionalização já se faziam presentes com a vinda de professores visitantes ou convidados da Europa e de centros tradicionais, com o objetivo de se instalar ou consolidar o projeto acadêmico das instituições brasileiras emergentes. (LIMA; CONTEL, 2011; OLIVEIRA; FREITAS, 2017)

Nota-se que já na criação da primeira universidade criada no Brasil, na década de 1930, a Universidade de São Paulo, instituição criada pela elite política, econômica e intelectual do Estado de São Paulo, desde o seu início esteve voltada para o mundo. Essa intenção está caracterizada na formação do seu corpo docente, em parte formado por professores europeus. (OLIVEIRA; FREITAS, 2017)

Na Europa, a internacionalização da educação superior se constituiu em um processo marcante que seguiu à Segunda Guerra Mundial (1945) para a reconstrução da Europa. Nesse contexto, a internacionalização almejava assistência técnica para o desenvolvimento do continente por meio de acordos científicos, mobilidade estudantil e bolsas de capacitação.

Chaves e Castro (2016) argumentam que internacionalização da educação superior emerge de necessidades políticas e econômicas. A configuração da economia em blocos econômicos, a exemplo da União Europeia (UE), buscou promover a unidade política e econômica da Europa, exigindo uma educação capaz de compatibilizar as qualificações, os sistemas educativos e criar padrões de equivalências.

Tendo como pressuposto, o atendimento aos requisitos de uma sociedade em mudança, ministros de Educação de vários países da Comunidade Europeia assinaram a Declaração de Sorbonne (1998) e a Declaração de Bolonha (1999) no sentido de criar um espaço educacional comum e revitalizar e intensificar o processo de renovação da educação superior, e que se constituíram em marcos importantes das políticas de internacionalização. A Declaração de Bolonha apresentava o objetivo de estabelecer um Espaço Europeu de Ensino Superior, que fosse coerente, compatível, competitivo e atrativo para estudantes europeus e de países terceiros. Essa é uma estratégia da globalização que está centrada nos movimentos de capitais, na informação, na tecnologia e que agora se expande para a mobilidade de recursos humanos especialmente de alta qualificação, o que demarca uma transferência internacional de conhecimentos e tecnologias. (CHAVES; CASTRO, 2016).

A partir da perspectiva humanista, de uma visão prospectiva para a implementação de políticas de desenvolvimento e das opções de mudanças, a cooperação internacional reflete uma potencial situação mundial baseada em associação autêntica, confiança mútua e solidária, e que também sejam construídas no campo da aprendizagem e da pesquisa. Deste modo, observa-se que blocos econômicos, como o da EU, particularmente daqueles que já até então detinham esse conceito e acreditavam nele para que a união pudesse se processar completamente. O processo de Bolonha foi um reflexo desta ideologia, desde que a livre circulação na UE impôs uma nova estruturação que permitisse o aumento da mobilidade e da empregabilidade. (NEVES; NORTE, 2009)

Os países da UE contam com um programa de intercâmbio denominado ERASMUS, o qual dá a oportunidade aos estudantes de realizarem um processo de mobilidade e cooperação no âmbito da educação, viverem por um tempo em um outro país, aprender línguas estrangeiras e desenvolver as suas capacidades de adaptação. Este programa é considerado um dos grandes êxitos da União Europeia. No ano de 2011, 250.000 estudantes tiveram a oportunidade de estudar ou de fazer um estágio noutro país, por meio deste programa, cuja participação está igualmente aberta a professores, o que contribui para a qualidade do ensino superior na Europa. O Programa ERASMUS promove a valorização do potencial, do talento e do capital humano e social da Europa, com base nos princípios da aprendizagem ao longo da vida (Regulation (EU) No. 1288/2013 of 11 December, 2013). (CARVALHO et al., 2016)

As iniciativas da União Europeia refletem na construção de diretrizes estabelecidas por organismos como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e Organizações das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) direcionadas à internacionalização da educação superior. (CHAVES; CASTRO, 2016)

Na Conferência Mundial de Ensino Superior realizada pela UNESCO em 1998, na iniciativa de internacionalização do ensino superior ficou evidente a importância atribuída ao conhecimento e à valorização do capital intelectual dos indivíduos, requerendo das universidades uma revisão e a criação de estratégias, com o propósito de que seus estudantes possam adquirir competências acadêmicas e profissionais que lhes permitam interagir numa sociedade cada vez mais internacional, contribuindo para o enfrentamento dos desafios impostos aos países no contexto de economia globalizada. (CHAVES; CASTRO, 2016)

Os organismos internacionais, a partir de suas orientações e diretrizes tem exercido um papel importante na disseminação dessas ideias. A Conferência Mundial de Ensino Superior (CMES), organizada pela UNESCO originou a Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação (Paris, 1998), a qual estabeleceu claramente em suas orientações, que sem uma educação superior e sem instituições de pesquisa adequadas que formem a massa crítica de pessoas qualificadas e cultas, nenhum país pode assegurar um desenvolvimento endógeno genuíno e sustentável e nem reduzir a disparidade que separa os países pobres e em desenvolvimento dos países desenvolvidos. (CHAVES; CASTRO, 2016)

As dificuldades econômicas, sociais e políticas dos países em desenvolvimento e em transição não teriam como vencer estes obstáculos com os seus próprios recursos, sendo necessário, portanto, a ajuda e apoio internacional expressivo. Abre-se assim, um espaço para intensificar a discussão acerca da internacionalização da área da educação superior, e a educação entendida como uma das formas de reagir aos desafios da globalização. (CHAVES; CASTRO, 2016)

Em seguida, a Conferência Mundial sobre Ensino Superior da UNESCO – Paris (2009), intitulada “As novas dinâmicas do ensino superior e pesquisas para a mudança e o desenvolvimento social”, ratifica os posicionamentos referentes à concepção de internacionalização. No tópico denominado “INTERNACIONALIZAÇÃO, REGIONALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO”, o entendimento de internacionalização baseada na solidariedade foram estabelecidos em 11 itens; atribuindo às IES ao redor do mundo a responsabilidade social de auxílio

ao desenvolvimento e como forma de exercer essa solidariedade, por meio da transferência de conhecimentos cruzando fronteiras, especialmente importante aos países subdesenvolvidos. Deste modo, as redes de universidades internacionais e as parcerias são uma parte dessa solução, por auxiliarem no crescimento do entendimento mútuo e da cultura de paz; além das parcerias para pesquisa em equipe e intercâmbio de estudantes que promovem a cooperação internacional. No entanto, o encorajamento de uma mobilidade acadêmica mais amplamente equilibrada deveria ser integrado à mecanismos que garantam colaboração genuína, multicultural e multilateral. (CHAVES; CASTRO, 2016)

Sob outro ângulo de visão, deve ser considerado que a internacionalização no campo educacional, é um processo complexo, em construção e sem uma clara definição de seus objetivos. No atual cenário de globalização, a internacionalização da educação também surge com uma nova perspectiva, o entendimento de que a educação é um serviço, e que pode ser vista como uma mercadoria, devendo, portanto ser regulada pelo mercado, o que leva a educação a perder a sua dimensão de direito humano, portanto, universal e de responsabilidade do Estado. (CHAVES; CASTRO, 2016)

Deste modo, a internacionalização da educação superior se configura como uma das tendências que tem despertado um extraordinário interesse crescente dos diversos países e em diversos aspectos. Deste modo, a educação em seus vários níveis e modalidades passa a ser um serviço internacional possível de ser comercializado como um bem de mercado. É neste contexto que se inserem os programas de mobilidade estudantil, e que atualmente assumem uma das principais modalidades de internacionalização do ensino superior. Entende-se que a mobilidade envolve não apenas o deslocamento de estudantes de um país a outro, mas a consolidação de modelos de formação diferenciados, que perpassam por concepções de mundo, além de questões estruturais e organizacionais, que envolvem transferência de recursos financeiros ao redor do mundo. (CHAVES; CASTRO, 2016)

Diante deste cenário mundial, o Governo Federal Brasileiro, por meio do Ministério da Educação, passou a investir em programas voltados à realização de estudos no exterior para estudantes brasileiros.

O “Programa Ciência Sem Fronteiras (CSF)”, implantado pelo governo federal em 2011 (Decreto n. 7642 de 13 de dezembro de 2011) e extinto em 2016, foi uma avançada iniciativa que contou com um investimento da ordem de R\$ 6,5 bilhões, e

teve como objetivo promover a consolidação, a expansão e a internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio da mobilidade estudantil internacional. Buscava-se investir na formação de pessoal altamente qualificado para o avanço da sociedade e do conhecimento, aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no exterior e promover a inserção internacional das instituições brasileiras. (AVEIRO, 2011)

O CSF investiu recursos prioritariamente nos intercâmbios internacionais para estudantes ainda na graduação. Em acordo com as metas a serem alcançadas, na primeira etapa do programa, do seu início até o ano de 2015, 101.446 bolsas seriam concedidas e instituídas pelo Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e CAPES –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. Desse total, 75.000 estudantes seriam financiados pelo governo federal e 26.000 por empresas privadas; 78% das bolsas seriam destinadas aos cursos de graduação e o restante dividido entre mestrados, doutorados e pós-doutorados. (AVEIRO, 2011; SANTOS, 2015)

Segundo informações disponíveis no endereço eletrônico do programa CSF, o total de bolsas implementadas foi de 92.880 até o 1º semestre de 2016. A distribuição das bolsas implementadas por modalidade consistiu em Graduação Sanduíche, 73.353 bolsas (78,97%), seguida de Doutorado Sanduíche, 9.685 bolsas (10,42%); Pós-Doutorado, 4.652 bolsas (5%); Doutorado, 3.353 bolsas (3,61%); Pesquisador Visitante Especial, 775 bolsas (0,83 %); Mestrado, 553 bolsas (0,60%) (BRASIL, 2016)

Na análise da distribuição geral de bolsas implementadas pelo programa CSF por país de destino, os Estados Unidos da América foram os que mais receberam estudantes brasileiros, seguidos por Reino Unido, Canadá, França, Austrália, Alemanha, Espanha, Itália, Portugal e Irlanda. As áreas de engenharias e demais áreas tecnológicas foram aquelas que mais obtiveram recursos (41.594 bolsas), seguidas pela área de Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde, com 16.076 bolsas. Houve predomínio do gênero masculino (56,12%; 51.787 masculinos). (BRASIL, 2016)

O maior número de bolsas foi concedido ao Sudeste, na modalidade graduação (37.537 bolsas), pós-graduação (6.503 bolsas) e outras modalidades

(580). O Sul foi a região em que houve a segunda maior implementação, no total de bolsas concedidas; contudo, o número de bolsas de graduação sanduíche no Nordeste foi maior que no Sul. (AVEIRO, 2011; BRASIL, 2016)

A concessão de bolsas ao Sudeste decorreria do fato da região apresentar maior população, número de estudantes e número de candidaturas às bolsas. Já no Nordeste, onde se concentra a segunda maior população do país, o número de estudantes de graduação é menor que no Sul. (AVEIRO, 2011)

No que se refere à distribuição das bolsas implementadas por estado de origem do estudante ou do pesquisador, os maiores números estavam em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. (AVEIRO, 2011)

Em relação à instituição de origem do bolsista, aquelas que mais enviaram estudantes para o exterior foram: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Brasília (UnB) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Cada uma delas enviou mais de 2.000 estudantes para o exterior. (AVEIRO, 2011) No Estado de São Paulo, as instituições de origem da implementação das bolsas foram: a USP (5.541 bolsas); a Universidade Estadual de Campinas (2.384 bolsas) e a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2.173 bolsas). (BRASIL, 2016)

Na área de Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde, 66% das bolsas do CSF foram destinadas à graduação; o estado de São Paulo foi o que mais recebeu esse benefício; o país de destino para o intercâmbio nesta área foram Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália, Espanha e Portugal. (BRASIL, 2016)

A USP, com maior número de bolsas de estudos concedidas no estado, as bolsas foram distribuídas nas mais variadas áreas (5.541 bolsas), sendo 39,81% (2.206 bolsas) destinadas às áreas de engenharias e demais áreas tecnológicas, e 19,97% (1.097 bolsas) à área de biologia, ciências biomédicas e da saúde (BRASIL, 2016)

Outra modalidade de auxílio para o intercâmbio é a Bolsa de Mérito Acadêmico para mobilidade internacional que busca proporcionar aos estudantes a experiência acadêmica e de formação pela realização de cursos ou programas de pesquisa em instituições internacionais. A bolsa é concedida pela Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (AUCANI). (USP, 2016)

A AUCANI tem como objetivo estabelecer estratégias de relacionamento entre a USP, instituições universitárias, órgãos públicos e a sociedade, para suporte à cooperação acadêmica no campo do ensino, pesquisa, cultura e extensão universitária, nos âmbitos nacionais e internacionais. Para alcançar esses fins, a AUCANI conta com as diretorias de relações acadêmicas internacionais, relações acadêmicas nacionais e de mobilidade acadêmica. Em termos gerais, a AUCANI encaminha projetos e estabelece convênios de cooperação nacional e internacional, de interesses gerais da universidade, desenvolve e apoia programas de ensino, pesquisa e extensão. (USP, 2016)

A Bolsa de Mérito Acadêmico, descrita pela Portaria GR Nº 6087/2013 e alterada pela Portaria GR Nº 6640/2015 da USP, destaca a importância da experiência de intercâmbio para complementar, fortalecer e internacionalizar a graduação. A AUCANI é a responsável por definir os critérios de seleção, o número e o valor das bolsas, e divulgar os resultados da aprovação.

Os alunos, por sua vez, devem estar matriculados e sem dependências no momento da inscrição, não ter usufruído de bolsas anteriormente e comprovar proficiência na língua da instituição destino. Quando contemplados, se comprometem a dedicarem-se exclusivamente a atividades relacionadas à ensino e pesquisa, e a voltar para o Brasil em até um mês após o término do período de intercâmbio. Também devem apresentar relatório sobre as atividades desenvolvidas e apresentá-las em seminários ou congressos. (USP, 2013; USP, 2015)

Diante desse contexto, é de interesse explorar um elemento visível na internacionalização do ensino superior, a mobilidade acadêmica.

A marcante participação da USP no programa CSF, despertou o interesse e muitos estudos buscaram em sistematizar as informações pessoais, acadêmicas e institucionais concernentes à experiência desse movimento de internacionalização de estudantes das várias áreas envolvidas, de modo a aprimorar os processos de mobilidade estudantil institucionais. (CAVALCANTE et al. 2018)

Alguns estudos se voltaram em responder a perguntas que permeavam o processo de intercâmbio na sua vertente comportamental. O estudo de Neves e Norte (2013) conclui que as competências geram eficácia, eficiência e efetividade. Entretanto, um projeto de intercâmbio e de mobilidade tem que ser efervescente, tem que ser envolvido pela agitação contagiante do espírito, de colaboração de

profissionais comprometidos com o processo nos diversos momentos e atentos às oportunidades. (NEVES; NORTE, 2013)

Enquanto alguns estudos se concentram em experiências, poucos exploraram motivações ou o processo da tomada de decisão para participar de um intercâmbio internacional. De modo que, para promover um incremento no número de estudantes de saúde a participarem de estudos em programas no exterior, torna-se essencial a compreensão sob diversos ângulos dos fatores que motivam a participação dos estudantes para uma experiência internacional. (BROWN et al., 2016)

4.1. A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

O método fenomenológico considera o ser humano nas suas mais complexas variações, tornando a investigação abrangente em seus diversos aspectos sem reduzi-los ou objetificá-los. (ALES BELLO, 2013) A Fenomenologia considera apenas a experiência oferecida pelos sujeitos estudados como o seu eixo e explora a visão destes sujeitos em relação à vivência de interesse. No método fenomenológico, não são utilizadas interpretações, inferências ou outros recursos que são frequentemente usados em outros métodos. Neste caso, o essencial para a busca dos resultados é a essência do relato que os sujeitos experimentam o fenômeno.

Para que a metodologia seja considerada fenomenológica é necessário que a pesquisa seja planejada sob esta perspectiva desde sua concepção, e não ser considerada apenas quando da aplicação procedimental, da coleta dos dados ou da sua análise. (BARREIRA, 2017; MAHFOUD, 2013)

A seguir, descreveremos a fase pré-empírica e a fase empírica, necessárias para o desenvolvimento das análises sob a metodologia fenomenológica.

FASE PRÉ-EMPÍRICA

Epoché

Para que a *epoché* ocorra é necessário que o pesquisador transcenda a sua atitude natural, assim colocando de lado suas crenças, valores, sentimentos e conhecimentos científicos que possui a respeito do fenômeno estudado. (BARREIRA,

2017; MAHFOUD, 2013; GIORGI; SOUZA, 2010) Essa modificação de consciência de mundo deve se dar de forma voluntária. (BARREIRA, 2017)

É um processo que necessita cautela, pois não se trata de esquecer e negar a realidade natural, mas sim de assumir uma atitude que favoreça a elucidação do fenômeno estudado. Como se todo o conhecimento do pesquisador fosse colocado entre parênteses para deixar aparecer o objeto de estudo. (GIORGI; SOUZA, 2010)

Problematização e Identificação do Objeto de Pesquisa

A partir da identificação e idealização do objeto de pesquisa, o passo subsequente consiste na elaboração de todos os questionamentos pertinentes e centrados no objeto. Ou seja, o *fazer* “Fenomenológico” deve estar evidente e presente durante todo o processo do estudo, desde a sua problematização inicial até a definição do objeto de pesquisa. (BARREIRA, 2017)

As perguntas motivadoras devem ser examinadas para melhor se adequarem ao método. As questões iniciadas com *por que*, *para que* e *quanto* demonstra intenções de elucidar, respectivamente, a relação de causalidade entre fenômenos, a motivação do fenômeno e a quantificação do fenômeno. Todas as questões anteriores presumem um conhecimento prévio do fenômeno e não condizem com o objetivo central da pesquisa fenomenológica que é conhecê-lo. Por ser então uma operação descritiva, é necessária a compreensão, sendo a questão mais próxima do objetivo “*o que é*”, mas esta questão leva o sujeito a explicar o fenômeno e não o descrever como se dá na consciência. Assim, “*como*” é a pergunta que mais nos aproxima de como o fenômeno se manifesta. (BARREIRA, 2017) A definição dos questionamentos é importante, pois a partir deles acessaremos o objeto de pesquisa.

O objeto de pesquisa é o tema responsável por despertar a curiosidade do pesquisador. (MAHFOUD; MASSIMI, 2013) Aqui é importante a *epoché*, para que ocorra a suspensão de teorias e conhecimentos prévios e o acesso ao objeto nos resulte nas experiências vividas pelos sujeitos. (BARREIRA, 2017)

Construção do Objetivo

Para a construção do objetivo, mais uma vez se faz necessária a *epoché*. Todo conhecimento a respeito do objeto deve ser colocado de lado, a ideia do objeto deve ser esvaziada de sentidos possíveis, sem que haja a intenção de dar explicações ou interpretações, e ser evitado assumir de antemão ideias pré-concebidas e determinadas. (BARREIRA, 2017; MAHFOUD; MASSIMI, 2013)

A construção do (s) objetivo (s) deve considerar dois principais elementos: o objeto de pesquisa e o conhecimento pertinente. Assim, o objetivo é capaz de *identificar* a experiência para que esta inicie a preencher o objeto e *compreender* os sentidos que a experiência nos traria com esta pesquisa. Identificar e compreender quais são os polos objetivos e subjetivos do fenômeno, sem os quais não podemos desvendar a experiência. (BARREIRA, 2017; MAHFOUD; MASSIMI, 2013)

Identificação da Amostra Intencional

Para o desenvolvimento do estudo, é ainda necessário identificar os sujeitos que tiveram “experiências significativas” com o objeto estudado, traduzidas na transformação do fenômeno para a subjetividade durável. Se o sujeito em questão tiver esta vivência, o seu relato poderá se basear em opiniões ou fantasias sobre o tema em questão. (BARREIRA, 2017; MAHFOUD; MASSIMI, 2013)

No entanto, estas qualidades não garantem que o sujeito tenha realmente vivido a experiência de interesse, e somente no momento da entrevista há a confirmação desta experiência (BARREIRA, 2017). Novamente, deve ser utilizado a *epoché*, evitando partir de alguma concepção a respeito do fenômeno, para questionar a possibilidade de ter um indivíduo que se encaixasse nas características definidas para a amostra intencional e que não tenha realmente vivido a experiência de interesse.

Na possibilidade de que o estudante tenha ido para outro país com a finalidade de intercâmbio, porém tenha convivido apenas com brasileiros, falando português e comendo comidas tipicamente brasileiras, pode ser considerado que este sujeito “viveu” a experiência de intercâmbio universitário? Portanto, foi a entrevista que ofereceu recursos para considerar ou não este sujeito como parte integrante da amostra.

FASE EMPÍRICA

Entrevista Fenomenológica

A *escuta suspensiva* é idealmente uma das técnicas utilizadas para que a experiência seja captada e que o relato seja direcionado para o fenômeno em questão. Trata-se outra vez da *epoché* utilizada para que a troca empática entre entrevistador e entrevistado seja maximizada. Ao sair da orientação natural, o pesquisador assume um interesse voltado para a vivência do sujeito denominado *orientação empático-psicológica* e o entrevistado fica mais confortável para trazer sua experiência pessoal e não generalista (BARREIRA, 2017; MAHFOUD; MASSIMI, 2013).

A entrevista fenomenológica usa como base as questões norteadoras, mas lança mão de outras questões que auxiliam a sua condução. A *escuta suspensiva* é essencial neste processo, pois as questões se originam da aproximação do entrevistador e do entrevistado, sendo que o primeiro assume a posição de *aprender e compreender* o fenômeno estudado. As novas questões surgem de um sentido que pode ter sido apenas sinalizado pelo entrevistado, mas que no entrevistador causa desconforto. Caso o entrevistador durante a condução da entrevista não a direcione para a experiência, pode acontecer de o sujeito iniciar um processo de racionalização ou reflexão sobre o fenômeno que o distancie da experiência que foi realmente vivida. O resultado da construção desde encontro é a *produção intersubjetiva do relato da experiência* (BARREIRA, 2017; MAHFOUD; MASSIMI, 2013).

A *empatia* é quem dá acesso ao interior do fenômeno quando o pesquisador é capaz de reconhecer o sujeito como outro eu, sem a objetificação do mesmo. Consiste na possibilidade de proximidade sem anular aquilo que é próprio do sujeito, em perceber a vivência do outro mantendo a distância que define eu e outro como diferentes. O cuidado de não tornar o momento da entrevista meramente técnico é essencial, e o evitar projeções e artificialidades deve ser assegurado, no entanto, são condutas dependentes de treinamentos, (RANIERI; BARREIRA, 2012).

METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DE RESULTADOS

Redução Psicológica

A redução psicológica trata da identificação e descrição dos momentos cruciais contidos nas transcrições das entrevistas de cada um dos sujeitos, e o foco deve permanecer nas experiências vividas (BARREIRA, 2017). É importante ressaltar que a fase de análise de resultados já se inicia durante as entrevistas fenomenológicas. Os dados obtidos na produção intersubjetiva do relato de experiência são convertidos na redução psicológica, mas estas fases são sobrepostas, pois durante as entrevistas realizadas com empatia já é possível reconhecer nexos de sentidos.

Cruzamento Intencional

O cruzamento intencional é um processo que compara e analisa as entrevistas com o objetivo de extrair vivências essenciais que constituem o fenômeno estudado. O foco é o de captar a experiência em si que está presente nas entrevistas realizadas, contrastando-as e extrair os sentidos expressos pelos sujeitos. O *cruzamento intencional* é utilizado para que as operações de redução sejam efetivadas e para que haja uma triangulação entre elas (BARREIRA, 2017).

Redução Eidética

Nesta etapa ocorre o agrupamento dos sentidos semelhantes de forma intuitiva pelo pesquisador e a criação de categorias denominadas *unidades de sentido*. As unidades de sentido devem sintetizar a essência da experiência e ilustrar com exemplos de relatos que demonstrem o sentido e sustentem a unidade (BARREIRA, 2017).

Redução Intersubjetiva

É a fase em que a redução eidética é testada em relação a novas possíveis variações imaginárias. Nesta fase, os agrupamentos que realizados anteriormente

poderiam deixar de existir, permanecer ou se modificar em detrimento de novos agrupamentos (BARREIRA, 2017).

Redução Transcendental

A redução da experiência às vivências constitutivas define a essência da experiência, de modo que, sem este elemento o fenômeno não seria capaz de existir (BARREIRA, 2017).

Justificativa

2. JUSTIFICATIVA

A partir do conhecimento que os estudantes mostram ensejo em participar de programas de intercâmbio internacional, e a internacionalização é um movimento reconhecido em diversas instituições ao redor do mundo, é de interesse identificar as motivações e as barreiras que levam à realização desta experiência. A análise em sob a perspectiva fenomenológica pode trazer uma visão particular sob o objeto de estudo e de algum modo auxiliar no entendimento do fenômeno, na criação de estímulos e transposição dos desafios que dificultam a sua plena viabilização e obtenção de resultados efetivos.

Objetivos

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Analisar as motivações e os obstáculos para a participação e a experiência no intercâmbio internacional de estudantes universitários de cursos na área da saúde.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar e caracterizar amostras de alunos de cursos da área da saúde com experiência de mobilidade acadêmica internacional
- Analisar a percepção e a experiência dos alunos de graduação das áreas de saúde sobre o processo de internacionalização.
- Compreender, sob a perspectiva fenomenológica, a motivação e a experiência de participação em intercâmbio universitário, segundo a visão dos alunos do curso de Nutrição e Metabolismo de uma universidade pública.

Casuística e Métodos

4. CASUÍSTICA E MÉTODOS

O projeto foi previamente submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Saúde Escola - Sumarezinho da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP) e da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (ANEXO A), também passou por aprovação da Comissão de Graduação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP (ANEXO B). Seguida à sua aprovação, precedeu-se com o seu desenvolvimento em três etapas (Figura 1).

Figura 1 - Detalhamento das etapas do projeto

Fonte: produção do próprio autor.

Na primeira fase, os alunos de todos os cursos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP) foram convidados por e-mail a realizar o preenchimento do questionário eletrônico. Os alunos concordantes autorizaram, de forma eletrônica, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A). O convite foi enviado na data de 2 de setembro de 2016 para

aproximadamente 1369 alunos matriculados no segundo semestre dos cursos das áreas da saúde (Medicina, 607 alunos; Fisioterapia, 181 alunos; Nutrição e Metabolismo, 150 alunos; Informática Biomédica, 148 alunos; Fonoaudiologia, 123 alunos; Terapia Ocupacional, 97 alunos e Ciências Biomédicas, 63 alunos), até a data de 23 de setembro de 2016, 124 alunos (9,05%) responderam o questionário enviado previamente. O questionário, criado com o auxílio da ferramenta Formulários do Google, foi elaborado com 28 questões que abordaram a caracterização da amostra, interesse e motivações para realizar ou não um intercâmbio e as experiências de intercâmbio (antes e durante a graduação) (APÊNDICE B). As possíveis sequências de repostas estão demonstradas na Figura 2.

Figura 2 – Possibilidades de resposta do questionário eletrônico.

Fonte: produção do próprio autor.

Foi realizada busca na base de dados eletrônicos do **Sistema Mundus** da Universidade de São Paulo (USP), com o propósito de um mapeamento dos alunos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP) que haviam realizado intercâmbio universitário no período entre os anos de 2012 e 2016. A segunda etapa foi uma caracterização dos alunos da FMRP-USP que realizaram o intercâmbio.

A terceira etapa foi desenvolvida apenas com os alunos do curso de Nutrição e Metabolismo da FMRP-USP que haviam realizado intercâmbio de pelos menos três

meses no exterior durante a graduação. Inicialmente, por meio do relatório do Sistema Mundus foi possível relacionar todos os acadêmicos da FMRP-USP participantes de intercâmbio. Como resultado, foi obtida a identificação de 42 alunas, todas do sexo feminino, que haviam realizado ou estavam em processo da realização do intercâmbio. Todas as alunas foram convidadas a participar da entrevista por meio de uma rede social. Desta amostra, 20 (47,6%) foram entrevistadas, 12 (28,6%) não residiam mais no município de Ribeirão Preto, seis (14,3%) não responderam e quatro (9,5%) não haviam finalizado o processo de intercâmbio. A entrevista para a coleta dos dados ocorreu de forma a garantir a privacidade dos participantes. Todas as entrevistadas assinaram previamente o TCLE (APÊNDICE C) e concordaram em participar do estudo.

As entrevistas foram realizadas com o apoio de questões norteadoras (APÊNDICE D) e foram gravadas com a autorização dos entrevistados. Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas utilizando o referencial teórico da Fenomenologia.

4.1. Entrevistas sob a Perspectiva Fenomenológica

A escolha pelo método fenomenológico adotado para este estudo foi resultado da comparação de diversas metodologias que poderiam ser aplicadas na pesquisa qualitativa. O método fenomenológico foi eleito por considerar o ser humano nas suas mais complexas variações, tornando a investigação abrangente em seus diversos aspectos sem reduzi-los ou objetificá-los (ALES BELLO, 2013).

A seguir, descreveremos o desenvolvimento das fases pré-empírica, empírica e da análise dos resultados no estudo proposto, sob a metodologia fenomenológica.

4.1.1. FASE PRÉ-EMPÍRICA

4.1.1.2. Problematização e Objeto de Pesquisa

Para a condução do estudo e o método escolhido, entendeu-se que o *fazer* “Fenomenológico” deva ser evidente e presente durante todo o processo do estudo, desde a sua problematização até a definição do objeto de pesquisa.

A fase pré-empírica se iniciou com a problematização e a idealização do objeto de pesquisa, e os questionamentos pertinentes, entendendo que para a definição dos questionamentos é essencial ter o acesso ao objeto de pesquisa.

Em seguida, as perguntas motivadoras construídas foram examinadas para adequação ao método. Nesta construção, foram evitadas as questões iniciadas com *por que*, *para que* e *quanto* que demonstram intenções de elucidar, respectivamente, a relação de causalidade entre fenômenos, a motivação do fenômeno e a quantificação do fenômeno. Todas as questões anteriores presumem um conhecimento prévio do fenômeno e não condizem com o objetivo central da pesquisa fenomenológica que é conhecê-lo.

Deste modo, as perguntas iniciadas com “quais” e “*como*” foram aquelas que mais nos aproximou dos fenômenos manifestados.

Nesta pesquisa, a problematização se inicia em torno do “Por quê?” ou o “Para que?” os estudantes do curso de Nutrição da FMRP-USP participam do intercâmbio internacional durante a graduação. Por que eles realizam o intercambio? Esta experiência pode ser utilizada em suas futuras carreiras profissionais? Para que estes questionamentos se tornem objetos e objetivos fenomenológicos, foi necessário sair do motivacional e causal e ir para as vivências propriamente ditas. Posteriormente, saímos dos motivos e vamos para a descrição de “*como*” esta experiência acontece. Assim, definimos o objeto a ser estudado: a experiência de participação em um intercâmbio universitário.

4.1.1.3. Construção do Objetivo

Como previamente explicitado, mais uma vez se fez necessária a *epoché* para a construção do objetivo, em um exercício em que o conhecimento a respeito do objeto foi colocado de lado, evitando ideias pré-concebidas e determinadas, com objetos esvaziados de sentidos possíveis, sem a intenção de explicações ou interpretações.

Estabelecemos a composição em duas partes: o objeto de pesquisa e os conhecimentos pertinentes. Foi realizada análise de se o objetivo foi capaz de *identificar* a experiência, *preencher* o objeto e *compreender* os sentidos que a experiência nos traria com este estudo. Neste contexto, buscamos identificar e

compreender os polos objetivos e subjetivos do fenômeno, para desvendar a experiência da vivência intercâmbio internacional do entrevistado.

Nesta sequência, os seguintes objetivos foram formulados:

i) Identificar e compreender como ocorrem as motivações e a experiência de participação em intercâmbio universitário durante a graduação na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP, segundo a perspectiva dos alunos do curso de Nutrição e Metabolismo.

A definição dos objetivos principais foi seguida pela definição das questões norteadoras e componentes da fase empírica do estudo. Deste modo, para a entrevista foram definidas as seguintes questões norteadoras:

1- Me fale um pouco de como foi antes do intercâmbio (o processo, suas expectativas, decisões, esforços etc.).

2- E como foi sua experiência de intercâmbio?

3- Como você percebe atualmente esta experiência em relação à sua formação?

4- Como você percebe o alcance desta experiência em sua futura atuação profissional?

A primeira pergunta buscou explicitar as motivações para realizar do intercâmbio, mas também captar as experiências prévias para a busca da realização do intercâmbio, por considerarmos estas experiências já façam parte da vivência de interesse. É importante salientar que a terceira e quarta perguntas foram formuladas com alguma amplitude, uma vez que alguns dos estudantes entrevistados, no momento da entrevista, ainda estavam na graduação e outros já haviam finalizado. As perguntas foram realizadas para os sujeitos independentemente da situação.

4.1.1.3. Identificação da Amostra Intencional

Como previamente explicitado, para o desenvolvimento do estudo, foi necessário identificar os sujeitos que tiveram “experiências significativas” com o objeto estudado, traduzidas na transformação do fenômeno para a subjetividade durável.

Inicialmente, buscamos as qualidades *intencionais* destas experiências que definem a configuração do sujeito que participou desta amostra: neste estudo, os

critérios definidos para a escolha da amostra intencional foram: *i)* ser/ter sido estudante do curso de Nutrição e Metabolismo da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP; *ii)* ter permanecido no mínimo três meses em intercâmbio universitário; e *iii)* ter sido subsidiado com o fomento dos programas Ciências sem Fronteiras ou Bolsa Mérito Acadêmico.

Neste processo, foi considerado se estas qualidades podiam garantir que o sujeito tivesse realmente vivido a experiência de interesse. Como previamente explícito, novamente, utilizando a *epoché*, e sem partir de alguma concepção prévia a respeito do fenômeno, foi questionado se seria possível ter um indivíduo que se encaixasse nas características definidas para a amostra intencional e que não tenha realmente vivido a experiência de interesse? No entanto, foi a entrevista que ofereceu recursos para considerar ou não este sujeito como parte integrante da amostra do estudo.

4.1.2. FASE EMPÍRICA

4.1.2.1. Recrutamento para a Entrevista

Com a finalidade de identificar os graduandos e graduados que fizeram parte da amostra intencional deste projeto, foi solicitado relatório de mobilidade de alunos da FMRP-USP. A análise preliminar deste resultou em 42 possíveis sujeitos que atendiam os critérios estabelecidos para a amostra intencional. Todos foram convidados para a pesquisa, e entre aqueles que aceitaram, participaram de mais um processo de seleção, que considerou a logística das entrevistas serem presenciais, e o fator geográfico como limitante para a realização das entrevistas, se o sujeito morasse em local distante de Ribeirão Preto. Deste modo, seguido ao recrutamento, foram realizadas 20 entrevistas.

4.1.2.2. Entrevista Fenomenológica

As entrevistas ocorreram em local agendado com os participantes convidados e concordantes. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente para a análise. Foram conduzidas em acordo com metodologia fenomenológica, e a *escuta suspensiva* foi utilizada para que a experiência fosse captada e que o relato fosse direcionado para o fenômeno em questão. Trata-se outra vez da *epoché* utilizada para que a troca empática entre entrevistador e entrevistado fosse maximizada.

A entrevista fenomenológica usou como base as questões norteadoras, mas lançou mão de outras questões que auxiliaram a sua condução. A *escuta suspensiva* foi essencialmente adotada neste processo.

Durante a condução da entrevista, o entrevistador buscou direcionar para a experiência, de modo a evitar que o sujeito entrevistado iniciasse um processo de racionalização ou reflexão sobre o fenômeno, que o distanciaria da experiência de fato vivida.

4.1.3. METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1.3.1. Redução Psicológica

Os dados obtidos na produção intersubjetiva do relato de experiência foram convertidos na redução psicológica, mas já durante as entrevistas realizadas com empatia foi possível reconhecer nexos de sentidos. Neste processo, são realizadas leituras sucessivas de cada relato individual para obter a extração dos principais temas.

4.1.3.2. Cruzamento Intencional

Em seguida, foi realizado o cruzamento intencional para comparar e analisar as entrevistas e extrair vivências essenciais do fenômeno estudado, ou seja, identificar ideias e temas recorrentes e comuns entre as entrevistas.

4.1.3.3. Redução Eidética

Nesta etapa, buscou-se o agrupamento dos sentidos semelhantes de forma intuitiva pelo pesquisador e a criação de categorias denominadas *unidades de sentido*.

4.1.3.4. Redução Intersubjetiva

Nesta etapa, a redução eidética foi testada em relação a novas possíveis variações imaginárias, e se as entrevistas possuíam em comum entre si, as unidades de sentido, explícita ou implicitamente. Os agrupamentos realizados anteriormente foram analisados se deveriam permanecer ou se modificar em detrimento de novos agrupamentos.

4.1.3.5. Redução Transcendental

Nesta etapa de redução transcendental, foi testado se as vivências constitutivas de cada unidade de sentido definiram a essência da experiência, de modo que, sem este elemento o fenômeno não seria capaz de existir.

Resultados

5. RESULTADOS

5.1. ETAPA 1 - QUESTIONÁRIO “EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL”

Os 124 estudantes que responderam o questionário eletrônico assinaram o TCLE. A maioria dos participantes era do sexo feminino (64,5%) e ingressou na FMRP-USP em 2015 (25,8%), 2013 (15,6%), 2014 (13,7%) e 2012 (11,3%), respectivamente.

No período de aplicação, 2 a 23 de setembro de 2016, o questionário de experiência internacional foi enviado para 1.369 alunos matriculados no segundo semestre dos cursos das áreas da saúde (Medicina, 607 alunos; Fisioterapia, 181 alunos; Nutrição e Metabolismo, 150 alunos; Informática biomédica, 148; Fonoaudiologia, 123 alunos; Terapia Ocupacional, 97 alunos e Ciências Biomédicas, 63 alunos).

O Gráfico 1 mostra a porcentagem de respondentes de cada curso de graduação. A maioria de respostas foi de alunos de Medicina (35%; 46 alunos), o curso da área da saúde com maior número ($n=607$) de graduandos na FMRP-USP. Os percentuais de respondentes observados entre os demais cursos foram: Nutrição e Metabolismo (16%; 20 alunos), da Fonoaudiologia (15%; 20 alunos), da Terapia Ocupacional (15%; 18 alunos), da Informática Biomédica (11%; 14 alunos); Fisioterapia (8%; 10 alunos), e nenhum aluno do curso de Ciências Biomédicas respondeu ao questionário. Quatro questionários foram excluídos por estarem incompletos.

Gráfico 1 - Distribuição de respostas do questionário por curso da FMRP-USP

Fonte: produção do próprio autor.

Dentre os 124 questionários respondidos completamente e analisados, observou-se que o total de 29 alunos tinha realizado intercâmbio internacional. Dentre esses, 11 alunos (37,94%) tinham realizado intercâmbio antes de ingressar na universidade com duração média de 6,1 meses (Desvio Padrão (DP) $\pm$ 5,1 meses). Os países de destino foram Estados Unidos, Canadá, Dinamarca, Portugal, Inglaterra e Espanha. Os alunos avaliaram a experiência como totalmente positiva (63,6%) e predominantemente positiva (36,4%). O Quadro 1 mostra as razões para que a experiência tivesse esta avaliação.

Quadro 1 - Razões para a classificação da experiência antes da graduação

Avaliação da experiência antes da graduação

Tive a oportunidade de praticar meu inglês e conhecer outra cultura como também vivenciar experiências que de outro modo não teria vivenciado.

Foi importante ao meu crescimento pessoal e à apreensão da língua inglesa uma experiência de imersão como esta. Mudou a percepção social e urbanística que eu tinha antes de conhecer outro país e outra cultura.

A experiência do intercâmbio para mim foi totalmente positiva. A quantidade de conhecimento que eu adquiri foi imensa, tanto em idiomas quanto em vivência. Eu entrei mais velho na USP no curso de nutrição devido ao intercâmbio e tudo mais, porém eu vejo que sou muito mais maduro e sei lidar muito melhor com problemas do que o restante dos meus amigos. O intercâmbio me fez evoluir muito pois a toda hora me era cobrado algo novo e que eu tinha que dar um jeito de resolver. Passei por muitos problemas no começo e até pensei em desistir mas são esses problemas que você vai aprendendo a se melhorar. No final do intercâmbio, lá pelo décimo mês eu não queria mais voltar para o Brasil, tanto que quando voltei, tive sérios problemas para me readaptar novamente. Mas eu levo essa experiência para sempre.

Amadurecimento, aprimoramento do inglês, experiências enriquecedoras...

Precisei mudar de família hospedeiras

A experiência permitiu grande troca de experiências entre os alunos dos colégios militares do Brasil e de Portugal, mas poderia ter sido mais produtivo se não houvesse tantos aspectos burocráticos.

Foi a primeira vez que tive a oportunidade de uma estada mais longa em outro país. A adaptação foi bastante rápida graças às orientações que recebi da família local que me hospedou, além da simpatia dos mesmos. As reflexões sobre as diferenças culturais entre Canadá x Brasil, bem como a riqueza da imigração naquele país me proporcionaram muitos aprendizados culturais à época, bem como acadêmicos, já que tive grande evolução no uso da língua inglesa.

Porque quando conheci outra cultura pude ver que não há somente um jeito certo de se viver. Mudou minha visão sobre muita coisa do Brasil.

Eu tinha 16 anos e namorava um menino extremamente ciumento então fiquei meio presa a isso e encontrei muitos brasileiros em Berkeley-CA, então poderia ter sido melhor.

O cronograma de estudos que recebi foi totalmente organizado, de modo que eu tinha horários livres para conhecer a cidade e estudar. A escola onde estudei também tinha um ótimo suporte para os intercambistas, o que me ofereceu muita segurança. A casa onde fiquei era calma e as pessoas eram acolhedoras.

Foi a melhor experiência que já tive, estar em um país longe de casa e dos meus pais me fez crescer como pessoa, ter novas responsabilidades, além de aprender a lidar com situações que nunca passaria se não tivesse feito o intercâmbio. Conheci pessoas e lugares maravilhosos, que levarei para vida toda, além de aprender uma nova língua e cultura.

Fonte: produção do próprio autor.

Dezoito alunos (62,06%) tinham realizado intercâmbio internacional durante a graduação, com duração média de 8,1 meses ($DP \pm 5,6$ meses). Os países escolhidos foram Austrália, França, Espanha, Colômbia, Holanda, Escócia, Portugal, Estados Unidos, Hungria e Noruega. O financiamento da experiência foi para 66,7% dos entrevistados, por meio do programa Ciências sem Fronteiras; 27,8%, de recurso próprio e 5,6%, da bolsa de Mérito Acadêmico.

Novamente, os alunos avaliaram seu período no exterior como totalmente positivo (66,7%) e predominantemente positiva (33,3%). Um dos entrevistados alegou ampliação do período programado inicialmente para viajar por mais duas semanas. As razões apresentadas para a avaliação positiva da experiência estão listadas no Quadro 2.

Quadro 2 - Razões para a classificação da experiência na graduação.

Avaliação da experiência na graduação
Cultura Aprendizado na área Um ano para si mesmo, colocar a cabeça no lugar, conhecer pessoas novas, ampliar os horizontes
Cresci muito como indivíduo e estudante. Tive matérias com as quais não teria contato no Brasil e que me despertaram a atenção para áreas em que planejo agora atuar
Foi uma oportunidade única de estar envolvido com uma nova cultura, uma nova língua e novos costumes. Me senti um verdadeiro cidadão francês!
É uma ótima experiência de se conhecer um novo país e sua cultura, entrar em contato com outros intercambistas, avaliar como o país gradua seus alunos e o como funciona o NHS. Como experiência pessoal e de conhecimento de funcionamento do sistema público de saúde foi excelente. No entanto, a parte de graduação, do contato com a faculdade, me decepcionou um pouco, visto que eu não pude ter qualquer contato com o paciente e nem cursar qualquer matéria de medicina, tendo que escolher outra área da saúde para ter aulas, das quais não me agradaram e que não acho que eu tenha tido algum ganho profissional.
É uma nova experiência de cultura, de aprendizado e de enxergar não só a faculdade como toda a vida por um olhar diferente, as técnicas de ensino, a convivência com pessoas de outros países e a oportunidade de ver o funcionamento de outro tipo de sociedade.
Possibilidade de ajudar ao próximo (visto que era um intercâmbio social); muito crescimento e amadurecimento; aprimoramento do espanhol; experiências incríveis... alguns perrengues...
Considero experiência totalmente positiva porque durante o período do intercâmbio tive a oportunidade de vivenciar outras culturas, do país no qual realizei a viagem e a dos outros intercambistas, bem como transmitir um pouco da minha cultura. Além de desenvolver algumas habilidades de independência, visto que estar sozinha em outro país requer que você tome decisões importantes e resolva problemas sem a ajuda de outras pessoas.
Contato com outras culturas; oportunidade de cursar durante um ano uma graduação no exterior; no meu caso ter a oportunidade de morar sozinha, sem os pais, pela primeira vez.
Julgo como muito positiva a estada na Holanda. Mais uma vez, tive a oportunidade de ter contato próximo com outra cultura, diferente da latina, e obter novos aprendizados com isso. Além disso, quando planejei o intercâmbio, pesquisei muito sobre os programas oferecidos pelas universidades do exterior, e fiquei satisfeito em ter escolhido a Leiden University. No âmbito do programa Ciência sem Fronteiras, havia muitas universidades parceiras que não ofereciam, do ponto de vista acadêmico, programas interessantes para os intercambistas e creio que essa é uma das razões pelas quais VÁRIOS que foram pelo programa acabaram aderindo ao "Turismo sem Fronteiras". No meu caso, embora tenha ficado satisfeito com o programa na Leiden University, creio que a falta de integração do currículo de medicina da USP com as universidades do exterior ainda prejudica o estudante que vai para intercâmbio, já que não há possibilidade de revalidação de créditos/disciplinas obrigatórias do nosso curso aqui. Nesse sentido, talvez um programa de "Study Abroad", em que disciplinas obrigatórias são feitas no exterior, em vez de apenas "Exchange", poderiam tornar a experiência ainda mais válida e proveitosa. No entanto, ainda assim, classifico a experiência como muito positiva.
Apreendi muito a língua em dois meses por ser espanhol e conviver com muitos intercambistas que falavam essa língua. Também vivi em casa de família colombiana o que me ajudou a viver muito a rotina e cultura. Foi um intercâmbio que cresci muito e expandi muito minha mente, pois a realidade que vive era totalmente diferente da que vivo no Brasil.
O intercâmbio possibilitou grande expansão dos conhecimentos, além de crescimento nos âmbitos profissional e pessoal.
Achei a experiência totalmente válida pelo ponto de vista pessoal (crescimento pessoal), embora não tenha achado o mesmo pelo ponto de vista profissional/estudos. Primeiro porque enfrentei restrições para escolher as disciplinas que cursaria no exterior (nem todas estavam disponíveis para estudantes internacionais, acabei por cursar algumas básicas disciplinas de primeiro ano), além de não poder utilizar as disciplinas cursadas no exterior como créditos para as disciplinas que eu cursaria durante o período na FMRP, o que me leva a me formar 2 anos após meu período normal. Contudo considero que foi predominantemente positivo nesse quesito ao mesmo tempo porque pude aprender conteúdos diferentes não abordados no meu currículo normal e experimentar um outro sistema de ensino.
Foi uma experiência incrível, que me fez crescer muito pessoalmente e aprender muito com cada detalhe da viagem que eu nem imaginei que fosse possível. Foi a melhor experiência da minha vida.
Pude cursar disciplinas clínicas médicas e aprender conceitos com mais profundidade que veria no curso daqui, como radiologia e exames de imagens. Além disso, aperfeiçoei meu inglês e tive imersão em uma cultura diferente.
Período de crescimento acadêmico, profissional e pessoal.
Porque cresci muito como pessoa e futura profissional da saúde. Meus valores e prioridades mudaram e acredito que terei uma vida melhor e ajudarei mais meus pacientes por conta das experiências vividas no intercâmbio.

Fonte: produção do próprio autor.

Dos alunos respondentes e que realizaram intercâmbio durante a graduação, 100% mostrou interesse em ter novamente esta experiência. O Gráfico 2 demonstra a opinião do estudante respondente de qual seria o melhor momento para realizar novamente o intercâmbio. Nesta questão de múltipla escolha, foi possível a marcação de mais de uma alternativa.

Gráfico 2 - Momento apropriado para realizar uma segunda experiência de intercâmbio, segundo os alunos que realizaram a experiência durante a graduação.

Fonte: produção do próprio autor.

Os alunos que não realizaram o intercâmbio foram questionados quanto ao interesse em realizá-lo; às motivações para não ter realizado o intercâmbio, caso tivessem tido interesse; ou para a falta de interesse na experiência. Ainda, para ambos os grupos, aqueles com interesse ou desinteresse na experiência de intercâmbio, foi solicitada a opinião sobre os potenciais benefícios que o intercâmbio possa oferecer aos estudantes. No grupo de entrevistados, 94,3% demonstrou interesse em fazer intercâmbio, e apenas 6 alunos relataram não ter interesse na experiência. A Tabela 1 e o Quadro 3 apresentam os motivos pelos quais alunos que tem o interesse em realizar o intercâmbio não o fizeram.

Tabela 1 - Motivações para não realizar intercâmbio na visão de quem tem interesse em realizá-lo.

Razões para não fazer intercâmbio					
	1	2	3	4	5
Razões financeiras	12%	8%	19%	26%	35%
Dificuldades em aprender idiomas	49%	23%	12%	10%	6%
Receio de não se adaptar a nova cultura	71%	19%	8%	1%	1%
Ter que fazer novos amigos	80%	10%	7%	1%	2%
Receio de não se adaptar longe da família	58%	15%	18%	6%	3%
Receio de ficar "atrasado" na faculdade	34%	9%	23%	17%	17%

Escala onde 1 corresponde a "discordo plenamente" e 5 a "concordo plenamente".
 Fonte: produção do próprio autor.

Quadro 3 - Razões para não realizar o intercâmbio tendo o interesse em realizá-lo.

Razões para não realizar o intercâmbio

A exigência de um certificado. Apesar de entender e falar bem inglês, não possuo um certificado por causa do valor e não consigo me cadastrar nas oportunidades proporcionadas pela universidade.

O grande problema, ao menos na medicina, é a penalização do aluno que faz o intercâmbio, não há equivalência entre as matérias de fora e do Brasil, e muitas vezes lá fora não temos tanta abertura para fazermos anamnese...

Tenho que cumprir algumas dependências antes de tentar intercâmbio.

Durante a graduação os programas de intercâmbio são muito criteriosos na seleção de alunos.

Não conseguir vaga nos programas por ter DP foi o principal motivo de não ter feito.

Os intercâmbios associados a FMRP são, geralmente, de longa duração (6 a 12 meses). Para alunos de Medicina, isso significa perder um ano acadêmico e cair de turma, sendo que o curso já é demasiadamente longo (6 anos). Assim, seria muito positivo se a FMRP também oferecesse intercâmbios de curta duração, de um mês, que pudessem ser realizados durante as férias.

Receio de ficar longe da namorada (4)

Falta de oportunidade

Os programas de intercâmbio exigem um nível de inglês muito alto, e não tenho recursos financeiros para fazer um curso

Infelizmente tenho disciplinas com pendências e no momento da seleção do aluno para fazer o intercâmbio, os responsáveis pelo processo seletivo observam este detalhe no currículo (Resumo Escolar).

Ainda não posso realizar, pois não tenho 20% do curso concluído(requisito básico).

Não ter surgido a oportunidade de vaga

Tentei 1x e a concorrência está muito alta agora. Antes tinham programas somente para a nutrição e agora não mais.

Não realizei intercâmbio até hoje porque não consegui o Ciências sem fronteiras no início do curso e depois ele foi congelado. Os outros programas existentes não cobrem os gastos do aluno e eu não tenho estrutura financeira que possibilite participar.

Não ter informação nenhuma em relação a docentes e pessoas que já foram fazer intercâmbio para ajudar na escolha de um país, universidade enfim, nenhuma ajuda informativa quanto a ida para outro local cursar parte da faculdade

OPORTUNIDADE!!! Acredito que a principal razão seja a falta de oportunidades, principalmente para alunos que não fazem Medicina.

Ainda não tenho o requisito mínimo necessário segundo os editais, que seria ter ao menos 4 semestres concluídos.

Falta de integração entre o intercâmbio e graduação, como equivalência de matérias ou validação do diploma no território estrangeiro

O fato da faculdade não oferecer uma forma de dar continuidade ao curso durante o intercâmbio. No caso dos estudantes de medicina, um intercâmbio implica necessariamente em perder um ano da graduação.

Não conclui o tempo necessário da graduação para poder concorrer ao intercâmbio.

Exigir uma média ponderada alta, sendo que o principal deveria ser a qualidade do idioma e o interesse em agregar um conhecimento a mais.

Não ser fluente em outro idioma; dificuldades financeiras para aprender um novo idioma e atingir certo nível de fluência.

Ainda não realizei o intercâmbio por medo de perder meu emprego, uma vez que ajudo minha família com o salário. Mas irei realizar no meu último ano da faculdade ou assim que terminar o curso.

Falta de informações sobre os tipos de intercâmbios e bolsas oferecidos pela faculdade.

Fonte: produção do próprio autor.

Já a Tabela 2 e o Quadro 4 mostram os possíveis benefícios adquiridos em um intercâmbio, segundo a visão dos estudantes com interesse em realizá-lo.

Tabela 2 - Benefícios do intercâmbio para o estudante na visão daqueles que tem interesse em realizá-lo.

Benefícios do intercâmbio para quem o realiza					
	1	2	3	4	5
Aprender novo idioma	0%	0%	0%	15%	83%
Conhecer pessoas	0%	0%	11%	19%	70%
Conhecer novas culturas	0%	0%	3%	19%	78%
Ficar mais independente	0%	0%	50%	33%	17%
Sair da zona de conforto	1%	3%	11%	24%	61%
Conhecer mais a si mesmo	1%	5%	15%	22%	57%
Melhorar o currículo	1%	0%	6%	19%	74%

Escala onde 1 corresponde a "discordo plenamente" e 5 a "concordo plenamente".

Fonte: produção do próprio autor.

Quadro 4 - Benefícios do intercâmbio para o estudante na visão daqueles que tem interesse em realizá-lo.

Benefícios de quem realiza o intercâmbio
Testar os limites de estar em outro país.
Conhecer a ciência como é feita fora do país.
Fazer um intercambio não compreende só em benefícios pessoais, mas também para o curso. A USP, apesar de ser um potência, está muito longe de alcançar as universidades de ponta dos países desenvolvidos, por isso, acredito que acima de tudo, o benefício também seria do curso que representaria lá fora, para aperfeiçoá-lo aqui.
Aprender outras perspectivas profissionais, como ocorre a medicina em outros países, e assim melhorar nossa própria atitude profissional.
Fazer contatos com pessoas e culturas, mas de uma forma que crie laços duradouros e oportunidades.
O intercâmbio pode ser uma experiência de vida única, que envolve todos os aspectos já citados e abre novos horizontes e perspectivas de vida, trabalho, relacionamentos, etc

Fonte: produção do próprio autor.

Os alunos que não demonstraram interesse em realizar o intercâmbio também foram questionados quanto aos motivos para não demonstrar tal interesse (Tabela 3), e os benefícios que eles acreditavam que o estudante que realizava o intercâmbio pudesse adquirir (Tabela 4).

Tabela 3 - Motivações para não ter interesse em realizar intercâmbio.

Razões para não ter interesse em fazer intercâmbio					
	1	2	3	4	5
Razões financeiras	0%	33%	33%	17%	17%
Dificuldades em aprender idiomas	67%	17%	0%	0%	17%
Receio de não se adaptar a nova cultura	83%	17%	0%	0%	0%
Ter que fazer novos amigos	83%	0%	17%	0%	0%
Receio de não se adaptar longe da família	83%	0%	0%	17%	0%
Receio de ficar "atrasado" na faculdade	17%	0%	17%	17%	50%

Escala onde 1 corresponde a "discordo plenamente" e 5 a "concordo plenamente".

Fonte: produção do próprio autor.

Tabela 4 - Benefícios do intercâmbio para o estudante na visão daqueles que não tem interesse em realizá-lo.

Benefícios do intercâmbio para quem o realiza					
	1	2	3	4	5
Aprender novo idioma	0%	0%	0%	33%	67%
Conhecer pessoas	0%	0%	33%	17%	50%
Conhecer novas culturas	0%	0%	17%	33%	50%
Ficar mais independente	0%	17%	50%	17%	17%
Sair da zona de conforto	0%	0%	50%	33%	17%
Conhecer mais a si mesmo	33%	0%	17%	17%	33%
Melhorar o currículo	17%	17%	17%	33%	17%

Escala onde 1 corresponde a "discordo plenamente" e 5 a "concordo plenamente".

Fonte: produção do próprio autor.

5.2. ETAPA 2 – DIAGNÓSTICO DO INTERCÂMBIO

Utilizando os dados inseridos no Sistema Mundus-USP, foi feito um levantamento e mapeamento dos alunos dos cursos da FMRP-USP que realizaram intercâmbio universitário internacional, entre os anos de 2012 e 2016.

A amostra consistiu em 123 alunos dos cursos de Medicina, Ciências Biomédicas, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Metabolismo e Terapia Ocupacional, que realizaram intercâmbio internacional. Os destinos escolhidos pelos alunos foram Portugal (26,8%), Austrália (20,3%), Estados Unidos (13,8%), Espanha (9,8%), Inglaterra (8,1%). Canadá (4,9%), França (2,4%), Alemanha, Escócia, China, Argentina, Itália (todos os cinco com 1,6%) e Hungria, Irlanda do Norte, Irlanda, Japão, Noruega, Países Baixos e Romênia (todos os sete com 0,8%).

O financiamento do intercâmbio foi pelo programa CSF para 60,2% dos alunos, seguido pelo Convênio Acadêmico (28,5%), Mérito Acadêmico (3,3%) e Programa ESCALA Estudantil de la AUGM (0,8%). Para 7,3% deles, o intercâmbio não foi financiado por nenhum programa ou convênio. O tempo médio do intercâmbio universitário foi de 9,6 meses ($\pm 4,5$ meses).

Foram identificados 42 alunos do curso de Nutrição e Metabolismo que haviam realizado intercâmbio. Esta amostra de estudantes era na totalidade do gênero feminino, e a distribuição dos destinos escolhidos foram: Portugal (50,0%), Espanha (14,3%), Austrália (9,5%), Estados Unidos (9,5%), Inglaterra (4,8%), Canadá (4,8%), França (2,4%), Itália (2,4%) e Alemanha (2,4%). O financiamento do intercâmbio foi para 50% das estudantes por meio do convênio acadêmico (firmado com as Universidades em Portugal e Canadá); 40,5%, do programa CSF; 4,8%, da bolsa de Mérito Acadêmico e 4,8% foi por recurso próprio. O tempo médio da experiência internacional foi de 8,5 meses ($\pm 4,1$ meses).

Dentre as 42 estudantes do curso de Nutrição e Metabolismo que realizaram intercâmbio, 20 (47,6%) foram entrevistadas, 12 (28,6%) não residiam mais no município de Ribeirão Preto, seis (14,3%) não responderam e quatro (9,5%) não haviam finalizado o processo de intercâmbio.

5.3. ETAPA 3 – ENTREVISTAS FENOMENOLÓGICAS

Foram entrevistadas 20 alunas e ex-alunas no curso de Nutrição e Metabolismo que realizaram intercâmbio durante a graduação por período superior a três meses. As alunas tinham em média 26 anos quando entrevistadas (DP $\pm 1,6$ anos). A duração média da experiência foi de 8,9 meses (DP $\pm 3,4$ meses). O destino de 45% delas foi Portugal, seguido pela Espanha (25%), e Austrália, Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, França e Itália (todos 5%). Metade destas estudantes foi financiada pela bolsa de Mérito Acadêmico (Portugal e Canadá) e a outra metade, pelo programa CSF.

Para explorar a experiência internacional e suas motivações, as entrevistas foram transcritas e analisadas pela ótica da Fenomenologia. Com isso, os principais elementos constituintes do fenômeno foram descritos em forma de unidades de sentido. A análise dividiu as entrevistas em duas partes principais: a motivações para realizar o intercâmbio e a experiência da vivência internacional.

5.3.1. MOTIVAÇÕES PARA REALIZAR O INTERCÂMBIO

Na análise das entrevistas, foram identificadas duas unidades de sentido e consideradas interligadas. Estas unidades de sentido foram denominadas “O impacto da palavra oportunidade” e “As dores do processo”, como mostra a figura 1:

Figura 3 - Unidades de sentido identificadas na análise das motivações e experiência do intercâmbio

Fonte: produção do próprio autor.

5.3.1.1. O impacto da palavra oportunidade

Os sujeitos entrevistados, de uma maneira geral, descreveram que o intercâmbio foi uma oportunidade única que não poderia ser desperdiçada. São diversas as motivações alegadas, mas passam por questões financeiras, desejo de ter contato com outras culturas e a experiência exitosa daqueles que passaram pela experiência e somam-se ao incentivo familiar e dos colegas de classe que também se interessaram por participar e acabam incentivando alguns indivíduos que não tinham este desejo ainda internalizado. Porém, a pressão da oportunidade apresentada como única, e formadora de currículo e de experiências de vida também atua como uma força que quase obriga o indivíduo a participar para não se arrepender no futuro. As motivações para participar da experiência são descritas a seguir:

5.3.1.1.1. O “empurrãozinho” financeiro

Em um cenário em que as bolsas de estudo para ter a experiência no exterior começam a ser mais frequentes, mesmo os indivíduos que alegam nunca ter desejado a experiência anteriormente, tiveram o interesse despertado pela oportunidade que lhes é apresentada com facilidade.

E11 “Comecei a fazer (espanhol) acho que em 2012, fui fazendo, e começou a crescer o Ciências. Todo mundo indo, tal, conseguindo a bolsa *super fácil*, e a C já fazia também, a gente é muito amiga - aí a gente falou, as três, ‘Vamos tentar?’”

E18 “Na verdade eu nunca tinha pensado em ir... Todo mundo tem aquela vontade de morar fora, mas não era um desejo que eu tinha em princípio. Aí, abriu essa bolsa, mérito acadêmico, foi no meu ano que abriu, e começou a plantar uma sementinha, assim, maior”.

E1 “Na época a bolsa não era um *bicho de sete cabeças* para conseguir. Então, era uma oportunidade que estava sendo dada. Como é que é não aproveitar? Então, foi isso, e a gente foi indo atrás”.

Outros indivíduos desejavam ter a experiência, porém não possuíam o recurso financeiro exigido. E a oportunidade vem então em forma de bolsa que cobria todos os gastos do indivíduo.

E13 “Em outubro de 2011, vi o e-mail do edital, bolsa completa, passagem, tudo... Porque antes, do Ciências sem fronteiras, a maioria das bolsas eram assim, um auxílio, você não paga mensalidade e eles te dão um pequeno auxílio... Mas o Ciências cobria tudo... Passagem e tudo.”

E15 “Desde o começo... eu sempre quis fazer intercâmbio, desde o meu colegial, só que não deu, porque era muito caro, muito complicado, então falei “Na faculdade penso nisso”, e quando entrei, já foi buscando isso.”

E7 “Quando eu entrei na USP, eu tinha várias expectativas... Em relação ao curso, estágio legal e arrumar um emprego depois... Intercâmbio passava de longe na minha *mentalidade*, porque eu não teria condições financeiras de fazer um intercâmbio. Eu até pensava, gostava... Achava que ter uma experiência com outras pessoas e outras culturas seria extremamente enriquecedor, mas não passava na minha cabeça por conta da condição financeira. Quando houve a oportunidade do intercâmbio, eu fiquei extremamente empolgada, tanto que eu tentei os três. Eu tentei o Ciências sem Fronteiras, que era um ano, tentei o mérito acadêmico, que eram seis meses e tentei o Santander que eram seis meses.”

E9 “Eu sempre quis viajar, e isso, a oportunidade seria junto na graduação, porque ganhava uma bolsa, porque se eu fosse depois eu ia ter que me bancar, e não ia ter condições...”

E16 “Ficou guardado porque eu não tinha condições de ir por conta... Eu sabia que muitas pessoas tinham que por dinheiro... Eu fiquei muito empolgada. Porque eu sabia que... Como eu

perguntei para as meninas que já tinham ido, em relação ao dinheiro, por exemplo, eu sabia que eu ia conseguir me manter com a bolsa, que eu ia conseguir viajar, conhecer os lugares que eu queria, então eu estava bem animada, e com a faculdade também eu estava animada".

Porém, em seguida, as bolsas começaram a ser cortadas e a pressão pela oportunidade de viajar para fora começou a aumentar. Com isso afloram os sentimentos de tristeza, tensão e competição em torno do processo.

E19 "Ficou um tempo sem ter a bolsa. Mas quando voltou a ter a bolsa, foi no ano em que eu fui... tiveram só cinco bolsas pra FMRP toda, e eu que comecei a ir atrás de tudo para toda a Nutrição... Eu ensinei todo mundo a fazer todo o processo, e eu fiquei de fora, por um. Eu fiquei muito triste".

E17 "Esse ano foi um ano um pouco tenso, porque já sabíamos que seria o último edital, e que eles reduziram de 1000 bolsas para 500, então, estava muito mais concorrido, e a pressão para ter uma nota boa na proficiência, na seleção interna e no Enem... para quem já tinha feito o Enem – eu já tinha feito em 2009 e 2010. Mas acabou que deu certo. Foi meio tenso porque as pessoas do próprio edital estavam um pouco tensas em relação a isso, e estava todo mundo querendo saber as notas, saber quanto você tinha tirado, então, foi um processo meio tenso, pelo fato de ter diminuído as vagas e tudo mais, e todo mundo sabia que seria praticamente o último edital".

5.3.1.1.2. O desejo de absorção de uma nova cultura

A oportunidade também se apresentou para estes indivíduos como uma forma de realizar os sonhos de viajar, conhecer novos países, pessoas de diferentes culturas e aprender novos idiomas.

E9 "Lá você consegue viajar mais fácil. Como eu sempre quis viajar... Eu não fui tanto assim pelo ensino, sendo muito sincera mesmo, eu fui mais pela oportunidade".

E7 "E esperava também, não vou negar... Lazer. Porque para mim, assim, eu gosto de conhecer coisas novas, ruins ou boas, eu gosto de conhecer, então eu fui com muita, muita expectativa".

E1 "Mas o que realmente me deixou assim foi a oportunidade de estudar em outro país, porque eu acho que é uma coisa que a gente nunca imaginaria que teria a oportunidade de fazer. Imagina? Fazer faculdade fora. E conhecer mesmo os outros lugares".

E16 "Eu sempre gostei muito de estudar, mas porque também eu queria conhecer o outro país".

Alguns dos entrevistados tinham um destino que desejavam fixados. As razões apresentadas giraram em torno da admiração que sentiam pela cultura ou uma

busca de identidade familiar com o país de destino. Outros indivíduos selecionaram o país para o intercâmbio pelas razões da experiência prévia de moradia e certa familiaridade com o país de destino.

E17: “Na verdade a história é um pouco diferente, porque eu resolvi tentar o edital, só que eu sabia que eu queria Itália, e assim foi do nada que eu decidi fazer o intercâmbio. Foi mais por admiração, pela admiração que eu tenho pela Itália em si, pelos costumes, pelos hábitos alimentares deles, e também com relação à cultura Romana”.

E12 “E falaram da Espanha, ainda, e minha família é toda da Espanha. É muito forte isso na minha família materna... A minha vó, é jeitão espanhol mesmo, minha família inteira, e eu sempre tive muito orgulho do meu sobrenome, que é espanhol”

E7 “E, no Ciências sem Fronteiras, que tinha vários lugares, eu acabei escolhendo a Espanha também, porque outra expectativa minha era enriquecer em termos técnicos relacionados à Nutrição, conhecimento na parte de educação nutricional e tipo de refeições, e como a Espanha tem a dieta do mediterrâneo, eles tem hábitos muito diferentes dos nossos, porém, com uma qualidade – se a gente for pensar no tradicional do Brasil. Igual ou melhor”.

E13 “Eu amo esse país (EUA)... As coisas são muito fáceis aqui... É muito gostoso...Quero voltar um dia”, então eu sai de lá querendo voltar um dia...”

Determinados indivíduos optaram pelo destino do intercâmbio pela familiaridade com o idioma (ao escolher Portugal, por exemplo) ou por terem o processo de seleção idiomática facilitado para o destino escolhido.

E8 “De escolher, o porquê de Portugal, duas facilidades: a língua, e era um país que eu sempre tive muita vontade de conhecer, dentre todos os outros.”

E14 “E aí abriu um edital pra Portugal, na verdade, e eu me inscrevi... Só que eu não sei o que aconteceu com esse edital, se teve muita inscrição para Portugal e não teve para outros países... E eles selecionaram algumas pessoas para escolher outro país para ir. E eu fui uma delas, e eles me deram 5 opções de países... Não lembro bem quais eram os países, agora, acho que era Itália, França, Noruega... Alguma coisa assim... E eu sempre quis ir pra França, sempre fui fascinada pela França, meu sonho era ir pra Paris, eu falei “Minha chance! Vou pra França!”, porque, se eu me inscrevesse direto pra França, ia ter prova de proficiência, não tenho –não tinha, no caso, um nível de francês a altura... E aí surgiu essa oportunidade que eu não precisava do nível de francês... Eles iam me oferecer um curso lá, 6 meses de curso, e depois a faculdade... E então foi isso, eu resolvi ir para França...”

E15: Apareceu o Ciências um semestre antes de eu ir para Portugal, e apareceu para os Estados Unidos... Eu tentei, só que

tinha que fazer o Toefl e estava muito em cima da hora, não tinha em Ribeirão, ia ficar caro e eu desisti... Eu só passei na 1ª fase e a 2ª eu nem tentei... Aí abriu essa de mérito acadêmico, e eu fui atrás, vi que não tinha tanto problema, não tinha que fazer nenhum teste de proficiência porque era português, aí eu falei “Ah, vai ser mais fácil”.

E3 “Não contatei nenhuma escola de inglês para fazer a prova. Eu simplesmente peguei provas na internet e fiz. Fui... Dei as caras e fui fazer a prova de proficiência. E acabou que eu tirei uma pontuação de 85 e eu precisava de uma pontuação de 87. Só que o bom é que para Austrália você pode ir com menos nota e você faz inglês. Então, foi por isso que eu fiquei mais tempo, eu fiz um pouco de inglês antes, eu fiz 15 semanas de inglês. Daí se eu tivesse tirado menos nota ainda, tipo 6, eu faria 25 semanas de inglês. Eu fui com 15 semanas”.

As motivações relacionadas ao desejo de aprender um idioma novo ou à admiração pela língua nativa do país destino também foram gatilhos para alguns dos entrevistados realizarem o intercâmbio.

E17 “E, assim, eu escolhi a Itália porque eu sempre admirei muito a cultura italiana... Eu não tenho nenhum parente italiano... Minha família é de descendência portuguesa e japonesa, então eu não tenho nada de italiano na família, mas eu sempre admirei muito o idioma, e eu queria muito, muito aprender, porque eu acho o idioma muito bonito... Então foi aí que eu tive a ideia súbita de tentar o intercâmbio”.

E11 “Eu sempre pensei em fazer alguma coisa fora da faculdade, só que eu nunca tinha pensado em fazer o intercâmbio em si. Daí o que aconteceu... Eu já falo inglês, desde que eu formei no ensino médio, aí eu falei ‘Eu vou começar a fazer outra língua para eu tentar fazer alguma coisa nisso. Eu fui conhecendo, tal, e vi o espanhol... Falei ‘Nossa, o espanhol é um curso de três anos só... Eu vou começar a fazer’... que eu vi que tinha aberto edital para Espanha no ano passado e eu falei ‘Vamos tentar’ Precisava ter o espanhol para fazer a prova ‘E aí eu falei ‘Já que eu estou fazendo o curso, eu vou tentar fazer essa prova...’. Foi tudo meio que no susto, sabe? Tipo, ‘Ah, eu vou tentar’”

E7 “Como eu queria uma cultura diferente, eu pensei na Espanha por ser outra língua. E outra coisa que eu esperava do intercâmbio era me tornar fluente em uma segunda língua”.

5.3.1.1.3. As experiências exitosas

O exemplo de outras pessoas que participaram de programas de intercâmbio é estímulo e motivação para aqueles que estavam no processo de decisão. Estas experiências trazem segurança que incentivam outros alunos a participar gerando interesse e empolgação. A experiência de outros alunos também é benéfica para aprendizado dos interessados em atenção à correção das falhas anteriores, como por exemplo, o início do processo com bastante antecedência, que pode minimizar a ansiedade e facilitar a realização de todo o processo nos prazos estipulados.

E16 “Quando eu entrei na faculdade, eu já conhecia uma ou outra... Não do curso, mas de outras faculdades, que já tinham saído do país, e eu achava isso muito legal. Eu sempre tive vontade de sair do país, pra qualquer lugar, mas eu queria sair... Aí quando eu fui vendo, ao longo do tempo, o pessoal começou a sair, e eu me lembro de algumas meninas que foram pra Portugal, eu comecei a pensar que eu gostaria de fazer isso também”.

E15 “Tinha gente que tinha ido para Portugal e falou *super bem*... Tinha um rapaz que eu conhecia da Química que amou e eu fui me empolgando”.

E4 “Eu lembro que mais ou menos no segundo ano, eu comecei com essa ideia de intercâmbio. Não lembro porque, assim exatamente, eu acho que porque alguns veteranos nossos, a L, sabe, tinham feito intercâmbio, a F também e *rolou* alguns comentários, e eu comecei a me interessar.”

E3 “Eu sempre tive vontade de fazer de novo, e a turma 7 muita gente foi, minha turma é a turma 8, eu fiquei com muita vontade de ir também quando eles voltaram e contavam”

E1 “O meu cunhado ele tinha ido e foi muito legal, porque ele tinha acabado de voltar no final do ano, e começou o ano em que eu começaria a ver as coisas, e eu vi o tanto que foi legal a experiência dele, tanto que ele voltou animado por estudar em outro país, que foi uma coisa que a gente nunca imaginou que a gente ia poder....”

E16 “No começo, não lembro, mas eu não me inscrevi, não fui atrás, porque eu achei também que era meio cedo para ir, no curso... Mas fui acompanhando as pessoas que foram, tudo mais, e todo mundo achava legal...”

E14 “Eu sempre quis fazer intercâmbio, desde o colegial quando aquele pessoal ia passar fora, pelo Rotary, essas coisas assim, eu sempre quis. Quando eu entrei na faculdade eu descobri que muita gente estava indo, as meninas – minhas veteranas – estavam indo e eu falei “Quero ir também!”, e fui atrás de pesquisar...”

E8 “A gente teve tempo para procurar tudo com calma... Ir para São Paulo... Porque o pessoal que foi só com seis meses de antecedência correu muito. Tudo em cima da hora e tal, então a gente foi *super tranquilo*... E eu fui desencanada, se ‘*rolar rolou e aí aconteceu*’. Eu acho que só... De período... A chatice só é

ter que ir para São Paulo duas, três vezes... E vai, e volta, vai, volta... Era a única coisa chata... Do restante sem problema nenhum... Acho que todo mundo ajudou bastante, professor ajudou bastante, a M ajudou a gente muito... E só”.

Com a oportunidade de viver esta experiência se manifestando das mais diversas formas, outros fatores também são motivadores da experiência tais como:

5.3.1.1.4. Movimentação dos colegas

Com a facilidade das bolsas e o surgimento das oportunidades, muitos alunos iniciaram a movimentação para as inscrições e com isso, alguns que não buscavam por oportunidades para estudar fora do país começam a sentir-se estimulados e seguros para tentar a inscrição. Em alguns casos, as inscrições ao programa de bolsas ocorreram de uma maneira não planejada e sem avaliação apropriada, deixando que o “destino” definisse a decisão a ser tomada. Em vários casos, foi relatada a expressão como “se der certo, deu”.

E17 "Tinham duas amigas minhas prestando também, só que cada uma para um país diferente... E eu decidi meio que junto com elas “Vou tentar porque ano que vem é meu último ano de faculdade... Se der certo, deu, se não der eu me formo”, então foi meio que... Não foi uma decisão pensada, assim, muito planejada... ”

E2 “Quando eu estava no estágio, no primeiro semestre de 2013, surgiram as inscrições para essa bolsa. As meninas que estavam no meu grupo de estágio começaram a comentar: “porque é nossa última chance, e eu quero tentar”, “me arrependi de não ter ido antes” e tal, e ficaram falando na minha cabeça: “Vamos, vamos, vai ser legal!”, “Vai ser uma oportunidade”. Eu falei: ‘Bom, não tenho certeza se eu vou conseguir, então não custa nada me inscrever’. Daí eu fiz inscrição, levei todos os documentos tal, e não é que consegui.”

E12 “A turma 7 começou a ir muita gente, começou a ir uma galera e beleza, e eu vi que era um pouco mais fácil só que foi a F, na verdade, a F e a C que tiveram essa ideia de intercâmbio e falaram pra mim, tanto que eu nem era tão amiga delas na época...”

Esta sensação de segurança se estende para a viagem em si, pois o fato de realizarem o intercâmbio com pessoas conhecidas para um país onde tudo é novo reduz o sentimento de insegurança e encoraja a experiência. Nota-se que existe uma dificuldade em assumir a jornada solitária da experiência de intercâmbio, e uma tentativa de levar na bagagem os recursos que diminuam o sentimento de solidão.

E1 “O principal motivo foi o de eu não estar sozinha e é uma oportunidade grande. Todo mundo tem vontade, o que falta é coragem, de deixar tudo. Eu namorava na época, ainda namoro, eu liguei para ele e falei ‘Parece que eu vou fazer intercâmbio’, e ele deu muito apoio também. Então foi assim, foi uma coisa que fluiu naturalmente, não teve nenhum obstáculo, nada. Parecia que tinha que ser.”

E1 “Por ter mais pessoas comigo eu fiquei com mais vontade de ir, porque talvez se eu tivesse sozinha, sozinha eu não sei se eu ia ter vontade de começar a ver as coisas, não sei se eu ia ter coragem. Mas como elas estavam comigo e foi ‘*Vamos, vamos, vamos!*’”

E8 “Da nossa sala, a gente foi em três. Então, foi *super tranquilo...* A gente fez todo o processo juntas...”

E3 “E minhas amigas da faculdade a M.S., a F. e a C. também estavam indo. Só que elas, queriam todas elas ir para a Espanha. Eu até pensei em ir pra Espanha...”

E10 “Então, eu já estava no estágio, no 5º ano, eu achava que eu não iria. Mas aí surgiu o edital, e mais quatro meninas se inscreveram, eram minhas amigas que estavam passando no estágio, e aí as meninas “Ai, vamos D, vamos, vamos!” E eu nunca pensei em fazer intercâmbio... Eu não quero atrasar a graduação, quero me formar esse ano.”... Mas aí a gente conversando... Sabe aquelas coisas, você conversa com os outros, você fica empolgada com que os outros tão falando, eu falei “Vamos tentar.” Eu fui, me inscrevi, eu acho que foi...”

E11 E no final do ano de 2013, “Ah, vamos!” E aí a C também conseguiu, e a gente “Vamos tentar uma cidade as três juntas para ficarmos juntas”, e saiu a cidade em março de 2014, e as três queriam na mesma cidade e saíram as três na mesma cidade, e foi assim, a gente foi mais no susto assim de “Vamos tentar? Vai que dá.” Eu sempre achei que ia dar certo, mas, quando cai a ficha que você vai, é diferente, porque antes você tenta só por tentar... E aí, você compra a passagem e... Fomos!”

E18 “As meninas da minha sala vieram “Abriram as inscrições, vamos todo mundo tentar”, então foi um processo bem tranquilo por isso, porque meio que todo mundo começou a ver junto. Então, ao invés, por exemplo, se fosse eu sozinha atrás, talvez eu tivesse que ir atrás de um monte de coisa”

Por outro lado, em alguns casos os indivíduos priorizaram a saída da zona de conforto e a sensação de segurança de estar acompanhado de seus pares, buscando maior aprendizado com a experiência que seria vivida.

E3 “Só que elas, queriam todas elas ir para a Espanha. Eu até pensei em ir para Espanha... e aí é um negócio legal também que eu falei “Eu não vou para Espanha com vocês!” Vou para o outro lado do mundo!” Porque se eu fosse com elas iria morar com elas, e lá iria ficar numa comodidade total. Então, eu preferi ir para outro lugar. Daí eu escolhi Austrália. Foi assim também que acabei escolhendo, além de que eu gosto muito,

sempre admirei muito a Austrália e essa *vibe* de lá... Aí, eu escolhi esse.”

5.3.1.1.5. Incentivo dos pais

Um outro importante incentivo relatado é aquele exercido pelos pais dos entrevistados. Muitos pais tiveram o papel de encorajar a inscrição, alegando que caso o aluno fosse aprovado, poderia no futuro escolher qual decisão tomar.

E14 “Fiquei louca, era uma época que eu estava muito estressada com a faculdade... Eu queria largar a faculdade, não sabia mais o que eu queria fazer da minha vida... E aí minha mãe falou “Tem a oportunidade do intercâmbio..., se inscreve e vê o que vai acontecer.”, e aí aconteceu que eu passei e falei *ok*, então eu vou ficar um ano fora. E foi, nossa, sensacional, eu estava *super nervosa*, com medo... Não sabia o que ia acontecer”.

E11 “Quando eu mudei pra cá, para Ribeirão, que eu vim estudar, eu também passei quase seis meses em depressão, por causa dos meus pais e do meu namorado, que moravam lá, e aí eu pensei “Nossa, eu não sei se eu vou dar conta...”, aí meu pai falou “Filha, vai, se não der certo você volta. Pelo menos você tentou”.

E11 “Eu vou tentar”, e meu pai sempre falando “Filha, tenta, presta, porque se você passar, você resolve se vai ou não”.

E16 “Conversei com meus pais e meu pai, principalmente, falava “Não, se você quer ir, vai... Aproveita que tem a bolsa”, eu falei “Se abrir de novo...”, porque eu sabia que tinha possibilidade de abrir a 2ª chamada para ir na mesma época que as outras meninas que já tinham se inscrito... Aí abriu, e eu me inscrevi...”

Porém, este incentivo pode tornar-se uma pressão indireta para não perder a oportunidade oferecida. A palavra “oportunidade” passa a ter um peso muito grande gerando até experiências negativas.

E4 “Eu tentei a segunda, nada, a terceira, nada, eu já estava desistindo, e uma menina foi pelo Ciências sem Fronteiras, acho que foi uma das primeiras...Aí começou um *boom*, porque a bolsa era muito boa e muito tranquilo para ir. Só que o que pesou para mim era ficar um ano. Porque a do Santander era de seis meses, então eu fiquei avaliando isso... Na minha cabeça, o que sempre passou era o seguinte: É uma oportunidade única. Não importa se você quer ou não quer, você tem que ir. Sabe aquela coisa de pai? Que fica falando “Você tem que fazer, para o seu currículo, para sua vida, para o inglês” Então...sinceramente, nunca foi uma vontade minha. Eu morria de vontade de viajar, mas assim, ficar um ano fora não era uma coisa que eu encarava com muita naturalidade. Mas como eu já estava meio nesse processo, eu acho que eu acabei indo...”

5.3.1.2. As dores do processo

5.3.1.2.1. O abandono do eu acompanhado

Para que a experiência ocorra de fato, é necessário que o indivíduo abandone o seu *eu* acompanhado e inicie a jornada *solitária*. Possivelmente, esta é uma das maiores dores para a tomada da decisão de realizar a experiência de intercâmbio internacional. Abandonar a família, o namorado e o sonho de se formar junto com a sua turma são temas recorrentes nas entrevistas realizadas.

Apesar de os pais já terem sido apontados anteriormente como incentivadores do processo, aqui a figura deles aparece como o abandono de um porto seguro. Muitas vezes, os entrevistados citam nunca ter morado longe deles, o medo da saudade que iriam sentir, ter que dar conta de todas as reponsabilidades por conta própria, medo de adoecer sem ter o cuidado dos familiares. Esta situação de afastamento dos pais gera ansiedade, o que demonstra a falta de confiança em si para realizar a jornada do intercâmbio desacompanhado.

E15 "Isso tudo não me assustava tanto, de morar sozinha, o que me assustava era saudade, porque eu nunca tinha morado longe deles, mas em relação a responsabilidade eu já meio que me virava..."

E2 Eu sou de Ribeirão, nasci em Ribeirão, estudei em Ribeirão, nunca sai para nada. Sempre morei na casa dos meus pais, então eu sou uma pessoa muito família, muito apegada e não tive muitas experiências na vida sozinha. Então, o fato de pensar, de ir para algum lugar longe, que eu fosse ficar sem eles, fosse ter que me virar sozinha, cozinhar, cuidar de casa, isso me dava um pouco de medo e de ansiedade. Eu tinha um pouco de.... faltava confiança. Não sei se eu dou conta.

E5 Quando foi chegando perto eu fui ficando ansiosa, foi dando aquela angústia, de deixar para trás a família, deixar todo mundo, e eu acho que todo mundo passa por isso. E eu sou muito ligada com a minha família, era esperado que fosse em uma intensidade igual e foi.

E16 "Eu estava nervosa, com medo de ter um treco lá e não poder voltar para cá. Eu estava morrendo de medo de ficar longe dos meus pais, porque apesar de morar fora, Ribeirão era aqui do lado".

E14 "Eu nunca tinha saído do Brasil... Eu tinha ido para o Chile, com a minha mãe, mas longe assim sozinha, nunca, então eu estava com muito medo, mas eu estava muito ansiosa".

Houve relatos opostos, o de medo da falta de aprovação e o de independência das relações familiares e pessoais.

E2 “Para minha mãe eu contei na hora, minha irmã, todo mundo sabendo. Mas quando eu fui contar para o meu pai eu falei assim para ele “Olha, não vai ter jeito, é uma coisa que você não vai poder me impedir porque você não vai ter gasto nenhum, eu estou indo com bolsa e ganhei uma bolsa para Portugal”. E aí? o que ele iria falar? “Parabéns! Não, vai!”. E no começo ele ficou bem abalado, porque ele é muito *corujão*. Então, ele chorava e, mas depois passou, foi tranquilo.”

E7 “Eu não pensava em sentir saudade, não tinha medo... Mas assim, isso sempre foi meu... Sempre fui para lugares desconhecidos, coisas que nem os meus pais e nem meus irmãos foram... Mas sem medo e querendo ir... Isso sempre foi sempre meu, assim, até de certa independência. Então, eu não tive nenhuma expectativa negativa.”

Outro tópico recorrente é aquele relativo aos relacionamentos que algumas das entrevistadas mantinham antes da viagem. O medo de qual seria a opinião do parceiro em relação ao distanciamento e à oportunidade do intercâmbio, ou o seu apoio para a realização da experiência são temas citados.

E12 “Teve outros antes de mérito acadêmico. Até que a I foi... Mas eu ficava meio assim, de coisa de namorado. Mas foi uma ideia bem crua assim “Ah, ficar longe do meu namorado, ele não vai aceitar”

E16 “Abriu o edital quando eu estava no 4º ano, para ir em fevereiro de 2014... Mas eu não me inscrevi. Eu não inscrevi porque eu fiquei com medo. Uma amiga minha tinha se inscrito e eu fiquei naquelas vai, não vai... Eu namorava, e aí estava todo aquele negócio... Acabei não me inscrevendo...”

E12 “Depois de um tempo você começa a pensar que é o futuro, e você fala assim “Se ele gosta de mim ele vai ficar comigo, e eu vou seguir minha vida”. E aí eu falei “Vou prestar, vai que...” e aí a gente foi mandando, foi mandando as coisas e do nada deu certo.”

E1 O principal motivo foi de eu não estar sozinha e é uma oportunidade grande. Que todo mundo tem vontade, o que falta é coragem, de deixar tudo. Eu namorava na época, ainda namoro, eu liguei para ele e falei “Parece que eu vou fazer intercâmbio”, ele deu também muito apoio. Foi uma coisa que fluiu naturalmente, não teve nenhum obstáculo. Parecia que tinha que ser.

Os sujeitos demonstraram a *dor* de não se formar dentro dos cinco anos previstos, de “atrasar” a graduação, de ter que voltar e ficar um período ocioso, enquanto aguarda o próximo ano para retomada dos estudos.

E20 "... como eu já tinha caído um ano, por conta de disciplina, eu fiquei em dúvida."

E10 "Eu já estava no estágio, no 5º ano, eu achava que eu não iria... Mas aí surgiu o edital, e mais quatro meninas se inscreveram, eram amigas minhas que estavam passando no estágio, e aí as meninas "Vamos D, vamos, vamos!" "Eu nunca pensei em fazer intercâmbio... Eu não quero atrasar a graduação, quero me formar esse ano."

E5 "Quando foi se aproximando, foi dando um desespero muito grande, mais por abandonar um princípio que eu tinha de formar com 5 anos, nada a ver fazer intercâmbio e depois ficar parado, eu nunca vou fazer isso, não tem condição".

E16 "... Ah, eu acho que eu vou esperar então", porque eu não queria voltar, ficar um tempo parada, depois terminar o quarto ano... Então, eu vi que tinha como voltar e já começar o estágio e aí eu esperei, e deu certo..."

E17 "E eu só iria para o intercâmbio se fosse para Roma mesmo, então deu muito certo... Se não fosse Roma eu não sei se eu teria ido, porque eu estava pesando muito a questão de me formar, pelo tempo e tudo mais, então eu pesei, eu usei isso como critério para mim..."

5.3.1.2.2. Os anseios

Muitos anseios circundam essa fase antes da experiência em si. Alguns foram destacados pelos entrevistados, como o sentimento de não merecimento por não ter notas altas e o de escolher a época certa de ir para não atrapalhar o andamento do curso e da formação no Brasil.

E12 "Era uma realidade muito distante para mim, eu pensava "Nossa, que legal! Foi para fora...", e eu não sou muito estudiosa, eu tiro nota boa, mas nunca fui de merecer no sentido de notona... "Só vão as pessoas que tem maior nota...", então, parecia uma coisa meio distante..."

E16: "Quando saiu o edital do mérito, primeiro, eu estava no 3º ano... No começo, não lembro, uma coisa assim, mas aí eu não me inscrevi, não fui atrás, porque eu achei também que era meio cedo pra ir, no curso... Mas fui acompanhando as pessoas que foram, tudo mais, e todo mundo achava legal... Eu fiquei esperando o momento que desse certo para eu ir. Eu lembro quando a L foi no começo do 5º ano... "Acho que eu vou esperar", porque eu não queria voltar, ficar um tempo parada, depois terminar o quarto ano..."

O idioma, anteriormente citado como um motivador para a realização do intercâmbio, quando representa familiaridade com a língua mãe, é um dos anseios apresentados nos momentos prévios à experiência. Os sujeitos relataram o medo de

não conseguirem se comunicar, de ter que acompanhar as matérias da faculdade em outro idioma e de este fator pudesse aumentar ainda mais o isolamento e a solidão.

E5 “... As matérias que eu escolhi eu imaginava que seriam legais, mas ao mesmo tempo eu tinha medo, porque o meu conhecimento de Francês não era muito elevado. Para fazer um curso... Não era um curso de Francês, era uma matéria que eu teria que traduzir em Francês para depois acompanhar. Era curiosidade para poder praticar e aprender o Francês, e realizar esse sonho que eu tinha, mas ao mesmo tempo um medo de não dar conta, de não acompanhar, de esse tanto de matéria que eu escolhi ser muito, ou ser pouco e eu ficar sem fazer o que eu gostaria.”

E14 “Nossa, eu não sei... Era uma coisa muito estranha. Eu tinha muito medo, porque eu ia chegar lá sem saber falar francês... Não era igual o pessoal que ia fazer a prova de proficiência e que sabia falar a língua... Eu ia chegar lá sem saber falar nada, arriscando um *inglês* e, sem conhecer ninguém, ir para um lugar que eu nunca tinha ido, sozinha...”

5.3.1.2.3. Mecanismos de processamento da dor

Com isso a movimentação em direção ao processo de inscrição no programa, o indivíduo é obrigado a lidar com o sentimento de incertezas sobre a sua aprovação. Os entrevistados mostram que esta fase é marcada por uma tendência ao distanciamento do processo para reduzir o sofrimento.

E6 “Eu sou uma pessoa que não fica sofrendo antes... Eu pego e vou. Lá eu vi o que era mesmo estar longe, outro clima... Antes era expectativa de ‘Nossa estou indo embora, vou conseguir fazer intercâmbio’ Nesse sentido, era mais uma sensação de estar feliz, e de estar conseguindo.”

E3 “É sempre uma apreensão. E eu não contei para ninguém quando eu fiz a prova de proficiência e não contei para ninguém quando eu fui aprovada na primeira etapa, porque a primeira etapa não vale muita coisa. Então, eu só contei quando eu fui aprovada certa, que você vai mesmo. Ai, eu falei para todo mundo, exceto meus pais. Eu não gosto de ficar falando, eu fico quietinha”.

E4 “Eu ia para o quinto ano, então era 90% do curso seria até metade do quinto ano. Eu tentei, mas como eu fui muito desencanada, eu me cadastrei, escolhi a faculdade “Essa aqui tem um curso que eu acho legal...”, nem fiquei pesquisando nada para não me decepcionar se eu não passasse.”

Diante da resposta afirmativa, também foram necessários mecanismos que ajudassem a lidar com a fase da espera da perspectiva real da vivência do intercâmbio. Houve relatos de felicidade, de medo intenso de frustração das expectativas, o que pode levar o indivíduo a evitar construir idealizações sobre a

experiência que viveria a seguir, de medo da solidão e de pensamentos de desistir da bolsa. Mas houve relatos de *aparente* neutralidade e naturalidade frente à perspectiva da realização do intercâmbio.

E17 "Nossa, eu fiquei muito feliz... Saiu o resultado no dia do meu aniversário... Parecia meu presente de aniversário. E saiu que eu iria pra Roma mesmo, nesse dia, e eu fiquei muito, muito feliz, porque se não fosse para lá eu não iria, então foi muito bacana, fiquei bem feliz."

E17 "Na verdade eu fui meio sem expectativas, porque eu não queria ir com expectativas e me frustrar, porque eu sabia que muitas coisas seriam diferentes do que você imagina e... Mas foi muito melhor do que eu imaginava, porque quando você vai sem expectativas, eu acho que tudo que você recebe é bom... Se você cria expectativas e chega lá é diferente, você acaba se decepcionando, e eu vejo que muitos colegas foram com muitas expectativas, e chegou lá as coisas não eram bem assim e eles acabaram tendo depressão, tendo problemas de saúde... Então, eu fui sem expectativas, eu fui com a mente aberta para o que desse para aproveitar, independente se fosse muito diferente..."

E5 "A questão do frio, o lugar era muito frio e todo mundo aterrorizava que ia nevar, que ia fazer muito frio e que eu ia ficar sozinha, e trancada em casa, então, eu tinha muito medo...."

E4 "Eu fui passando pela primeira fase, segunda fase e aí passei. Foi meio que um choque, eu ficava pensando "Quem desiste de um intercâmbio? Ninguém!" Mas eu pensei."

E12 As meninas não dormiam, e eu pesquisava a cidade, a faculdade, e ficava feliz. Mas eu não sei... às vezes eu me assusto porque eu encarei isso de uma forma tão natural... Não parecia que eu estava a 10.000km de distância da minha casa, que eu não ia ver meus pais por um ano, e até quando chegou lá"

5.3.1.2.4. Os programas

O processo de inscrição foi um dos temas mais mencionados pelos sujeitos entrevistados. Apesar dos programas terem editais estruturados, houve dúvidas em relação às documentações, aos prazos, às datas de resultados, em identificar responsáveis disponíveis em auxiliar os alunos, e quando identificados, não tinham informações tão claras que pudesse de fato ajudar os estudantes. Foram momentos de dúvidas, incertezas, ansiedade, estresse, perda de sono e a espera que exigiu resiliência dos alunos.

E20 "Foi difícil, porque como é um programa do governo, tem o edital, tudo bonitinho, mas é tudo meio jogado. Porque é um programa que não tem muita estrutura... Então eu tive, que ir atrás mesmo, de toda a documentação... Aqui dentro da

faculdade mesmo a gente não tinha muita noção quem era o responsável, quem eu tinha que procurar, então eu tive que correr atrás, ter muita resiliência..."

E18 "Mas demorou muito, era muito incerto, ninguém sabia certo como seria, como não seria, quando seria a aprovação... O K. (designação de função) também não tinha muita informação, então foi sofrido nesse sentido de e aí, passou ou não passou... Nesse sentido foi um pouco complicadinho... Demorou..."

E16 "Tinha aquela possibilidade de não dar certo a faculdade aceitar. Primeiro edital, era a primeira chamada, três meninas tinham ficado de fora... Eu não lembro direito a história, mas parece que tinha muita gente já indo sempre para lá, para o mesmo lugar, e eles queriam que fosse para outro país, uma coisa assim... No fim, as meninas entraram com recurso, porque nesse edital não estava falando nada disso, de limites, e no fim eles conseguiram, e aí eu fiquei com a dúvidas. A docente falou para mim que tinha possibilidade de eles não aceitarem, mas no fim das contas eles aceitaram, nem precisamos entrar com recurso nem nada, e aí saiu, foi outra correria para arrumar tudo para ir."

E6 "Aí surgiu a bolsa do mérito acadêmico, só que foi tudo muito rápido... Surgiu a bolsa, eu já fui me inscrever, só que mal deu tempo de processar, porque como foi o primeiro edital, estava tudo meio confuso... Então mal deu tempo de processar a informação que eu estava tentando prestar o intercâmbio, e foram saindo os resultados... E ao mesmo tempo que saía resultados positivos "Ah, olha, vai dar certo", a gente não tinha essa confirmação total... Então, foi bastante ansiedade para isso. Mas, no fim deu tudo certo, conseguimos ir, não tivemos muito problema."

E18 "Demorou... Para gente demorou uma eternidade, porque a gente não sabia de nada... Aí de repente vinha "Deferido", mas aí não podia dar certeza se realmente estava ou não. Nesse sentido, eu lembro que foi meio chatinho, mas depois foi tranquilo, de documentos também... O único probleminha que eu tive é que meu visto saiu no dia da minha viagem, e eu não consegui ir... Então, esse processo foi o pior para mim..."

E19: "Não tinham mais vagas... Eu acho que, das outras faculdades, alguém não conseguiu e não sei, sobrou alguma vaga, e como eu já tinha tudo, eu fui... Só que até conseguir tudo, em dois meses, ver visto, ver passagem, ver casa... Eu meio que entrei na onda das meninas que estavam com tudo mais adiantado..."

E20 "...e quando eu descobri, na verdade foi um pouco em cima, porque eu viajaria em agosto e eu descobri mesmo, que eu iria para Valência mais ou menos em maio, e em junho que saiu minha universidade."

E15: "Eu tentei, só que foi tudo muito turbulento, porque a gente foi a primeira turma, então não tinha nada estruturado, a gente ficou sabendo... Eu fiquei sabendo que eu iria quase um mês

antes, que saiu a carta de aceitação... Eu sei que saiu pra fazer a inscrição um dia antes de encerrar, para ir para Porto, então foi um estresse, eu acho que eu não dormi naqueles dois meses porque era muita coisa para resolver, ninguém tinha informação de nada... No dia que eu me inscrevi –eu me inscrevi no dia que acabou as inscrições na faculdade do Porto, e eu coloquei um CPF e um e-mail, que era a inscrição, e esse meu e-mail eu não sei porque, desativou sozinho... Eu entrei nele um dia antes, e no outro dia não estava funcionando, e eu não consegui ver se eu tinha sido aceita ou não... E eu não podia fazer outra inscrição... Eu chorava, achava que não iria... Eu ligava todo dia, acordava todo dia às 5 horas da manhã para ligar as 8hs lá em Portugal para resolver isso, então foi muito difícil eu conseguir, mas por fim deu certo. Eu tive que entrar depois para mudar o RG para dar certo... ‘Deu um *rolo*’...”

Passar a fase de inscrição não significou o final da aflição, os indivíduos alegaram que o processo de emissão do visto também foi angustiante. O processo estava demorado e confuso e a ansiedade foi relatada por quem teve que vivenciar este momento, não tendo a certeza que os esforços feitos anteriormente seriam recompensados com a experiência. Alguns relataram quase perder o voo ou mesmo decidirem adiar a viagem pela incerteza do resultado.

E15 “Bom, passa essa fase, tem visto e tudo mais, e aí deu certo. Eu peguei o visto duas horas antes da minha viagem. Então, na verdade deu certo, mas com toda emoção... Eu fui assim, viajando para São Paulo tremendo, porque eu não sabia se ia conseguir o visto, eu nunca tinha viajado de avião –eu tenho pavor de altura, eu estava muito nervosa, mas por fim deu certo...”

E6 “E ao mesmo tempo em que saíam os resultados positivos “Olha, vai dar certo”, a gente não tinha essa confirmação total, estava ruim para conseguir visto lá em São Paulo, visto para Portugal. Meio confuso, fiquei muito ansiosa, porque a todo momento, era ‘não sei de vai dar’, já tinha que ir indo trancar matéria, se eu vou perder o ano ou não vou... Foi bastante ansiedade para isso. Mas, no fim deu tudo certo, conseguimos ir, não tivemos muito problema.”

E18 “ Foi um pouco angustiante porque, visto a gente nunca sabe. Por mais que a gente não tenha nada que impeça... Mas visto é visto... Às vezes eles encencam com uma coisinha, então foi um pouco angustiante... Eu falei “Meu deus, será que eu não vou? Eu já tranquei a faculdade, já fiz tudo, será que não vai rolar?” Mas foi rápido, porque no mesmo dia me ligaram, então eu estava chegando em São Paulo, com a esperança de dar tempo de chegar, só que já estava muito perto do meu voo, e tem aquele lance de chegar duas horas antes e tal, e meu pai falou “Não, filha, a gente remarca no site, e vai dar tudo certo”, e aí no fim eu voltei para Ribeirão e eu cheguei em Ribeirão eles

ligaram que o visto estava pronto... Eu perdi um pouquinho de dinheiro nessa. Mas deu certo, e aí logo dois ou três dias depois eu fui... As meninas já estavam lá também..."

5.3.2. EXPERIÊNCIA DE VIVÊNCIA INTERNACIONAL

Figura 4 - Unidades de sentido resultantes da experiência de vivência internacional.

Fonte: produção do próprio autor.

5.3.2.1. As interações sociais

5.3.2.1.1. O amigo que vira família

Como citado anteriormente, uma das dores mais previsíveis aos sujeitos entrevistados foi a da saudade da família e dos seus pares. Muitos só tomaram a decisão de vivenciar a experiência pela possibilidade de estarem acompanhados por colegas de classe ou amigos. Em momentos em que tipicamente a família exerce papel principal, como na doença ou em datas tradicionalmente comemoradas em família como o Natal, quem assume o papel de auxílio é o amigo que está vivendo a mesma experiência. Alguns sujeitos relatam que passar por este tipo de experiência sem ter um amigo significativo para assumir o papel de família é solitário e doloroso.

E15 “Eu morei com as meninas e viramos irmãs. Porque, quando ficava doente, levavam ao hospital, cuidavam, dava para contar. Tinham as brigas, mas brigas de irmãs, e daqui a pouco já estava tudo bem”.

E13 “Eu entrei em um processo para entrar em uma irmandade... Porque eu acho que lá as pessoas são muito individualistas, e é muito difícil fazer amizades, fica todo mundo cada um na sua, então, elas (pessoas) têm essas oportunidades aí de inteirar (na irmandade)... Elas (familiares) foram embora numa segunda, na terça de madrugada eu acordei passando mal, fui parar no hospital, fiz cirurgia no mesmo dia... De vesícula... Tirei a vesícula, estava toda inflamada... Eu não tinha ninguém ali para estar comigo, para entrar comigo... Quem foi me buscar foi o coordenador dos alunos internacionais lá da faculdade, mas eu não tinha ninguém próximo para me ver no hospital, para me buscar, nada... Foi aí que eu percebi o quanto eu estava desamparada... daí que eu resolvi que não, eu preciso mudar essa situação, eu preciso fazer alguma coisa para me engajar aqui, porque não tem como ficar só... E aí foi que eu entrei nessa irmandade e me achei... Me achei completamente. Eu ganhei a base de apoio que eu estava precisando lá...”

E12 “Eu particularmente achei que ia ficar muito mais próxima da C., nessa parte de mais responsabilidade... ‘Que a F. sempre foi um pouco mais assim, da *zoeira*.’ Mas foi justamente o contrário. Eu criei com a F. um vínculo de família, que muita gente não entende hoje em dia... As pessoas falam “Você está parecida com a F... está falando que nem a F.”, eu falei “É que vocês não entendem que ela foi minha família por um ano”.

E6 “Ainda que a minha sorte foi que eu fiquei com duas grandes amigas, então a gente fez a nossa família lá... Mas passar natal longe, ano novo longe... Isso doía um pouco, sim, mas nada que... Mas sim, a saudade foi grande, não imaginava.”

E4 “No começo foi bacana, depois começou a bater uma saudade, vieram as dificuldades de não estar perto de pessoas da mesma faixa etária e pensavam como eu, eu fiquei muito como mãe lá...as pessoas se aproximavam muito porque estavam com saudade da família e como eu era a que ficava dando conselhos, qualquer coisa do tipo.. Eu gostava de

cozinhar, então as pessoas vinham para gente cozinhar qualquer coisa juntos e eu não tinha ninguém de apoio”.

E1 “Depois da primeira semana começaram os problemas em casa e aí eu me vi sozinha. Porque tudo eu fazia com elas, a do nada tinha que almoçar sozinha. O primeiro almoço sozinha foi um terror, começar a sair sozinha de casa para ir para a faculdade, já fazia com elas e tive que começar a fazer sozinha..... Esse foi o único obstáculo, foi essa hora que eu senti “Nossa, estou longe de casa, estou sozinha!” Não tem ninguém. Por mais que eu ligue para a minha família todo dia, não tem ninguém aqui. Eu até...dá um negócio “e se eu passar mal? Se acontecer alguma coisa? “Não tenho ninguém”.

5.3.2.1.2. Sofrer rejeição e preconceito

A expectativa dos sujeitos que viveram esta experiência era socializar com as pessoas nativas dos países destino. Mas nem sempre a recepção não foi conforme o esperado. Na universidade, eles relataram que tinham dificuldades para serem aceitos em grupos de trabalho ou para conseguirem material para estudo. O sentimento de não pertencimento e de ter que lidar com o preconceito levavam os entrevistados a se fecharem ainda mais em seus grupos de brasileiros ou de intercambistas.

E19 “Elas não foram receptivas, nem um pouco... No primeiro grupo a gente só fez um grupo de brasileiras. A professora falou “Não, não dá! Vamos misturar isso aí”, e aí colocou a gente com duas portuguesas e foi separando... As portuguesas já olharam tipo “Que saco...”, mas no fim essas a gente até conseguiu fazer amizade, no fim a gente até saia junto, fazia jantar, ficamos amigas... Mas agora o resto... Elas não são nada receptivas, era chato! Mas a gente ia fazer o que? A gente que estava no mundo delas. Então, a gente que era a estranha lá, era a diferente... Eu nem precisava abrir a boca, todo mundo “Ah, é brasileira!”, então...”

E18 “A maioria da turma era feito por meninas. A gente não tinha uma boa recepção delas... Era meio esquisito não fiz grandes amizades... Fiz duas amizades só de meninas... Mas também eu não sei, talvez o outro lado... Como eu tinha ido com as amigas, talvez a gente pudesse também estar um pouco mais fechada para isso, não sei, eu achava que eu estava aberta mas talvez, não sei, não tivesse tanto... Mas elas em si não foram muito abertas... Inclusive nos grupos da sala, elas nem queriam fazer, e tal... A gente sofreu um “mini *bullying*”, mas a gente não estava nem aí. A gente queria curtir, e também queria ficar entre a gente... Não foi uma coisa que me marcou... Claro que eu penso que seria legal, se tivesse uma interação maior, das duas partes... Mas não houve também... Beleza...”

E17 “Aí teve a disciplina de alimentação funcional, e nessa disciplina a gente teve uns problemas... Era eu e mais três

colegas brasileiros também na disciplina, em uma sala de 30 pessoas, italianos... E eu acho que os italianos tem um preconceito muito grande, porque as amizades que eu fiz não foi com nenhum outro italiano, foi com todos os outros “Erasmus”, mas eles mesmos tem muito preconceito, tanto que a gente precisava de material para estudar e a professora falava para eles passarem pra gente e eles nunca passavam... la ter prova, sei lá, em um mês e eles não queriam passar o conteúdo...

E17 “Eles não eram muito abertos para fazer amizade, e os que fazem amizade, são os que já fizeram intercâmbio para outros lugares, que sabem da dificuldade que é você não estar no seu país, com seus costumes, com a sua família, então esses são mais abertos...”

E16 “O pessoal da turma mesmo de Portugal.... Não que ninguém era legal... O pessoal era legal, mas ninguém chegava “Ah, vocês, de fora...” Porque toda hora tem gente lá de fora e eles não ligam muito mais. É a impressão que eu tive... Diferente daqui que hora que chega um... Pelo menos aqui onde eu estou agora... Chega um intercambista no laboratório, a gente leva em todo lugar, quer fazer tudo. Eu senti um pouco de falta desse contato maior com o pessoal de lá.

E15 “Uma parte negativa foi que tinha muito brasileiro em Portugal... Então eles tinham um baita preconceito com a gente. Eu lembro uma cena... A gente tinha que fazer um trabalho em grupo.... e ninguém queria fazer grupo com a gente, e aí a professora lá na frente, a sala lotada e ela ‘E as brasileiras, quem vai juntar?’, e aquele silêncio, e você não sabia onde enfiar a cara, porque eu nunca tinha passado por isso, não era amiga de todo mundo da sala, mas sempre montava grupo e tal... E ninguém quis, por fim, e a professora teve que sortear, foi muito chato... Aí eu senti o preconceito um pouco. Porque aqui a gente não lida tanto... Eu estudei em escola particular e tudo, então você não vê esse outro lado... Lá você vê um outro lado, e você vê que é pesado... Você não sabe o que fazer...”

E14 “Era bizarro, porque todo mundo sabia que eu era a brasileira, a estrangeira na sala, então, todo mundo me conhecia. Mas eles não queriam fazer amizade. Eles ficavam na deles”.

E13 “Tem um pouco de xenofobia, a gente foi apresentar seminário, eles riam às vezes na nossa cara... Eu tentava me incluir... A gente não conversou muito com eles”.

E9 “Amizade com os espanhóis era meio difícil, eles são um pouco fechados... Mas assim, se você fosse e perguntasse alguma coisa para eles, eles iam ser secos, mas era porque era do jeito deles, e não porque eles não gostavam de você, eles estavam se *lixando* se você estava lá ou não, mas no laboratório, nas aulas práticas que tinha que fazer grupo, eles acabavam conversando mais porque era grupo”.

E7 “E lá em Burgos, é o seguinte, você não faz muitos amigos, mas os amigos que você faz são para o resto da vida... Isso é

verdade. Eu fiz poucos amigos em Burgos, mas já vai fazer dois anos e eles continuam sendo meus amigos. Então, algumas pessoas achavam que isso era um preconceito, mas eu não achei... Você tem que aprender a desvincular o que é preconceito e o que é cultura diferente”.

E7 “Esse preconceito é ainda maior, e você se sente ainda mais insegura porque, queira ou não, e eu não acho isso errado da política do país, nenhum estrangeiro vai ser tão bem tratado quanto o próprio cidadão de origem dali. Eu acho respeitável... Mas quando você sofre esse tipo de preconceito, que não é normal e não é aceitável, fora do seu país é ainda pior, porque você tem uma situação de insegurança muito maior. E até medo mesmo”.

E6 “Porque os brasileiros iam, faziam uma aulinha ou outra, chegavam na prova e iam embora, então eles tinham um mínimo... Chegou assim. Aí, na hora de formar grupos, a professora queria fazer grupos integrando brasileiros com portugueses, mas ninguém queria fazer grupo com a gente. Ela chegou a fazer umas três vezes “Gente, quem é que vai ficar com as amigas brasileiras?”. Ninguém. “Se ninguém ficar com as amigas brasileiras eu vou fazer um sorteio...” Ninguém. Aí no final das contas ela teve que sortear a gente, a gente teve que ser inserida e ninguém queria fazer grupo com a gente”.

E5 “...os alunos não têm essa proximidade que a gente tem, com as pessoas, então não tem aquilo de ‘Nossa, chegou uma pessoa nova na minha sala! Um gringo... Vai ser ótimo!’. Não... Para eles era uma pessoa totalmente estranha, não fala minha língua, veio de outro lugar... Então ninguém falava comigo. No começo foi muito desesperador... Porque eu estava perdida, evidentemente, eu não sabia nem onde pegava livro, o que eu fazia, eu não entendia tudo que o professor falava, e ele já começou a passar umas indicações, então as primeiras semanas foi desesperador...”

E3 “...chegando lá acho que a dificuldade maior foi criar vínculos com o pessoal da Austrália mesmo. Porque tipo a gente vai e pensa o que? ‘lá vou fazer amigos australianos’... Mas aí quando entramos na faculdade o contato com o pessoal australiano aumentou. Mas a gente acha... eles são muito parecidos com brasileiros, receptivos e gente boa. Mas não são aquelas pessoas que você consegue manter uma amizade: ‘sou seu melhor amigo agora, vou manter essa amizade pra sempre’. Até porque eles são meio acostumados com isso porque tem muitas pessoas internacionais lá. Então, eles meio que evitam fazer tanta amizade, porque depois a pessoa vai embora e é meio que um sofrimento para eles também”.

Também foram relatados episódios de preconceito fora da universidade.

Alguns relatos foram relacionados à figura da mulher brasileira no imaginário dos indivíduos nativos de países europeus que associavam à prostituição e outros, à

coloração de pele. Mas tiveram também aqueles que eram de aversão ao estrangeiro por causa da crise que a Europa sofria na época ou mesmo aversão ao brasileiro.

E17 “...na Itália é muito forte isso, de muitas brasileiras irem para trabalhar com prostituição, então é muito ruim, esse tipo de comparação para as pessoas que tão indo lá pra buscar conhecimento, estudar e tudo mais, porque eles tem uma visão geral muito feia... brasileira, então elas sofriam bastante com essa parte das pessoas até chegarem para elas e falarem “Ai, quanto você cobra?”.

E15 “Era um pouquinho assustador, porque tinha um pessoal lá que era meio de gangue. Às vezes, a gente encontrava no metrô, alguma coisa assim, então a gente ficava com medo, e de ouvir as histórias. Porque a gente foi numa época de crise lá, o povo estava muito assustado, e faltando um monte de regalias que eles tinham do governo e que estavam cortando, então quem era de fora eu acho que estava pior ainda... Uma aversão ao estrangeiro, eu acredito, pior do que antes...”

E15 “Mas foi um lado assim que eu não via... Tinha vezes que a gente ouvia no metrô alguém falando “Odeio brasileiro”. A gente evitava conversar... Coisas que a gente não está acostumada aqui... Coisas que a gente não passa, situações que deu para ver uma realidade diferente da minha... Eu acho que foi um crescimento pessoal nesse sentido também”.

E7 “Tive outras experiências negativas, de talvez preconceito, mas eu sinceramente senti muito pouco, porque apesar de ser brasileira eu não tenho biótipo de brasileira, então todos achavam que eu era italiana, e meu sobrenome também, então nessa parte eu sofri bem pouco. Agora, eu via amigos que eram do Nordeste, que tem aquele sotaque bem pesados, mais mulatos, que sofreram bastante preconceito”.

E17 “E depois que você se sente segura, eu fui procurar apartamento com mais três colegas minhas, que eu conheci lá, e eram brasileiras também, e aí a gente achou um apartamento e resolveu alugar ele e tal, e fizemos um contrato de seis meses do apartamento... Mas esse foi um dos meus arrependimentos... Eu acho que eu poderia ter encontrado casas naquele programa Erasmus, que você mora com pessoas com outros países, acho que teria me enriquecido mais do que morar com pessoas do Brasil.”

5.3.2.1.3. As “panelinhas” de brasileiros

O fato de brasileiros serem classificados como amistosos e que fazem amizades facilmente surpreendeu os entrevistados pois a realidade encontrada durante a experiência foi que os mesmos se fechavam e acabam socializando apenas entre eles. O sentimento de estar passando e vivendo as mesmas coisas acabam trazendo conforto para eles.

E17 “A gente tem aquela mania de falar “Brasileiro é muito aberto”. Brasileiro vai para os países e faz amizades”, mas eu percebi o contrário, que as pessoas – pelo menos nesse edital, eram muito fechadas entre si, os brasileiros ficavam muito entre eles e não faziam amizade com outras nacionalidades, até mesmo porque essa questão de fazer amizade, de querer ser amigo, de sair, de fazer alguma coisa era iniciativa dos próprios alemães, das outras nacionalidades”.

E16 “Aí a gente foi na faculdade, conhecemos as outras meninas... Eram muitas brasileiras. Cursando o semestre... e acabou ficando muito entre nós”.

E14 “Mas, eu acho que os amigos que foram comigo pra França, brasileiros, ajudaram muito a minha estadia lá. Isso acho que foi uma coisa bem relevante, porque não fui só eu de brasileira, tinha outras pessoas no mesmo barco comigo, então acho que eles me ajudaram muito, como também atrapalharam... Porque eu falava muito português ao invés de falar francês, e isso meio que me atrapalhou um pouco. Eu ficava mais com brasileiro do que com francês.”

E13 “Bom, no começo, chegando lá, você só tem experiência com brasileiros... Você conhece os brasileiros que vão, a gente era em meia dúzia, então você fica lá naquele grupinho, ficava meio deslocado... Eu não gostava daqueles brasileiros, mas era quem eu conhecia lá”.

E9 “Mesmo indo com as meninas – acho que se eu tivesse ido sem as meninas, no começo ia ser um pouco difícil, mas depois acabou ficando igual, porque fomos juntas, mas não ficamos o tempo inteiro juntas... Elas se aproximaram mais, e eu acabei me aproximando mais de outras pessoas... do edital mesmo... brasileiros, como sempre.”

E7 “O brasileiro é muito unido, extremamente unido quando ele vai para fora... E aí aquele grupo ficou muito unido... Os brasileiros não interagem com outras pessoas”.

5.3.2.1.4. União com meus semelhantes

Outra situação comum foi a de socialização e criação de laços de amizade com indivíduos de outras nacionalidades que estavam passando pela mesma experiência.

E20 “Eu não conhecia ninguém, eu fui sozinha, e fiquei em um *hostel* sozinha, e acabei fazendo amizade com os brasileiros que tinham chegado e estavam nesse *hostel*... Os espanhóis são muito fechados, principalmente os Valencianos, então não tive muita experiência de amizade com Valencianos, fiz amizade com europeus que estavam no programa de intercâmbio,”

E18 “A gente acabou fazendo bastante amizade com outras pessoas que estavam estudando lá de outros países”. “Tinha bastante belga, espanhol”.

E14 “Para fazer amizade lá, eu fiz amizade com os estrangeiros, mas estrangeiros que já estudavam há mais tempo... os que vieram da África, tinha muitos africanos lá. Uma amiga minha, que eu fiz muita amizade, que veio de Madagascar, e eu adorava que ela morava em Madagascar.”

E13 “Daí eu fui morar em Nova Iorque e foi outro tipo de experiência, porque em Nova Iorque você conhece todo o tipo de gente... Daí eu encontrei o que estava faltando... A matéria... Fiz as matérias lá, mas tranquilo de novo, mas eu encontrei um grupo de amigas irlandesas lá que fez toda a diferença... Eu vi que estava faltando lá na faculdade amigas, esse lado para complementar”.

E3 “Então chegando lá, era comodismo também, a gente falava inglês somente com pessoas internacionais. Por que o australiano não vai fazer inglês? Então eles oferecem um curso para pessoas internacionais para entrar ou poder ingressar na faculdade. Então, daí no final desse curso você faz uma prova. Dependendo da sua nota nessa prova, se você passar, sim ou não, você vai pra faculdade. E aí você faz as matérias normais. É, então querendo ou não nós tínhamos muito contato com pessoas de outros países. Isso foi muito legal. Tinha muitos brasileiros, óbvio, mas também muitos chineses, e pessoas da América Latina inteira. Tinha gente de todo o mundo. Isso foi muito legal também, conhecer gente de outras culturas. Inclusive tinha muitas pessoas e... mulçumanos, então conhecer outra cultura totalmente diferente mesmo. Muito legal quanto a isso”.

5.3.2.1.5. Aprendizados da experiência de socialização

Passar por estas experiências levou à reflexão sobre a própria conduta do sujeito que as viveu, a maneira que ele pretende lidar com vivências semelhantes ao longo de sua vida e como foi o seu crescimento e amadurecimento. As questões de tolerância, independência e empatia foram benefícios que o sujeito ganhou com as experiências de socialização citadas.

E19 “Pessoal eu acho que aprender a lidar com alguém totalmente diferente de você, porque você está longe, totalmente, da sua família... Aprender a lidar com todo mundo que eu morava, aprender a resolver entre quem eu morava, porque não ia dar para sair dali. A lidar com as diferenças, porque, ainda mais quando eu morei na outra casa, que tinham 15 pessoas, tinha gente da Coreia, da Alemanha, da França... Era todo mundo muito diferente e um tinha que respeitar muito o outro, a gente era mais brincalhão, gritava muito e aí já tinha gente que era mais quieta, que não gostava que a gente fazia muito barulho, então quando eles estavam na sala a gente tinha que ficar meio... Saber e perceber aquilo que o outro gosta, não gosta...”

E10 “Lidar com as pessoas, conviver... A gente ficou em um apartamento com oito, e o apartamento era pequeno, então... Lidar com pessoas diferentes é muito difícil. E eu acho que agora, hoje, que eu estou trabalhando, na residência, a gente tem que lidar muito com pessoas”.

E20 “... Quando eu voltei eu perdi um pouco a minha liberdade, mas mesmo assim eu tenho mais tolerância, sei conviver melhor com certas situações, porque nem sempre no intercâmbio eu convivi com pessoas que eu queria, então eu me vejo melhor, assim, em tudo, assim, tipo.

E19 “Porque aqui, mesmo morando fora da minha cidade, sempre tem seu pai ali se você precisar de alguma coisa, lá não, eu não ia ligar e daqui duas horas ele ia estar aqui... Então você aprender a se virar para tudo, às vezes eu ficava doente, eu tinha que aprender a me virar, ligar onde tinha que ligar pra ir...”

E5 “E a questão assim de ter esse preconceito e de ser receptiva com o outro... Porque eu não quero que ninguém sinta o que eu senti. Se eu tiver num lugar e tiver uma pessoa estrangeira ou alguém que começou no lugar onde eu trabalho... Alguém que está começando comigo... Eu quero que a pessoa se sinta acolhida. Despertou muito isso em mim”.

E15 “Principalmente essa coisa do preconceito, porque quando você passa, você consegue entender melhor... Lógico que eu não passei no extremo que acontece hoje aqui, no nosso país, mas muita coisa eu consegui aprender a ver de outra forma”.

5.3.2.2. Intercâmbio para conhecer o Brasil

5.3.2.2.1. Valorização da universidade brasileira

A comparação entre estudar em uma universidade no exterior com a brasileira mostrou que há qualidades, aparentemente não percebidas anteriormente, que devem ser valorizadas. O curso de nutrição na universidade brasileira de origem foi valorizado em termos de estrutura, composição do curso, possibilidade de iniciação científica, atendimento prático de pacientes, para aquisição de conhecimentos e técnicas.

E20 “... mas a experiência foi muito boa, tanto educacionalmente, porque eu vi que a USP é muito melhor, tem mais estrutura, o curso é melhor... É uma coisa que a gente não valoriza muito... Eu criticava muito a faculdade, o curso, e o hoje eu vejo que ele é muito, muito, muito bom.”

E18 “Aqui a gente tem muitos projetos de iniciação científica, lá era meio que uma briga para conseguir”. Às vezes eles eram até mais interessados, porque a oportunidade era tão rara. Aqui todo mundo tem essa oportunidade, de ter a bolsa...

E17 “Aqui a gente tem a prática”... Se você está na clínica você vai atender o paciente, você vai orientar ele e tudo mais... Lá

não... “Lá você só observava, e então essa era a parte ruim, porque a gente ficava das 7 às 13 horas da tarde só assistindo atendimento de outra pessoa”.

E17 “E aí eu cheguei para fazer as disciplinas e eu percebi que as disciplinas eram de um conteúdo muito vazio, e que eu tinha visto aquele conteúdo no meu primeiro ano de faculdade aqui... E lá era matéria de pós-graduação. Eu fiquei *super decepcionada*, e pensei que não valeria a pena eu ficar mais, mas incrivelmente eu terminei essa psiquiatria e psicologia do comportamento alimentar, e a outra disciplina que era bioquímica, eu acabei deixando de lado....”

E17 “... a gente tem mania de falar que a nossa faculdade é ruim, mas é uma ótima universidade frente a tantas outras universidades que a gente vê fora... Eu percebo que tudo que é de fora, para o brasileiro, é melhor do que tem dentro, então por mais que eu tenha feito uma universidade lá que eu não aprendi nada além do que eu já tinha, para eles aqui eu sei mais do que se eu tivesse estudado aqui, mas não, profissionalmente eu vejo... Agora eu entendo e sei diferenciar a qualidade que a minha universidade tem em relação a outras universidades...”

E15 “O nosso ensino é muito melhor, coisa que a gente também acha que não... Que Brasil, não, Europa, Estados Unidos é melhor, e não, teve um caso de um... Ele era fenilcetonúrico e não podia com a fenilcetonúria e as meninas do meu grupo não sabiam o que era, e elas já estavam no último ano e eu falei “Não, eu sei, não sei o que...” e elas “Nossa, brasileira...” Então eu vi como o nosso ensino é melhor, da nossa faculdade em relação à delas, que estavam no último ano e não tinha nem noção do que era, nem ouviram falar...”

E14 “Porque aqui os professores chegam e falam a matéria e você tem que se virar para estudar. Lá não..., eles dão a matéria muito mastigada. E até falam o que vai cair na prova, então você tem que estudar exatamente aquilo... Não era tão difícil igual é aqui... Aqui é muito mais difícil que lá... E eu não estava esperando isso, eu achei que fosse ao contrário, eu achei que fosse ser muito mais difícil lá, principalmente por conta da língua”.

E12 “...a gente tem uma visão muito, ...lá fora é muito melhor do que aqui...” Eu falei “..qualquer coisa que eu fizer lá já vai ser estudou um ano... na universidade de Valencia”... Então, da parte profissional, foi uma experiência legal, mas é muito inferior à da aqui, os espanhóis, a gente ia melhor nas provas do que eles. Então, a gente fala “Será que a gente é tão inferior assim? A gente diminui muito o nosso país”.

E12 “Talvez a gente tenha uma carga de pesquisa e de conhecimento muito maior que eles... Essa parte de artigo, que nem, a professora tinha que pegar no pé deles para eles lerem artigo em inglês, aqui você se vira, você tem que ler, e é uma coisa que desde o 1º ano cultua e...”

E6 “Ir para Porto, em relação à experiência profissional, não acrescentou muita coisa... Eu tinha uma visão da Europa, “Ah, a Europa está sempre na frente do Brasil”, então Portugal vai ser bacana... E falavam muito bem da Universidade do Porto. Só que quando eu cheguei, eu me decepcionei. A gente está bem à frente em muitos quesitos... Tinha matéria que a gente aprendia a passar dieta por sonda, e que eles batiam pão com manteiga e passavam por sonda... Então eu vi que estavam muito para trás... Isso me frustrou. Mas foi válido para ter essa percepção.”

5.3.2.2.2. Um novo olhar para o Brasil

Ter uma experiência internacional não só ajudou o aluno a valorizar a universidade, mas também seu país. Foram reconhecidas questões relacionadas às legislações, estrutura hospitalares, e ao sistema político e financeiro de saúde.

E18 “Mas algumas amigas fizeram e falaram que o hospital era bem precário, então comparar, apesar de todos os problemas do HC, a gente está muito mais na frente do que eles...”

E18 “Mas assim, muitas coisas de política que a gente via o Brasil foi referência, então foi interessante porque às vezes a gente vai achando “Ai, nosso país é subdesenvolvido, não sei o que...” E não é. Eu acho nosso país superdesenvolvido em questão de manipulação de alimentos, que lá eles não têm normas rígidas, em tudo, até questão de higiene, as meninas não lavavam as mãos depois do banheiro... Era uma coisa meio nojenta. Coisas assim que você dá valor no seu país... Quando você está aqui você pensa que lá fora é tudo lindo e tal, mas na verdade acaba que você valoriza muito... Você consegue enxergar as coisas”

E15 “Principalmente porque era época de crise, então não dava para comprar, e aí ela estava falando de formas de fazer... Só que antes dela falar que não tinha suplemento, uma das meninas brasileiras que estavam falou ‘Por que não usa suplemento?’, aí ela virou e falou assim ‘Ah, porque o Brasil é rico’... e lá dá para usar, aqui já não’. ‘Nossa, a gente tem uma noção diferente do nosso país’.

E15 “Então eu vi, eu reconheci qualidades do meu país que morando aqui, antes de sair, eu não reconhecia... Mais nacionalista... Alguém falava do Brasil eu já achava ruim... Coisa que aqui a gente fala mal toda hora, e critica, mas tem muita coisa boa... Tem coisas ruins, mas em qualquer país... Eu consegui ver isso, saindo. Porque quando você está aqui você não vê essa dimensão”.

E15 “Então, nossa, eu fui vendo como a nossa política é bonita... Tudo bem que muitas vezes é no papel, mas eu comecei a me interessar por essa parte... Às vezes, SUS eu não me interessava tanto e eu comecei a achar legal, e ainda é uma coisa que eu pretendo trabalhar... Eu ainda não consegui, mas

eu me apaixonei meio que vindo de fora a nossa política, então eu acho que na minha atuação mudou isso”.

E20 “Porque a gente está no Brasil que é um país que não tem nada disso, e de repente... Porque ocorreu na praça da república de Paris o atentado, e tinha duas horas que eu tinha estado lá, você fica em choque. Porque na nossa realidade... Todas as fronteiras foram fechadas, e eu ia para Amsterdam depois, eu perdi voo, eu perdi tudo... Tive que ficar ilhada, ninguém saía de casa, ninguém saía na rua... Foi meio traumatizante”.

5.3.2.2.3. Conhecendo culturas brasileiras

Mais uma vez, viver fora do Brasil se mostrou importante para conhecer o próprio país, uma vez que os sujeitos desta pesquisa tiveram contato com intercambistas que estavam passando por esta experiência e vinham de diferentes partes do país. Foram citados aprendizados e surpresas ao conviver com brasileiros principalmente vindos do Nordeste.

E17 “Mas de qualquer forma, você aprende que o Brasil é tão grande, que tem muitas diferenças que a gente não conhece, mesmo... Porque cada uma era de um lugar, uma do norte, uma do nordeste e outra era de São Paulo.”

E12 “Conhecer a galera do Nordeste... O quanto, que ninguém conhece o quanto eles são legais, uma cultura... Palavras diferentes... A gente ficava “Nossa, essa palavra, não é possível que é do Português...” e a gente falava umas coisas que eles falavam “Não, isso aí ninguém fala lá.”, então, essa parte de ver o mundo também, você se sente... Você fala “Posso estar desempregada 10 anos, mas a experiência que eu tive...”, a carga cultural que eu tenho... Muita gente vai passar a vida inteira...”

E3 “As pessoas com quem eu tive mais contato, que foram os brasileiros, mais amizade, foram os brasileiros e de outros estados do país. Eu percebi, o estado de SP tem uma pressão para você ter uma formação, para você ser alguém na vida, muito forte. Já uma pessoa do Nordeste, de Fortaleza, por exemplo, eu conheci um menino de Fortaleza “Vou me formar nisso aí, e se der, deu” Sem pressão”

5.3.2.2.4. Avaliando os programas de intercâmbio

Quando os programas de intercâmbio foram citados, as avaliações não foram positivas. Os sujeitos notaram falta de apoio, falta de cobrança em relação às atitudes das universidades estrangeiras, muita burocracia, falta de flexibilidade para aproveitar mais as matérias, excesso de tempo e de dinheiro. A análise crítica feita pelos

mesmos sobre o dinheiro público que foi utilizado para que a experiência acontecesse, foi que este foi um desperdício da maneira como o programa é colocado.

E7 “Lá no Ciências, o que foi um ponto negativo, mas que teve seu ponto positivo foi que a gente ficava jogado, sinceramente, a faculdade chegou lá sem nem saber para que programa eu estava indo... Isso me deixou um pouco frustrada. Mas por outro lado, isso te traz um pouco de independência, então eu acabei tendo que ter uma independência científica, porque eu não tinha ninguém que me guiasse.”

E7 “No Ciências sem Fronteiras eu achei que eles deixaram as universidades estrangeiras muito na delas, muito favoráveis ao que elas queriam ou não fazer. Eu acho que tem que ter uma cobrança, mesmo porque a gente não foi de graça, é pago e não é barato. A universidade fora do Brasil é cara... Então eu acho que faltou esse preparo mesmo, e aí é o investimento tanto do aluno como do país que não é bem aproveitado, entendeu? E é um investimento muito caro. Intercâmbio é muito caro...”

E7 “E quando você não tem um programa bem estruturado, essa parte burocrática fica embolada e você perde oportunidades, e foi isso que aconteceu comigo. Eu consegui estágio na Nestle, fui a única brasileira, até então, que passou no estágio na Nestle, era outro estado mas não tinha problema porque eu conseguia ir tranquilamente, ficava lá um tempo, porque eu já tinha cumprido os créditos obrigatórios pelo edital, só que eu precisava que o CNPQ ou o responsável pelo Ciências sem Fronteiras respondesse e me autorizasse. Eu consegui esse estágio no 3º mês, e eles foram me responder faltava 15 dias para eu voltar, eu fiquei um ano... Eles demoraram muito para me responder... Conclusão: perdi o estágio, óbvio.”

E4 “Porque, pensando mais que é um dinheiro público. Eu acho que é um dinheiro público mal utilizado. Eu acho que a maioria das pessoas que eu conheci, não desconsiderando o crescimento pessoal, que eu acho que é essencial, até mesmo para profissão, mas a maioria das pessoas que eu conheci não teve um crescimento na graduação, e foi esse o objetivo do programa. Assim, é um dinheiro que você ganha que, sinceramente, 80% das pessoas usam para viajar... 20% você usa para as coisas do dia a dia, é muito dinheiro, muito tempo para fazer graduação, que eu acho que a maioria das pessoas que eu conheci, pelo menos na minha cidade, não pode fazer nenhuma matéria diferente porque eles não permitiram... Então, repetiram matérias que já tinham feito no Brasil, no máximo aprenderam alguma técnica diferente, mas de verdade, não. Eu sou a favor se esse programa fosse de seis meses para você ir lá, fazer um estágio, ou para você fazer uma pesquisa em uma faculdade sobre aquele negócio... Um negócio mais pontual. Não para você ir lá treinar seu inglês, conhecer culturas, eu acho que foi um dinheiro público muito mal gasto, porque o retorno para educação é pequeno. Fora que a maioria das pessoas que

consegue ir, são pessoas que tem condições financeiras, porque você pagar o IELTS, pagar o TOEFL ou até mesmo para você pensar nisso, não tem a cultura disso, de pensar em ir morar em outro país e tudo, sabe? Não tem condições de ir... E outra, o inglês? como é que faz um teste de IELTS e TOEFL se você nunca fez inglês na vida? Então a maioria das pessoas que foram lá, posso dizer que 80, 90% são pessoas de classe média alta, classe baixa foi muito pouco.”

5.3.2.3. Imersão cultural

5.3.2.3.1. A universidade “lá”

Muitos aspectos, considerados positivos, relacionados à universidade destino foram levantados pelos alunos: as aulas práticas serem relacionadas com as teóricas, o fato de não ter obrigatoriedade de presença fazendo com que somente quem realmente tivesse interesse nas aulas comparecesse, carga horária das disciplinas, aproveitamento das aulas, didática e acolhimento dos professores, estrutura das salas de aula, pontualidade no início das aulas e matérias que a universidade no exterior tinha que no Brasil não eram exploradas.

E19 “Lá a faculdade tem muita liberdade... Não existe lista de presença... Você só precisa ir às aulas práticas, que é uma vez por semana, mas mesmo assim a teórica tem muito mais frequência, eu acho, do que aqui, e quem está lá realmente quer... As pessoas participam mesmo, não tem aquele burburinho da aula... É bem diferente... As aulas são bem mais curtas, todas as semanas o que você viu na teórica você vai aplicar na prática, eu acho que isso é um jeito da gente gravar muito mais as coisas”.

E9 “Eu acho que a parte acadêmica a melhor foi a prática. Porque de matéria não foi muito, eu acabei fazendo o que eu já tinha aprendido. Foi mais isso...”

E18 “... Gostei bastante... Gostei bastante da faculdade, apesar de achar um pouco mais fraca, não sei se a palavra é essa... Na verdade lá eles são muito teóricos... As provas eram muito, conteúdo caiu isso... Não fazia muito pensar, eu senti um pouco de falta disso... Não tinha muito que pensar... A aula era aquilo, e ia cair aquilo...”

E8 “Primeiro a faculdade. Achei muito legal a divisão de matérias, tudo... De aula teórica e aula prática... Eu acho que você acaba absorvendo muito mais coisa do que só teórica, teórica, teórica e só uma coisinha ou outra de prática...”

E1 “Então foi muito bom porque aqui a gente não tem essa parte de prática, foi muito bom, por isso, tem prova prática para você pegar as pregas, fazer medida, então essa parte foi muito enriquecedora, que aqui não tem então complementou.”

E3 “A carga horária era menor do que aqui, acho, mas era melhor aproveitada. Eram duas horas de aula? Duas horas de aula! Não tem conversa...Você vai lá sabendo que vai ter duas horas de aula...E o relógio virou para duas horas, todo mundo está levantando e pegando o material e vazando, dane-se o professor.”

E3 “Tirando que os professores lá eles são contratados para dar aula. Eles não são contratados como aqui que vai pra pesquisa e tem que dar aula. Não, eles são professores didáticos. Então a aula era muita, era muito boa. Todas elas! E, além disso, tinha uma prática, todas as aulas têm uma prática ou um workshop assim que você discute. Que é muito bom também”.

E4 “Eu cheguei lá e fiquei bem deslumbrada com tudo, eu não gosto de ter esse pensamento, que tudo fora do país é melhor, mas realmente é melhor. Você tinha salas de aulas ótimas, como uma estrutura excelente. Tinha tomada, para todo mundo ligar seu laptop. Já tem esse pensamento mais para frente. As aulas começavam em ponto, eu adorava isso.”

E5 “Nas aulas, os professores ficavam muito legais, a maioria gostava muito do Brasil e gostava da língua portuguesa e queria entender, então eles me explicavam as coisas, corrigiam meus erros nas provas, nos exercícios, me orientavam, me falavam se eu quisesse ir lá fazer aula particular, me davam abertura para isso, que também os outros alunos tinham, mas eles enfatizavam também...”

E12 “Mas tem muitas matérias lá que aqui falta. Essa parte esportiva, a parte de prebiótico, probiótico... Então, o que eu sei hoje de prebiótico e probiótico foi o que eu aprendi com o professor. O professor dava o maior suporte para gente, e... Eu tinha, se eu pudesse, se eu tivesse esse interesse, como profissional eu podia ter dado uma crescida um pouco maior.”

E16 “Porque eu lembro que muita gente falava “Ah, as matérias são iguais...” Mas, pra mim não... Apesar de ser a mesma matéria, a gente estudou de uma maneira diferente, teve mais prática, por exemplo, então apesar de ser igual foi diferente... Para mim foi bem legal essa parte....

Os estudantes também relataram o quanto foi benéfico observar como os profissionais atuavam e comparar com o Brasil, situações clínicas, além de procedimentos e técnicas que puderam apreender e explorar.

E17 “Tudo isso eram os médicos que faziam, não eram os nutricionistas... Então isso me impressionou um pouco... Eu só tinha visto aquela realidade naquele momento, só que eles eram muito bons... Eles sabiam explicar muito bem, em cada procedimento, o que a gente teria que fazer, e todos eles calculavam “biva”, coisa que aqui...É usado assim mais em hospital e tal, e aqui a gente não fazia muito... Eu fiz acho que umas duas ou três vezes, mas foi no final do estágio que a gente aprendeu a fazer isso e lá não, lá era uma prática comum.... Eles não calculavam nada a mão, assim, só colocavam os valores e

acho que eles tinham um software bom e saia já todos os resultados de biva, bia, tudo que você precisava, e o atendimento deles era muito completo...

E10 “Foi muito legal saber como eles fazem lá... A gente chegou a visitar lactário... A estrutura mesmo do hospital, então, achei que isso somou muito, a gente aprendeu muito ali. Vendo a prática deles, isso acrescentou muito para gente.”

E17 “Eles atendiam pessoas obesas também, que tinham problemas de compulsão alimentar, e atendiam pessoas com anorexia e bulimia, então, foi interessante ver essa parte, porque a gente não tem acesso a isso. Aqui é uma clínica restrita. É... Parece que a gente não pode ter acesso a esse tipo de paciente, então é muito legal porque lá eu realmente tive acesso e vi como é diferente... Vi a diferença dessas características clínicas e tudo mais, de um anoréxico e de um bulímico, porque aqui fica muito na teoria, e a gente não consegue visualizar...”

E17 “... Aí sim, lá tem as nutricionistas e médicos, mas aí o que aconteceu, eu percebia que lá as dietistas eram desvalorizadas, mas elas mesmas se desvalorizavam, com relação ao atendimento, que eu percebia que era muito ruim, de verdade... Eu percebi que elas tinham alguns cardápios prontos, e elas passavam esses cardápios prontos, só modificava uma coisinha ou outra... Eu não sei se eu ficava dormindo, mas eu percebia que todos os pacientes tinham a mesma dieta... De todo o tempo que eu passei lá, parece que todos tinham a mesma orientação.”

E14 “Eu aprendi mais coisas, eu tive uma aula toda no laboratório para fazer tudo... fazer ELISA, PCR, coisas que você aprende na iniciação científica, mas não no curso... e aprende também pensando... Lá eu tive aula disso...”

Muitos ganhos reverberaram na vida destes sujeitos ao retornarem à universidade no Brasil como o de optarem por carreiras profissionais baseados em disciplinas que tiveram durante o intercâmbio e o de ter oportunidades de retorno para as universidades no exterior pelos contatos que fizeram com professores.

E16 “Primeiro que, eu acho que algumas portas se abriram lá. Eu sei que eles recebem muitos alunos e tal, mas eu tive um contato com um professor que falou que se eu tivesse interesse em voltar para lá, fazer alguma coisa depois, eles iriam receber.”

E13 “Eu só fui, como eu falei, para pós na área de psicobiologia por causa das matérias que eu tive lá de psicologia... Me marcaram muito e percebi que falta muito de Psicologia na Nutrição... Foi quando a gente foi fazer estágio no 5º ano e eu percebia que faltava muito para eu atingir as pessoas, para fazer uma diferença, eu sentia, que eu estava meio perdendo meu tempo lá”

5.3.2.3.2. As viagens durante o intercâmbio

Independentemente do local escolhido para intercâmbio, as viagens realizadas por lazer foram parte da experiência dos indivíduos. O dinheiro era administrado de forma a economizar para tal, porém, em alguns casos, as custas de faltar nas aulas da universidade tornando-se viajar a prioridade ao invés da formação acadêmica.

E6 “Mas, porque lá a gente fazia muita coisa diferente daqui. Acho que o principal é que a Europa é um lugar que te proporciona viajar em volta. Então, você está ali fazendo uma coisa que você quer e tem aquela saudade que está ali...”

E18 “... No meio tempo a gente viajou, a gente viajou bastante, porque o custo de vida em Portugal não era muito alto... A gente dividia legal o aluguel, dividia as contas... Dividia em quatro tudo... Então, a gente acabou ficando com um dinheirinho que... todo final de semana a gente viajava, e às vezes até ficava... Porque assim, as aulas lá não eram... As teóricas não eram presenciais, só as práticas, de segunda feira às vezes tinha uma aula ou outra que a gente emendava, mas claro que também tem uma certa frequência, que nem em relação à aula prática, tinha frequência... Não todo dia, mas às vezes a aula teórica ou de segunda ou de sexta a gente acabava emendando... Que ninguém escute isso, mas acontecia...”

E17 “Aí eu fiz essas disciplinas... Eu acabei elas em fevereiro, aí depois de fevereiro eu comecei... Eu não viajei nesse período... Eu fiz viagens bem curtas, bem para perto dali de Roma, mas eu resolvi me dedicar primeiro, cumprir com as minhas obrigações primeiro e depois, se desse, eu viajava, e foi o que aconteceu... Eu fiz tudo que eu deveria ter feito nesse primeiro semestre, e aí chegou no segundo semestre eu resolvi aproveitar um pouco e conhecer outras culturas, viajar um pouco... Aí eu comecei a viajar...”

E15 “As viagens eram demais. Passava cada perrengue, então já aprendia... Era dinheiro que faltava... Porque chegava a bolsa e você achava que podia gastar tudo... Só que não. O primeiro dia de viagem a gente achava que era rica, aí chegava o 2º já tinha gastado tudo... Eu aprendi nisso também... A controlar o dinheiro...”

E11 “A gente nunca foi de estudar, tal, mas a gente conseguiu fazer tudo que a gente tinha que ter feito, viajei muito e eu meio que falava assim ‘Ah, eu vou fazer dois países por mês, para eu conseguir visitar tudo, ainda faltou, que não deu tempo’. Então eu viajei muito, e isso era meio que minha prioridade. De viajar, de conhecer... Tanto que tem muita gente que juntou dinheiro para voltar, e meu pai falou assim ‘Se você aparecer aqui com 1 real você vai apanhar...’ Gasta, faz o que você quer, porque essa

é uma experiência que você nunca mais vai ter, um ano de férias. Porque foi praticamente um ano de férias”.

E5 “Eu refleti isso antes de sair viajando, só porque é de graça? “Tem alguém pagando para mim...”, porque não é esse o intuito. Apesar de ser o que mais move as pessoas, mas você tem que pensar, ‘Mas e a língua? E os estudos? E o lugar que eu vou ficar? E as pessoas? Tudo isso me interessa também, eu vou saber lidar?’”.

E3 “Todas as viagens eu fazia num grupo de brasileiros mesmo? Porque ninguém mais tinha dinheiro para viajar. Então quem tinha dinheiro era a galera que estava recebendo bolsa. que éramos nós Brasileiros... e que tinham tempo. Nós, brasileiros... e a gente se dava bem também!”.

E2 “O fato de poder viajar bastante, porque a gente recebia uma bolsa em euro lá, ajudava. Então, a gente conseguia custear as nossas despesas, mas sempre sobrava um pouquinho, dava para juntar, fazer uma viagemzinha, conhecer outro lugar. Então, isso também foi muito bacana”.

As viagens também trouxeram benefícios para os alunos como modo de como reduzir a timidez, medo, insegurança e aumentar autoconfiança.

E20 “Sozinha, eu sempre optei por tentar fazer amizade, porque eu não gosto muito de ficar sozinha, e eu me propus a fazer algumas viagens, sozinha, porque eu queria me testar, ver como eu ia me sair, porque eu sou um pouco tímida... Sempre tive problema para interagir com as pessoas e eu vi uma oportunidade, para eu abrir a cabeça. Em relação a isso e foi mais como um desafio... Eu fiz duas viagens, sozinha... Foi muito bom.”

E2 “Acho que a autoconfiança é... desenvolvimento pessoal com relação a desafios, hoje em dia enfrentar qualquer desafio que aparecer na minha frente eu estou disposta, eu não tenho mais aquele medo, aquela insegurança. Pelo fato de já ter saído sozinha pelo mundo e ter conseguido me virar bem”.

E11 “De não ter tanto medo e de, a gente foi para Alemanha e pegou trem. Sem falar um A, um Ol em alemão, fez coisas, viajei, fui para o Marrocos, coisa que eu nunca imaginei que eu fosse fazer por medo, por insegurança minha – eu, F.(próprio nome), e não, eu vi que dá sim... Apresentamos um trabalho em espanhol, que eu achei que eu nunca ia conseguir apresentar um seminário em outra língua, umas coisas assim.”

5.3.2.3.3. Os choques culturais

A experiência de morar em outro país proporcionou alguns estranhamentos em relação aos aspectos culturais. Os principais foram relacionados à língua, comida e clima do novo país.

O idioma foi uma dificuldade inicial, mesmo para quem teve o preparo prévio com aulas. Ao chegar no local, os nativos falavam rápido, com gírias e expressões idiomáticas que deixavam o entendimento mais complicado. Até mesmo quem foi para Portugal teve dificuldades. Também foi relatada a necessidade de falar inglês com outras pessoas que estavam fazendo intercâmbio, o que não era inicialmente planejado.

E20 “Por mais que eu tinha feito espanhol, chegando lá eles falam totalmente rápido, tudo meio diferente, no começo, na primeira semana foi muito difícil, porque a universidade que eu fiquei ela não ajuda no alojamento, então foi difícil”

E17 “Aí eu fui comprar meu celular e, realmente, com o meu nível de italiano eu sabia o básico... Eu não sabia muito bem a pronúncia certa, assim, algumas palavras eu não sabia, então eu cheguei lá no vendedor, e acabei que misturei três idiomas, porque eu falava um pouco de espanhol, um pouco de italiano e um pouco de inglês... No final das contas, eu consegui comprar o meu celular, normal, mas aí depois desse 2º mês de curso, eu já consegui falar muito bem, muito bem mesmo, ainda mais porque a gente tem contato com alguns italianos, a gente aproveita para treinar, e eles...”

E14 “Ter aula em francês era esquisito... Eu já tinha passado seis meses... Eu já entendia tudo, eu já conversava com o pessoal, mas eles falam muito rápido, e muita gíria, então às vezes na aula eu falava ‘Ai, meu deus, o que é que ele falou mesmo?’. Aí tinha que perguntar para amiga ‘Que é que ele quis dizer com isso?’, aí elas me explicavam esses termos científicos, esses termos de faculdade mais técnicos que se não aprende fazendo curso de francês... Mas também não era muito difícil entender eles... Eu achei que ia ser muito pior, mas acaba que não sendo...”

E18 “Até mesmo o inglês, muita gente falava. “Mas você vai pra Portugal, para aprender outra língua”. Mas acaba que você desenvolve muito o inglês... Primeiro porque você chega lá e pensa em português, mas você chega lá e encontra o pessoal que está fazendo intercâmbio também, então você tem que se comunicar com eles”.

E2 “Que eles falam muito rápido em português, mas tem muitas palavras que são iguais as nossas, ou tem significados diferentes, e palavras que são diferentes e que as vezes tem o mesmo significado. Então para se adaptar com isso as vezes era um pouco difícil.”

Porém as dificuldades com a adaptação à nova língua tornaram estes indivíduos mais confiantes e independentes, características que foram reconhecidas como importantes para a vida profissional futura.

E20 “Antes de eu ir eu fiz o primeiro ciclo da pediatria inteiro, e eu me cobrava muito, eu me exigia muito, queria que tudo fosse perfeito. E agora eu vejo que eu voltando do estágio eu estou mais calma para fazer algumas coisas, eu não entro mais em paranoia, ficar “Ah, tem que fazer isso, fazer aquilo”, eu faço o que dá tempo, bem feito... Acho que isso me ajudou muito a ter calma em algumas situações, pensar melhor antes de fazer, acho que é mais... e hoje eu estou mais calma, porque eu tive que apresentar trabalho em espanhol, então eu me sinto mais preparada, mais confiante do que está por vir.”

E14 “Eu tive que ir no médico lá, sozinha. Falar em francês com o médico, o ginecologista... É que no Brasil eu nunca fui sem a minha mãe no médico, em nenhum médico, e aí lá eu tive que ir em outra língua, com o dicionário, fazendo mímica para ele entender o que eu estava querendo dizer para ele. E foi uma experiência muito bizarra. Mas que acabou sendo muito legal... Eu aprendi a ser independente...”

A comida também foi citada, porém por razões diferentes: por dificuldade de adaptação, por ser muito palatável ou por ser muito cara. Para os sujeitos desta pesquisa, que se formaram nutricionistas após esta experiência, as dificuldades alimentares ajudaram a visualizar como a mudança de comportamentos e hábitos alimentares pode ser difícil.

E19 “A comida lá... As frutas são horríveis... Não tem gosto de nada... Uma que é caro... uma carambola, um euro! E nada tem gosto... Nem banana tem gosto... Você fica decepcionada com qualquer fruta e é tudo muito caro... Carne vermelha é um absurdo de cara, só vivia de frango e atum... Mas, de ter que cozinhar tudo, e não achar tudo que a gente está acostumada aqui, e também não dá pra ficar comendo a comida deles... Tudo tem batata frita ou batata cozida... Chega uma hora que você fala “Não dá...”, você não aguenta mais... É bem, é estranho...”

E8 “Comida, tanto que eu não emagreci até hoje o que eu engordei lá... O tanto que eu comi... Acho que a maioria das pessoas ganha o dinheiro e viaja muito. Para a quantidade de país que eu fui acho que até foi uma coisa legalzinha... Mas eu gastei muito em comida. Como eu gosto de comida, de fazer comida, ia gastar em restaurante... Eu descobri um restaurante melhor de Porto, *super barato*. A gente ia lá toda semana... Comia horrores”.

E3 “A Austrália é muito um pouco de tudo. Tem muito do inglês, é muito do americano, é muito do chinês, então você encontra de tudo em todo lugar. O problema é que assim, os pratos que a gente está acostumada a comer um arroz e feijão, uma carne, são muito caros. Para você comer, você gasta 30 dólares em um prato... Então o que eu fazia para economizar era não comer fora. E as experiências comendo fora não eram tão boas. O que

eu gostava bastante e era barato era comida mexicana... às vezes comprava comida mexicana, mas barato assim, tipo 10 dólares um burrito. Caro!”

E17 “...você percebe que é necessário você ouvir, prestar atenção e acolhê-la de forma não automática, mas de uma forma individualizada, assim, mas por esse aspecto... E também perceber que, tipo, os hábitos eles não são impossíveis de se mudar, porque querendo ou não eu passei por um choque de hábitos. Independente da Itália ser o melhor país para comer... mas eu também tive dificuldade no meu primeiro mês, eu não conseguia comer nada, não consegui tomar água, não conseguia comer nada, e era muito difícil, mas aí depois você vai aprendendo que é possível sim quebrar, os hábitos anteriores, e adotar novas coisas... Não é uma coisa impossível... Você passa por um período horrível... O meu foi restrição obrigada, e não tipo “Eu vou mudar meus hábitos!”.

Adaptações ao clima foram difíceis no início da experiência. Frio e chuva são as situações climáticas que limitaram os indivíduos a saírem nas ruas e irem as aulas e que chegou a afetá-los psicologicamente.

E18 “Depois foi começando a ficar frio, e aí era muito difícil ir para aula... Nossa, tinha que pegar o metrô e tal, e estava um frio... A gente não ia, porque era muito gelado mesmo... Mas aí a gente ia, tal, tinham as festas, a noite... A gente tinha um grupo que... Não lembro como chama... E esse grupo organizava viagens com o pessoal que fazia intercâmbio... Tinha festas... E a gente foi muito, a gente participou muito disso... Foi aonde a gente conheceu os gringos.

E16 “Única coisa ruim é que como chovia muito, ventava muito no começo a gente ficava muito socada em casa, então acho que por isso também que eu fiquei um pouco deprimida no começo... Porque a gente não conseguia sair muito. A noite era muito frio e tudo...”

E14 “... Lá era muito frio, tipo, do ano inteiro que eu fiquei lá fez duas semanas de calor, entre aspas, que foi tipo 19º... De resto só nevava, chovia, ventava... E eu que sempre detestei frio... Eu aprendi a viver no frio... E viver no frio lá não é difícil, porque todo lugar lá é aquecido, então só na rua que é diferente, e você acaba acostumando... Eu nem saía de casaco de casa... Eu saía com um sobretudo por cima, porque chegava no lugar e você tirava... No começo não, no começo eu colocava 15 roupas e ficava morrendo de frio...”

E6 “Mas aí, em outubro, começou a esfriar, e lá é frio e chuva. É muita difícil... Então é essa questão de colocar mais roupa, de ter o aquecedor em casa, aquecedor para ir para faculdade... Isso eu estranhei, porque eu nunca tinha tido uma experiência fora, no frio, mesmo em viagens que a gente acabava fazendo, tudo... Eu estranhei nesse sentido. Adaptei, mas... Não era preferência.”

E4 “Eu sempre amei frio, mas eu descobri que é péssimo. Você estar sem sol é horrível, e afeta o psicológico da gente. A gente acha que não, mas afeta, muito”.

Atitudes culturais também foram motivos do estranhamento, as pessoas serem fechadas, menos afetuosas, considerados rudes ou machistas, e terem a frequência do banho menor que a do brasileiro. Foi valioso para os indivíduos estudados avaliarem seus preconceitos, serem mais tolerantes, aceitar a cultura de cada nacionalidade e absorverem alguns costumes.

E15 “Os meninos lá são bem machistas, dava para perceber por umas coisas que eles falavam... A gente acha que aqui é, mas a gente vai para uma cultura diferente, Europa, pensa que é mais desenvolvido, e não.

E14 “As pessoas são muito diferentes, muito mesmo, e o francês ainda é um povo mais fechado, eles não são que nem brasileiro, que nem todo mundo fala que não tem nenhum povo no mundo igual brasileiro... Francês é o oposto... Eles são fechados, não conversam, tem cara de chatos, eles são irritados, rabugentos.”

E12 “A gente viveu seis meses com uma Sueca, e seis meses com uma francesa, você vê a comida que elas fazem... Eu falava: Nossa, como é que você come isso? E aí ela virou e falou para mim “Como que VOCÊ come isso?”. Você passa a entender que a gente tem uns preconceitos que são totalmente ridículos. Que nem, a Sueca, ia morar com a gente uma sueca, a gente não sabia quem é que era... Que que você pensa de uma sueca? Loira, olho azul, pá, maravilhosa – não que ela não seja... Aí chegou, o cabelo preto, preto, preto, descendência árabe, aí eu falei “Não é isso aí não, mandaram errado...”

E11 “Tinha uma sueca que morava com a gente, e ela não tomava banho. Então no começo eu ficava assim “Meu deus do céu!”, então até aceitar que é a cultura dela, que lá na Suécia não faz calor, então ela toma banho uma vez por semana e olhe lá, e é uns negócios assim que você começa a perceber que ninguém é quadrado que nem você, que não vive aqui, então é...”

E8 “As pessoas não são tão calorosas. Da faculdade, as pessoas que eu conheci lá... Os portugueses, da faculdade, foram só de grupo de trabalho... Hoje eu não tenho contato com ninguém de lá...”

E7 “O que eu sofri foi, talvez na faculdade, eles são mais frios lá, mas eu gostei disso... Sinceramente, eu interpretei como uma característica positiva e trouxe para minha vida, de você ficar mais distante das pessoas e se aproximar daquelas que de fato são importantes, fazem bem, seja melhor. Então, muda um pouco a cultura do brasileiro de ser, tratar todo mundo extremamente bem... Não, eu trato com educação, mas aproximação, agora, eu sou bem mais restrita... Foi uma coisa positiva...”

E4 “Descobri que tem gente muito educada e gente mal educada. Mas a melhor parte de estar na Inglaterra, como mulher, foi poder me sentir bem em qualquer lugar. Em nenhuma balada ninguém chegava em mim, ninguém invadiu o meu espaço.”

E4 “É uma cultura muito afastada, uma cultura muito fria... As pessoas não se cumprimentam por beijo, por abraço... Foi uma coisa que eu achei que não ia sentir falta, mas eu senti falta de encostar na pessoa, chamar para ir em casa...”

E3 “Só que é aquela coisa de morar com estrangeiro, eles não têm higiene nenhuma, então a gente teve muito problema disso. Ninguém lavava a louça, e eu queria fazer minha comida, porque eu fazia todas as minhas refeições, eu não comia nada fora para economizar dinheiro, é obvio.”

E3 “Eu achei que, a indiana ia ser *super suja* também tal. Erro meu! Ela era a que mandava nas limpezas lá, mandava até eu limpar as coisas, era tipo, “Mas está limpo isso aqui!” “Não está limpo, você vai limpar de novo!”, eu falei “Beleza, ótimo, melhor assim!”

E1 “E eles são bem metódicos, não tem esse jeitinho brasileiro. Então, na hora de fazer um trabalho “É assim, é assim, você não vai fazer diferente”, “Não, deixa assim que está bom”, “Não é assim, é assim!”. Então você não pode discutir isso sabe? Porque ele é assim, não adianta você discutir. Então eles dividiam as coisas muito certinho, era pra fazer tudo muito certinho. Eu achei, eu senti isso, que essa coisa que a gente tem de “Não, se fizer assim está bom!”, “Acho que assim já dá!”, “Não! Não! Não é assim que é pra fazer”.

E19 “Primeiro, os portugueses eles são muito diferentes da gente... No começo a gente assustou muito, porque a gente já chegou levando patada de português, porque eles são grossos, mas é o jeito... Depois que a gente aprendeu que é o jeito deles ser grosso. Tudo bem, mas, a cultura, tudo...”

E14 “A gente aprende a ser mais tolerante com as outras pessoas do que o pessoal daqui, e que não é muito tolerante... Aprender a entender as outras pessoas. “Ele tem uma cultura diferente da minha”, então, eu vou explicar para ele que a minha cultura é diferente, mas também eu não posso impor a minha cultura em cima da dele, igual esse cara, por exemplo, que foi machista no bar com a gente...”

5.3.2.3.4. As admirações da cultura

A nova cultura também despertou admiração do intercambista, principalmente pela sensação de segurança e qualidade de vida que viveram durante toda experiência.

Andar na rua sem medo de ser assaltado, independentemente da hora, e quando comparada ao Brasil em que a violência está presente deu aos indivíduos a sensação de liberdade.

E19 “Você conseguir andar na rua... Eu ia – as outras duas que foram comigo não eram muito de sair, então eu saía sozinha às 11 da noite de ônibus, voltava às 5 da manhã sozinha andando 30 minutos e não tinha medo, não tinha problema nenhum, então só isso eu acho que eu fui ficando muito encantada com tudo isso, e queria muito...”

E15 “Eu acho que a liberdade que a gente tinha lá, apesar dos cuidados que você tinha que ter por ser brasileira. Em um lugar diferente... E aqui infelizmente a gente não tem, e isso é muito triste... Isso, assim, que mais me marcou. E assim, um mês depois que eu cheguei, meu avô foi baleado na porta da casa dele... Então, eu fiquei muito... Foi um choque... Porque eu voltei assim, estilo Portugal, de boa, pode sair a noite, pode voltar, pode andar a pé com a bolsa, não sei o que, então foi muito marcante assim para mim... E aí eu vi o tanto que a gente tem coisas boas, mas ainda precisa melhorar, e eu vi o tanto que é triste isso. A gente se privar dessa liberdade por causa de todos os problemas sociais que a gente tem...”

E8 “A cidade... Era muito segura. Quantas vezes eu saía meia noite e voltava quatro horas da manhã sozinha, sem problema nenhum... Andava... Nunca aconteceu nada, absolutamente nada... Tipo, de qualquer coisa que você acha que tenha sido perigoso... Então, isso traz uma tranquilidade muito grande.”

E4 “E a segurança era incrível. Não sentir medo de pegar um ônibus para ir para casa ou até mesmo ir embora a pé.”

Qualidade dos produtos nos mercados, valorização de todas as profissões, respeito em relação aos horários do transporte público e às filas e poder viver bem com “pouco” dinheiro são características que constroem o conceito de qualidade de vida que foi admirado pelos sujeitos estudados. Relataram também que voltariam a viver nestes países, e consideraram até mesmo outras profissões que não as suas, e socialmente *desvalorizadas*, para continuar a ter um melhor o padrão de vida.

E12 “É porque o padrão de vida que a gente vê lá é... Nossa, 500 euros – a gente ganhava 870... Com 500 euros lá –é que a gente viajava, a gente passava uns perrengues de comida, para viajar. Mas se eu ganhasse 500 euros lá eu vivia muito bem... Eu morava muito bem, em uma das melhores ruas, eu comia muito bem... O mercado é fantástico... Você se mantém... Aqui, com 500 reais, que que você faz com ele? Nada...”

E4 “Na fila, ninguém empurra ninguém para entrar no metrô. Ninguém empurra ninguém para entrar no ônibus... O ônibus chega no horário, nunca está cheio. As pessoas são educadas, tem esse conceito de vida que a vida fica muito melhor, a qualidade de vida fica muito melhor...”

E3 “Porque a vontade de voltar pra Austrália é muito grande. Talvez eu volte e lave pratos lá na Austrália...É... não sei! Porque a gente vê que...o país pode ser muito.. como que eu posso dizer

isso? A pessoa, ela pode ser muito mais valorizada.. porque a nossa profissão é muito desvalorizada, eu vejo isso... Na Austrália, qualquer profissão tem seu valor, e não estou falando só financeiramente. Eu falei brincando agora lavar pratos lá, mas assim, pode ser que lavar pratos ganhe o mesmo que um nutricionista clínico aqui.”

5.3.2.4. O meu novo ser

5.3.2.4.1. Os ganhos da experiência

A experiência, de maneira geral, trouxe para os indivíduos estudados diversas características que eles relataram levar para a vida pessoal e profissional, tais como a redução da timidez e ingenuidade, e o aumento de confiança, tolerância, empatia, independência e pró-atividade. Noções de gestão financeira e um amadurecimento de maneira geral, os levou às questões essenciais, de o que seria realmente importante e a prioridade em suas vidas.

E15 “Bastante, porque esse negócio de segurança, por exemplo, eu estou na parte clínica... Eu saí da faculdade e já comecei a atender... Já é mais assustador... Eu queria, na verdade, fazer alguma coisa antes... Um aprimoramento, residência, mas não deu e eu falei “Vamos embora”, então eu acho que eu não teria essa coragem, então me ajudou nesse sentido, eu falei “Ah, tive coragem do outro lado do mundo, ficar longe... Por que eu não vou ter coragem de atender?”

E11 “Eu acho que eu aprendi a não confiar nas pessoas. Ter sempre um pé atrás... Eu fazer minha parte, porque eu sou assim, eu me doo, mas agora estou sempre um pouco mais pensando em mim e um pouco menos solícita. “Eu ofereci ajuda. Não quer?”, porque lá você fica muito sozinha, e você vê gente da cultura do mundo inteiro, porque tinha gente da Austrália, Ásia, Oceania, e as pessoas eram muito individualistas ali... Lá na Europa eles são mesmo. E a gente aqui não... Então, eu acho que eu aprendi a ser um pouquinho individualista... Pensar mais em mim...”

E12 “Então essa parte de pessoal mesmo, de comunicação com as outras pessoas, de tentar entender o outro lado, de tentar chegar numa consulta e a pessoa falar “Olha, eu não consigo emagrecer. Eu estou tentando não comer isso, mas eu amo comer isso”, então para você pode ser uma coisa super *simples*, para de comer isso... Mas para outra pessoa... É completamente diferente, é a percepção...”

E18 “Fora a experiência de se virar com as pessoas – que eu acho isso também importante, aprender a se virar. Tudo isso que não é exatamente focado na sua profissão, mas que vão ser *super importantes* na sua desenvoltura como profissional. Foi isso que também foi importante... Sair um pouco da casa dos pais, se virar, foi interessante.”

E5 “Eu estava num momento ali do 4º ano que eu estava realmente insatisfeita com o curso... Essa viagem também serviu para isso... Me chacoalhou assim “Ó o mundo aí... Ó o tanto de coisa diferente que você aprendeu em quatro meses... Então, vai estudar”, se a faculdade não está te dando, vai procurar. Então, eu comecei a fazer estágio, fiz o voluntariado, comecei a trabalhar por conta.”

E1 “E assim, de formação pessoal foi esse negócio de estar sozinha, porque eu nunca tive que lidar na minha vida assim, eu sempre morei na casa dos meus pais, eu sempre tive muita gente comigo, nunca fazia nada sozinha, e do nada lá me tornei *super independente*, não precisava de ninguém”

E9 “Se você quer alguma coisa, você que tem que buscar. Você falar “Nossa, a porta está ali... Porque essa porta não vem até mim?”. É claro que vai ter umas mesas no meio do caminho, mas todo mundo tem essa dificuldade. E é só você... Se você quer, você pula a mesa e vai.”

E9 “Administrar um pouco o dinheiro. Que não era sempre que eles me mandavam dinheiro, e a gente ganhava por três meses, e isso é ruim para mim, na minha cabeça é ruim, porque você tem que se programar para ter dinheiro no final do 3º mês... Tem que pagar aluguel, tem que pagar isso, para 3 meses.”

E7 “A questão financeira também, eu acho que é muito bom, porque a gente tinha uma bolsa muito grande, sinceramente... E aí você via gente que gastava horrores e tinha que pedir para os pais, e gente que economizou e trouxe. Acho que foi legal ter essa noção financeira...”

E14 “Eu acho que antes de ir eu estava muito acomodada... Acordo, vou pra faculdade, estudo para prova, colo na prova se eu não quero estudar... Isso é chato, não sei se eu quero fazer isso para o resto da minha vida... E agora a gente volta e fala “Não... Eu tenho que me formar... É uma coisa legal... Olha a experiência que eu tive”. Vamos pensar como adulto, e não como criança mais. Que a gente tem que estudar, tem que fazer as coisas... Aí você começa a querer achar uma área para você... “Não, eu estou crescendo... Já amadureci.”

E17 “Não digo que é uma visão estagnada de vida, mas é uma visão diferente, que te faz pensar no que é felicidade... Será mesmo que a felicidade é mesmo eu passar em um aprimoramento? Eu passar em uma especialização? Fazer uma pós? Ou a felicidade são as pequenas realizações?

5.3.2.4.2. Tornar-se o próprio exemplo de vitória

Por fim, os sujeitos do estudo relataram que se tornaram exemplos de si mesmos, citando que em situações em que precisariam acessar algumas das características adquiridas durante a experiência, bastava que eles lembrassem de como se superaram em diversos aspectos quando viveram fora do Brasil.

E18 “Meio que isso, ser mais destemida... Porque assim, toda vez que eu estou com uma dificuldade eu penso “Ah, eu fui pra lá, me virei...” Eu consigo, vai dar tudo certo... Eu passei por cada situação lá sem ter ninguém para salvar.

E16 “Eu posso considerar que foi, nossa senhora, uma coisa... Ninguém acredita ainda que eu fui, então pra mim isso foi muito importante... Foi uma barreira que eu venci. Pessoal... Aí, estando lá e não dependendo de dinheiro nenhum do meu pai, como se eu recebesse meu dinheiro e tal, também foi muito legal, porque... 100% independente...

E15 “Aqui eu me virava mas tinha uma segurança, então eu acho que essa sensação eu nunca tinha tido que me ajudou a crescer... Às vezes, tem situações, principalmente na faculdade, depois do intercâmbio, situações do dia a dia que você fala... Ai, nossa, mas eu já me virei fora do país... Te dá uma segurança muito maior que antes eu não tinha tanto...

E13 “Eu acabei fazendo três intercâmbios, e todos parecem que, minha vida está indo de um jeito, tem o marco do intercâmbio, mudou a direção... Tem o marco do intercâmbio, mudou a direção. Eu não consigo imaginar onde eu estaria hoje se eu não tivesse passado por essas experiências... Mas uma coisa que eu definitivamente tenho certeza é que eu estou feliz aonde eu estou hoje por ter passado por essas experiências diferentes”.

E5 “Aprender a lidar com o desconhecido e desafios... Então, hoje eu penso “Nossa, que aquilo que eu passei lá atrás, de não conhecer ninguém, não conhecer a língua, ter que aprender um conhecimento novo.” Quanto que isso me engrandeceu...” E eu consegui... Então hoje se eu tiver que fazer uma coisa totalmente nova, num ambiente em que eu não conheço as pessoas... Todo mundo fala minha língua, todo mundo me entende... Eu vou me enquadrar aqui com mais facilidade. Criou e desmistificou isso. Quebrou essas barreiras.”

E4 “Como eu passei maus bocados lá, eu não acho que tenha alguma coisa mais difícil para passar aqui. Acho que como eu passei um momento muito difícil, de muita solidão, então aqui, com meus amigos e minha família perto, isso me dá uma segurança para fazer as coisas e tudo mais”.

Discussão

6. DISCUSSÃO

O fenômeno da globalização resultante do aumento do fluxo de indivíduos, ideias, capital, bens e serviços pelas fronteiras (CAVALCANTE et al.; 2018), também influenciou mudanças no ensino superior na área da saúde, e resultou em crescente tendência da mobilidade internacional acadêmica. (BRASIL, 2016)

É bastante atual e permanente o debate sobre internacionalização da educação e mobilidade acadêmica. (DE CAMPOS; LIMA, 2011) Miura (2006) indica uma mudança da abordagem sobre o fenômeno da internacionalização. A abordagem que enfatizava as atividades de cooperação internacional, mobilidade estudantil, e relações acadêmicas internacionais, a partir do final da década de 1980, passou a dar lugar a uma *abordagem de processo*. A internacionalização das IES deve idealmente integrar no cerne das suas propostas as dimensões intercultural, internacional e global no exercício das suas funções – pesquisa, ensino e extensão. (MIURA, 2006)

Segundo a análise de Castro e Cabral-Neto (2012), na América Latina, bem como no Brasil, o processo de internacionalização pela perspectiva da mobilidade estudantil ainda é embrionário. A capacidade de captação de estudantes pelos países desse continente é pouco expressiva, o que acentua o desequilíbrio crescente entre as regiões desenvolvidas e aquelas em processo de desenvolvimento. O Brasil é o país na América Latina que mais envia estudantes para intercâmbios e, nos últimos anos, vem adotando uma série de estratégias de captação de estudantes, por meio de políticas e programas financiados por recursos públicos e privados, o que, possivelmente, irá modificar o quadro de recepção e a melhoria da mobilidade internacional. (CASTRO; CABRAL-NETO, 2012)

Dentro deste contexto, a USP obteve um expressivo número de bolsas de estudos do programa CSF concedidas no estado, que foram distribuídas nas mais variadas áreas, em sua maioria para as áreas de Engenharias e demais áreas tecnológicas. As áreas de Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde, na qual se inserem os cursos da FMRP-USP e o nosso estudo, ocuparam o segundo lugar em número de bolsas concedidas para a USP.

Este expressivo aporte de recursos do programa CSF na modalidade graduação, em particular aquelas destinadas ao estado de São Paulo, e à USP, e às

suas diversas Unidades incrementou a mobilidade estudantil internacional. (BRASIL, 2016; CALVACANTE et al., 2018)

A concentração de concessões no Sudeste e Sul do país foi visto como um problema enfrentado pelo programa. A superação dessa questão foi revista com a criação de mecanismos e ferramentas de incentivo para que as instituições de ensino superior das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste estimulassem a mobilidade internacional de seus estudantes. (AVEIRO, 2014)

Entre as bolsas concedidas à USP, os principais países de destino foram Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Austrália, Canadá, Espanha, Itália e Portugal, com predomínio das áreas de Engenharias e demais áreas tecnológicas, e do gênero masculino (3.074 estudantes). (BRASIL, 2016)

Já o número de bolsas concedidas em todo o país nas áreas de Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde pelo programa CSF foi a sua maioria para o gênero feminino (10.009 estudantes) e 5.957 bolsas para o masculino.

No estudo, maioria dos respondentes ao questionário de experiência internacional era do curso de Medicina e do gênero feminino. Houve uma distribuição similar do percentual de respondentes do questionário - experiência internacional- entre os estudantes dos cursos de Nutrição e Metabolismo, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional; a participação foi um pouco menor dos estudantes da Informática Biomédica e Fisioterapia, e chamou atenção a participação nula dos estudantes do curso de Ciências Biomédicas.

Entre os respondentes, 23,38% relataram experiência internacional antes da graduação ou durante a graduação. Nesta amostra de respondentes, os principais países de destino foram Estados Unidos, Canadá, Dinamarca, Portugal, Inglaterra e Espanha, e a totalidade avaliou a experiência como totalmente positiva ou predominantemente positiva.

Durante a graduação, como pressuposto, o financiamento da experiência do intercâmbio foi para a maioria dos entrevistados, por meio do programa CSF (66,7%); no entanto, pode ser considerado expressivo o percentual daqueles empregaram recursos próprios (27,8%), e muito baixo o percentual que obteve a concessão de bolsas de Mérito Acadêmico (5,6%).

Já na amostra dos alunos dos cursos de Medicina, Ciências Biomédicas, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Metabolismo e Terapia Ocupacional registrados no Sistema Mundus da USP, os principais destinos escolhidos foram

Portugal (26,8%), Austrália (20,3%), Estados Unidos (13,8%), Espanha (9,8%) e Inglaterra (8,1%). Nesta amostra, a maioria realizou o intercâmbio internacional por meio da concessão de bolsas do programa CSF. A predileção por Portugal e Austrália pela maioria dos intercambistas, alunos dos cursos da área da saúde da FMRP-USP, pode ser resultante das facilidades estabelecidas por convênios institucionais (Portugal e Austrália) e familiaridade com a língua do país de destino para de Portugal, entre outras condições climáticas e atração pelo país (Austrália).

Aveiro (2014) destaca o fortalecimento e consolidação de novas parcerias com alguns países, incluindo a Austrália, o que pode ter influenciado neste resultado do estudo.

A escolha do país para realizar o intercâmbio sinaliza os interesses dos estudantes e suas motivações. Existe a preferência por países europeus, seguidos por Estados Unidos e Austrália, países que são centros acadêmicos tradicionais dominantes. (ALTABACH, 2001) Segundo Owen e colaboradores (2013), a Europa é região de interesse de indivíduos que querem viajar, e África ou América Latina leva aqueles mais interessados em trabalhos de cunho social com populações vulneráveis. A escolha por países subdesenvolvidos é baseada em altruísmo e fé (KUMWENDA *et al.*, 2014), que não foram motivações relatadas na nossa amostra de estudo.

A análise detalhada de Castro e Cabral Neto (2012) mostra que os Estados Unidos despontam, dentre os países considerados, como aquele de maior recepção de alunos, acolhendo em ordem decrescente estudantes da China, Índia, Coreia e Japão. No entanto, esse país (EUA) envia um número reduzido de estudantes para destinos internacionais, e seus alunos escolhem, nesse processo, por ordem de prioridade, o Reino Unido, o Canadá, a França, a Austrália e a Alemanha, países esses que concentram uma grande capacidade de tecnologia, de capital, de mercados e produção industrial. É interessante notar que estes são países que investem na capacidade instalada para acolhimento de alunos, oferecem uma infraestrutura para recebê-los e a maioria desses países permite, também, que os estudantes trabalhem 20 horas por semana. Além do mais, os Estados Unidos, por possuírem um sistema educacional bastante consolidado e desenvolvido, com alta tecnologia e capacidade instalada de pesquisa, não investem, de forma mais intensa, no processo de mobilidade externa; as universidades americanas são as responsáveis pela própria captação interna desse estudante. (CASTRO; CABRAL NETO, 2012)

A busca por aprimoramento de conhecimentos com novas experiências acadêmicas e culturais, e oportunidades profissionais mais promissoras são algumas das motivações dos estudantes para a realização de intercâmbios internacionais. As experiências educacionais internacionais podem proporcionar conhecimentos significativos na vida acadêmica e profissional futura. O intercâmbio internacional apresenta-se como uma realidade possível a vivência em instituições estrangeiras e traz facilidades aos estudantes que almejam um diferencial na profissão, especialmente a internacionalização. (CARVALHO *et al.*, 2016)

Em concordância com demais estudos, o desejo de viajar para o exterior, vivenciar outras culturas e aprender uma nova língua são atrativos para quem almejava ou não a experiência do intercâmbio, entre os respondedores do questionário. (OWEN *et al.*, 2013; KENT-WILKINSON *et al.*, 2015) O intercâmbio é a oportunidade de viver um contexto cultural que ultrapassa a perspectiva obtida em uma visita turística. (BOHMAN; BORGLIN, 2014)

O estudo de Kent-Wilkinson e colaboradores (2015) buscou explorar fatores que influenciam as decisões dos estudantes de enfermagem de todos os anos de universidade americana em estudar no exterior. Os autores relataram que um elevado número de alunos mostrou interesse em estudar e ter experiências internacionais no exterior (84%), com muitos benefícios percebidos, mas para esses alunos, as barreiras para participação também eram altas, e consistiam em barreiras financeiras (71%), seguida de responsabilidades familiares (30%). (KENT-WILKINSON *et al.*, 2015)

Goodman e colaboradores (2008) buscaram comparar estudantes de enfermagem britânicos e espanhóis no desejo de estudar ou trabalhar no exterior e quais eram as barreiras percebidas e os benefícios em fazê-lo. Os britânicos nomearam os países de língua inglesa como destinos prováveis. Os estudantes espanhóis nomearam a Itália; o Reino Unido e os EUA foram também populares. As barreiras percebidas pelos estudantes do Reino Unido foram financiamento, família e idioma. Os compromissos familiares não foram um grande problema para os estudantes espanhóis. Há maior probabilidade de os estudantes espanhóis verem a língua como um problema comparados aos ingleses.

Na investigação dos fatores que influenciaram os estudantes de farmácia de universidade americana na escolha de determinados países, realizado por Owen e colaboradores (2013), foram observadas algumas influências, como "eu gosto de

viajar" e "eu quero uma aventura", que foram universalmente relatados por uma elevada porcentagem de entrevistados interessados em cada região do mundo. Uma proporção dramaticamente maior de estudantes interessados na África (79%) e América Latina (64%) relatou: "Estou interessado em ajudar os menos afortunados do que eu", como uma motivação para o estudo internacional do que regiões do mundo (18%). Herança familiar, amigos e família morarem na região foram os fatores mais citados como influências positivas por parte dos entrevistados que expressaram interesse na Europa e na Ásia. Maior proporção de estudantes interessada em estudar na América Latina relatou um desejo de melhorar suas habilidades de outra língua como uma motivação em comparação com alunos interessados em outras regiões do mundo. (OWEN et al., 2013)

Um interessante estudo conduzido por Beerkens e colaboradores (2009) que realizaram uma detalhada análise da extensão, barreiras e motivadores para a participação no programa ERASMUS em sete países. Foram observadas semelhanças notáveis entre os países com relação de como as barreiras se agrupam para os alunos e quais as barreiras que caracterizam os não-participantes em comparação com os participantes. O estudo confirma que os laços familiares e a falta de interesse são preditores mais robustos para a não participação. As barreiras identificadas foram os laços familiares e pessoais, a interrupção dos estudos no curso de origem, os custos financeiros indiretos, e outros elementos se misturam entre a falta de habilidades em língua estrangeira, dificuldades ou desconhecimento do programa ERASMUS, e incertezas na qualidade dos cursos em outras universidades. Entretanto, os resultados forneceram surpreendentemente pouca informação para explicar por que os estudantes em alguns países participantes são consideravelmente mais ativos. Os autores concluem que para maior compreensão, seria necessário estudar mais como as políticas nacionais e institucionais e o contexto poderiam influenciar a tomada de decisões dos alunos e ajudá-los a superar as barreiras à mobilidade. (BEERKENS et al., 2009)

Em concordância com o estudo de Beerkens e colaboradores (2009), que analisou estudantes de sete países participantes do programa ERASMUS, nosso estudo identifica semelhantes barreiras e dificuldades dos estudantes entrevistados, que foram os laços familiares e pessoais, a interrupção dos estudos no curso de origem, os custos financeiros (superado pela bolsa), a falta de habilidades em língua estrangeira, e as dificuldades com a organização do programa CSF.

Outro interessante estudo de Neves e Norte (2009) buscou responder a algumas perguntas que permeiam o processo de intercâmbio na sua vertente comportamental. Entre as questões, “qual o perfil do estudante a ser selecionado para o intercâmbio?” e “quais competências garantem a efetividade do desempenho em uma cultura diferente?” foram exploradas. A efetividade em um projeto de intercâmbio significa mais que a adaptação ao currículo da instituição hospedeira, e consiste em ter comportamento efetivo em um intercâmbio, ter sucesso acadêmico e simplesmente gozar de bem-estar, viver feliz e confortável em uma nova forma de cultura. Simples o bastante – desde que as competências que levem à efetividade e ao sucesso fluam, aos estudantes e todos os envolvidos no processo. (NEVES; FORTES, 2014)

Ainda, segundo Neves e Fortes (2009), entre as características indicadas nos indivíduos que se propõem a experimentar uma nova e diversa cultura incluem: ter conhecimento razoável dos aspectos estruturais e pragmáticos da língua do país hospedeiro, de forma ao menos emergencial, para garantir a sua sobrevivência no país estrangeiro, embora deva ser estabelecida a meta de atingir certo grau de fluência nessa língua ao longo de sua estada; algum conhecimento da cultura do país hospedeiro e boa-vontade para envolver-se com tal cultura, além de considerar gratificante a oportunidade de aprender a respeito de novos costumes e valores; motivações de aprendizagem pessoais compatíveis com os objetivos do projeto que não tenham motivos financeiros e/ou turísticos apenas; atitudes positivas que catalisem esforços que gerem competências para lidar com as condições adversas e/ou inesperadas e imprevisíveis, o que irá exigir autoconfiança; capacidade de autocuidado, lançando mão de recursos próprios; ter comprometimento com o sucesso do projeto e com a instituição e o país que representa. (NEVES; FORTES, 2014) Por outro lado, entre as atitudes e as percepções que mais contribuem para o insucesso de um intercâmbio acadêmico, devem ser citadas: falta de proficiência para compreender e para falar a língua local; preconceito em relação a costumes e produtos regionais; etnocentrismo; hábitos alimentares diferentes.

A seguir, discutiremos os achados observados na terceira etapa e cerne do nosso estudo que busca analisar as motivações e a experiência de participação em um intercâmbio universitário por meio da perspectiva fenomenológica. Esta amostra de 20 alunas do curso de Nutrição e Metabolismo consistiu em sua totalidade do sexo feminino e os principais países do destino foram principalmente Portugal, seguido da Espanha. Tal resultado reforça a indicação das facilidades estabelecidas por

convênios institucionais e da familiaridade com a língua do país de destino entre as entrevistadas.

Na análise fenomenológica das entrevistas, foram identificadas duas principais unidades de sentido: o impacto da palavra “*oportunidade*” e as “*dores do processo*”.

Na primeira unidade de sentido, a *oportunidade*, que é apresentada a estas alunas principalmente pelo custeio com bolsas de estudos, e é reforçada pelo incentivo de colegas de turma, amigos, familiares e pelas experiências exitosas, e resulta no sentimento da necessidade de aproveitar a *oportunidade* que surge.

A bolsa de estudos, oferecida pelos programas brasileiros de mobilidade estudantil, em particular o CSF, vem como a possibilidade de eliminar uma das principais barreiras que impedem que os indivíduos de vivenciar a experiência do intercâmbio: a financeira. A questão financeira é um fator crucial para a realização do intercâmbio, e há concordância entre os estudos que o oferecimento de bolsas aos estudantes incrementa o número de inscrições nos programas de intercâmbio. (OWEN *et al.*, 2013; KENT-WILKINSON *et al.*, 2015; GOODMAN; JONES; MACIAS, 2008) No estudo, nota-se, que um segundo momento, o de redução de bolsas ou interrupção do programa CSF, em 2016, os indivíduos passam a relatar um sentimento de urgência por receio da perda de oportunidade por finalização das bolsas e programas.

O Governo Federal destinou recursos no orçamento das duas agências especificamente para atender o Programa. A previsão inicial de investimento no CSF foi de R\$ 3,16 bilhões: R\$ 1,7 bilhão da CAPES (40 mil bolsas) e R\$ 1,4 bilhão do CNPq (35 mil bolsas), que foram somados aos recursos da iniciativa privada para a concessão de 26 mil bolsas. Segundo Aveiro (2014), as agências não tiveram dificuldades orçamentárias para a execução do programa, no entanto, o período estabelecido para consecução das metas tenha sido bastante reduzido, bem como a equipe de trabalho para a sua execução por falta de investimentos em recursos humanos para a operacionalização do programa. Ainda, a existência de duas agências implementadoras parece ter dificultado a uniformidade do processo. (AVEIRO, 2014)

As metas previamente delineadas foram revistas, em particular quanto ao cronograma de execução e ao número de bolsas destinado a cada modalidade. Já na implementação do programa, foi observada uma baixa procura pelas modalidades de

doutorado pleno e sanduíche no exterior. Por outro lado, a demanda se mostrou crescente na modalidade graduação, o que resultou em ajuste com aumento do número de bolsas previstas para essa modalidade. (AVEIRO, 2014)

Tais informações reiteram o arrojado investimento do governo federal no programa de mobilidade internacional, em particular para a modalidade de graduação, e se traduziu na *oportunidade* oferecida aos estudantes universitários brasileiros, e identificada como a primeira unidade de sentido nas entrevistas no presente estudo.

Nos estudos de mobilidade internacional, o idioma se insere em um ponto central e de diversas maneiras, como facilitador, estimulador (motivador) ou obstáculo. No estudo, muitos sujeitos entrevistados relacionaram o país de destino à familiaridade com a língua portuguesa, já que a maioria foi para Portugal, que os deixavam na zona de conforto. Similar a outros estudos com americanos e ingleses, em que os sujeitos se sentiam motivados a ir para lugares em que tinham o inglês como idioma na região de destino. Por outro lado, outros desejavam ter a experiência para aperfeiçoar um novo idioma. (OWEN et al., 2013; GOODMAN; JONES; MACIAS, 2008) Já alguns sujeitos demonstraram receio de estar em um ambiente que seriam obrigados a se comunicar em outro idioma, que não o seu nativo. (KENT-WILKINSON et al., 2015)

Dentro deste contexto, seguida à negociação com as instituições parceiras no exterior para a oferta de vagas, o CSF passou a enfrentar seu maior desafio para o alcance das metas traçadas: proficiência no idioma do país de destino. (AVEIRO, 2014) Como país majoritariamente monolíngue e de dimensões continentais, o ensino e o aprendizado de uma língua estrangeira têm sido pouca exitosa nas escolas e universidades brasileiras. (AVEIRO, 2014)

Embora em um primeiro momento, houvesse um grande número de inscritos para o intercâmbio na modalidade graduação, a concessão de bolsas foi abaixo daquela prevista pelo programa. Tal fato ocorreu principalmente em consequência da dificuldade dos estudantes brasileiros em cumprir com o requisito do nível mínimo linguístico para a admissão em universidade no exterior. (AVEIRO, 2014)

Ainda, o idioma parece ter sido também um obstáculo encontrado ao início da estadia para alguns entrevistados, mesmo para aqueles que o destino de intercâmbio era Portugal, que tem como língua nativa o português, como no Brasil. É pressuposto que uma dificuldade decorra do sotaque, vocabulários e expressões próprias utilizadas pela população local.

No intuito de contornar essa dificuldade, as duas agências (CAPES e CNPq) começaram a apoiar a capacitação em idiomas no exterior. Adicionalmente, foi instituído, por Portaria normativa do MEC (n. 25 de novembro de 2013), o Programa Inglês sem Fronteiras – IsF – para auxiliar a transpor este obstáculo. O programa passou a oferecer cursos presenciais e à distância de língua inglesa, buscando capacitar os estudantes universitários brasileiros para a participação no CSF, e outras facilidades, como da aplicação de testes de proficiência. (AVEIRO, 2014)

Outra facilidade do programa CSF foi a possibilidade de um período adicional de duração da bolsa para a graduação “sanduíche” de até três meses apenas para a capacitação no idioma do país de destino; os dois semestres de créditos e mais três a quatro meses de estágio em uma empresa ou laboratório. Deste modo, foi permitido tornar o aluno fluente no idioma, propiciar a experiência curricular no exterior e garantir a chance de cursar disciplinas diferentes das oferecidas no Brasil, bem como a oportunidade de vivenciar um ambiente científico diferenciado. (AVEIRO, 2014)

Em concordância com outros estudos, muitos consideram a experiência interessante para melhorar aprimoramento dos conhecimentos e do currículo (OWEN et al., 2013; KENT-WILKINSON et al., 2015). No entanto, a pressão exercida por todos os outros componentes (grupos sociais, colegas, familiares) em torno da experiência e do constructo de *oportunidade*, como relatado por alguns entrevistados do nosso estudo, pode levar ao indivíduo ao *sentimento da obrigação* de aproveitá-la e resultar em uma experiência negativa.

O intercâmbio universitário tem sido considerado uma das formas mais intensas de internacionalização, porque pode proporcionar não somente a ampliação do conhecimento do estudante, mas também do seu crescimento profissional e individual. (STALLIVIERI, 2002) O intercâmbio acadêmico promove ainda a integração entre culturas e pessoas diferentes, visto que a interação ocorre com estudantes do país onde estão realizando seus estudos, mas com intercambistas do mundo todo (TAMIÃO; CAVENAGHI, 2013).

Sob outras óticas, há expectativas do programa de retorno do investimento para as IES, do aprimoramento de conhecimentos e práticas, qualificação do seu corpo de docentes e pesquisadores, e entendimentos interculturais (ALTBACH; KNIGHT, 2007; MOROSINI, 2011); e o para o país, do retorno de um maior número de pessoas internacionalizadas e preparadas para a diversidade cultural, e potencialmente com maior projeção e competitividade profissional. No entanto, o

estudo está centrado na perspectiva do indivíduo, nas suas motivações e experiências, portanto, o ensejo prévio ou posterior de permanecer na vida acadêmica ou de buscar formação para experiências empreendedoras e de inovação tecnológica não foram mencionados ou vislumbrados pelos sujeitos entrevistados no estudo, no curto período que se seguiu à experiência do intercâmbio.

Apenas 5% dos alunos respondentes do questionário não demonstrou interesse em realizar intercâmbio durante a graduação, que é muito baixo considerando que no Reino Unido 21% e no Espanha 30% dos alunos não demonstraram este interesse (GOODMAN; JONES; MACIAS, 2008).

A segunda unidade identificada no estudo foi a das “*dores do processo*”, e sem dúvida o sofrimento ou a dificuldade mais comum foi o receio da separação dos familiares, pares e/ou amigos para seguirem a *jornada solitária*. A presença de colegas de classe viajando para o mesmo destino passa ser um alento para reduzir o sentimento de solidão. No entanto, para alguns, a oportunidade de poder viajar ou estar com colegas, é o principal motivador, e não a vivência acadêmica e cultural do intercâmbio em si. Nesta condição, pode ocorrer uma dificuldade em distinguir as expectativas e objetivos dos sujeitos entrevistados com aquelas de seus colegas, o que parece aumentar a responsabilidade de não desapontar a si mesmos e aos seus colegas, e a auto-cobrança pela concretização das expectativas sobre a experiência, as quais não seriam as suas próprias, mas as dos colegas ou até da família (PITTS, 2009).

O processamento das informações do que seria a experiência é deixado de lado pela grandiosidade da oportunidade e com isso ocorre um distanciamento da expectativa em relação ao que seria vivido, demonstrado na segunda unidade de sentido, as dores do processo. Esta parece ser uma tentativa de reduzir a lacuna entre expectativa e realidade, e assim terem que lidar com desfechos imprevistos e indecifráveis durante a experiência que seria vivida. (PITTS, 2009)

A família representa um papel ambíguo na motivação destes sujeitos, é a parte que atuará como incentivo aos estudantes para aproveitar a *oportunidade*, ou uma barreira, e a parte da causa da sensação de solidão durante a experiência. Por vezes para a família, enviar um ente querido para outro país não é só uma *oportunidade* para que este viva uma cultura nova, mas também que traga estas experiências para casa ou até promova uma visita da família ao novo país. (PITTS, 2009)

Em contrapartida, estudos já publicados mostram que o incentivo da família foi umas motivações menos citadas, e que não se predisporiam a realizar a experiência por não conseguir estar separado da família ou outra pessoa importante durante este período. (OWEN *et al.*, 2013) O papel do par neste estudo foi de desmotivador indireto, pois as entrevistadas pensaram em rejeitar a experiência por causa do distanciamento ou acreditar na desaprovação da realização do intercâmbio pelo par.

No estudo, a preocupação com o atraso da finalização do curso foi bastante recorrente entre os sujeitos entrevistados, e com a decisão de escolha do melhor período para dar esta pausa na universidade de origem no Brasil e se dedicar à universidade no exterior. A maioria das entrevistadas relata que após análise, concluíram que o momento mais adequado para o intercâmbio seria o dos períodos finais da graduação.

Diferentemente, o estudo de Owen e colaboradores (2013) mostra que a opção de estudantes americanos foi por realizar o intercambio nos primeiros anos do curso, que é justificado pela obtenção de maior período para quitação do financiamento da universidade e do intercâmbio. A oportunidade da concessão de bolsas pelas agências de fomento brasileiras possivelmente influi na inversão desta escolha, retardando a escolha do período e por estudantes mais amadurecidos para as suas decisões, e potencialmente com mais competências que garantam a efetividade do desempenho no intercâmbio.

Em relação ao atraso da finalização do curso na universidade de origem, foi imprescindível estabelecer parcerias do programa CSF com as universidades e criar regulamentações que permitissem o reconhecimento das disciplinas realizadas. As instituições de ensino superior e de pesquisa brasileiras envolvidas no programa firmaram o compromisso de participar do processo de seleção, acompanhar o desempenho dos alunos e garantir o reconhecimento dos cursos/ disciplinas realizadas no exterior quando do retorno do estudante ao Brasil. (AVEIRO, 2014) É pressuposto que os estudantes interessados pudessem ser assegurados do reconhecimento dos cursos realizados no exterior. No entanto, a Resolução CoG Nº 4974, de 28 de novembro de 2002, que dispõe sobre o Programa de Intercâmbio Internacional de Alunos de Graduação, estabelecendo normas para o reconhecimento das atividades acadêmicas no exterior, credenciando a participação formal dos alunos em programas de graduação de instituições de ensino reconhecidas pela USP

determina em seu artigo 3º, que pelas disciplinas cursadas no exterior, o aluno receberá o número de créditos que a Comissão de Graduação estimar corresponderem às disciplinas em que comprovadamente logrou aprovação, dentro do limite máximo de 20% do total de créditos do curso da USP. (USP, 2002)

Nossos resultados mostraram que as dificuldades relacionadas ao processo de inscrição, obtenção do visto, à escassez de informações e de profissionais para auxílio, que nem sempre conseguiam esclarecer as dúvidas, e aos prazos curtos foram temas bastante mencionados pelos sujeitos entrevistados. Foi um momento de incerteza, ansiedade, estresse, perda de sono e a espera que exigiu resiliência dos estudantes. Estas dificuldades refletem, como supracitado, o período reduzido para consecução das metas estabelecidas pelo programa CSF, e pela falta de investimentos em recursos humanos para a sua operacionalização. (AVEIRO, 2014) No entanto, dificuldades semelhantes foram observadas em outros estudos. (BROWN; BOATENG; EVANS, 2016; PITTS, 2009; KENT-WILKINSON *et al.*, 2015; GOODMAN; JONES; MACIAS, 2008)

Pressupõe-se que é de interesse e função dos programas de bolsas, periodicamente analisar o processo e todos os seus envolvidos, e sob diversos ângulos e vertentes, ou seja, analisar e avaliar os cursos, as universidades, os alunos e as suas atividades para o alcance dos objetivos acadêmicos elementares e resultados esperados. As orientações, o monitoramento e o suporte administrativo aos estudantes que venham necessitar de auxílio podem influir em melhorias dos resultados a serem atingidos.

Um dos benefícios da experiência relatados pelos sujeitos estudados foi que estar em uma universidade fora do país lhes deu a oportunidade de observar como ocorriam os atendimentos, quais eram os problemas de saúde, alguns em diferentes contextos epidemiológicos, e quais as tecnologias eram empregadas; além de aprender técnicas não exploradas no curso de graduação brasileiro. Os estudantes da área da saúde têm interesse no funcionamento de sistemas de saúde em diferentes países para comparar com aqueles do seu país, de modo que aperfeiçoam o olhar para todos estes aspectos do conhecimento, da assistência ou da investigação (KEOGH; RUSSEL-ROBERTS, 2008; BOHMAN; BORGLIN, 2014).

No estudo, as opiniões dos entrevistados eram variadas, por vezes opostas, na comparação: alguns perceberam que o Brasil se destaca nos quesitos estrutura hospitalar, em diferentes legislações do sistema de saúde e gerenciamento dos seus

recursos financeiros, ainda que precise melhorar em tecnologias aplicadas aos exames de rotina e investigação dos pacientes e ensino de técnicas mais sofisticadas na graduação. Alguns se surpreenderam com os conteúdos teóricos e práticos, organização, a eficácia, os métodos e o profissionalismo didáticos, e o nível de assistência aos pacientes. Outros se decepcionaram com o nível abaixo do esperado nos conteúdos teóricos, a falta de contato com a prática e a desvalorização do profissional nutricionista.

A questão da valorização do profissional nutricionista foi mencionada em alguns momentos. Nos países europeus alguns entrevistados identificaram que o nutricionista não tem reconhecimento que consideravam dentro da equipe de saúde. Um dos sujeitos responsabiliza ainda o próprio profissional por oferecer um atendimento ruim e entregar “cardápios prontos” ao invés de individualizado aos pacientes.

Outra comparação realizada por um entrevistado foi a de salários entre profissões e qualidade de vida, e chega à conclusão que no Brasil a profissão é desvalorizada e que na Austrália um lavador de pratos ganha o equivalente ao que um nutricionista clínico ganha aqui, sem ter a desvalorização social da profissão.

O intercâmbio proporciona a oportunidade de redefinir a idealização do que é ser um nutricionista e dos diferentes papéis que este possa assumir em diferentes cenários. Em semelhança ao ocorrido no estudo de Keogh e Russel-Roberts (2008), em que estudantes de enfermagem compararam Alemanha e Finlândia e observaram os diferentes cenários de atuação redefinindo as suas percepções do “ser” enfermeiro.

Alguns vivenciaram o *novo* no aproveitamento das oportunidades acadêmicas e nas relações interculturais, mas outros priorizaram as oportunidades de viagens ou permaneceram em constituíram grupos com colegas ou estudantes originários do próprio país. Vários relataram circunstâncias de adaptação às variadas culturas e costumes, e alguns situações explícitas de preconceito *da origem estrangeira ou brasileira* vivenciadas na universidade.

Os benefícios dos programas de intercâmbio são diversos. Alguns consideram que os benefícios pessoais são maiores que os profissionais, em concordância com outros estudos (KEOGH; RUSSEL-ROBERTS, 2008; BOHMAN; BORGLIN, 2014). Os atributos como maturidade, autoconfiança, desenvoltura, independência, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, tolerância, criticismo realístico, empatia foram mencionados entre os entrevistados no estudo.

Conclusão

7. CONCLUSÕES

Com base nos resultados apresentados neste estudo, podemos concluir que a disponibilidade de recursos financeiros como bolsas de estudos é o principal motivador para a participação de estudantes universitários dos cursos na área da saúde em um intercâmbio internacional, o que indica que a disponibilidade de bolsas é primordial para a mobilidade internacional dos estudantes.

O gênero feminino tem expressão na participação dos programas de mobilidade estudantil dos cursos da área da saúde. A concentração do destino em Portugal, Austrália, Estados Unidos e Espanha é indicativo de que a facilidade com a língua e a existência de convênios sejam possíveis fatores influentes.

Uma das principais motivações das estudantes entrevistadas do curso de Nutrição e Metabolismo foi aquela derivada da oportunidade de bolsas ofertadas por programas de mobilidade internacional. Outros motivadores foram as experiências exitosas, o incentivo e companhia de colegas para a experiência do intercâmbio, e o incentivo dos pais, familiares e pares; o ensejo de vivenciar experiências interculturais, de viajar e de melhorias para a formação acadêmica e profissional.

Dificuldades com a língua do país de destino, o distanciamento dos familiares e das relações pessoais, a concorrência por redução do número de bolsas, a interrupção e o atraso do curso na universidade de origem foram barreiras ou fatores desmotivadores para os estudantes desistirem do intercâmbio, e identificadas como as “dores do processo” na experiência do intercâmbio, que foi marcada com frequência por dificuldades de tramitação e os entraves de organização dos programas de mobilidade internacional. Alguns destes fatores podem ser minimizados com medidas de intervenção.

Na experiência do intercâmbio, as interações sociais e interculturais foram consideradas enriquecedoras para parte dos estudantes. No entanto, a formação de núcleos de brasileiros no país de destino foi bastante comum, e a forma que encontraram de superar o distanciamento da família, e as dores do preconceito sofrido por serem estrangeiros ou brasileiros.

Os estudantes estavam positivamente satisfeitos com experiência de intercâmbio que trouxe benefícios de cunho pessoal, como os mais relevantes até o atual momento da vida, tais como maturidade, autoconfiança, independência, autonomia, responsabilidade e tolerância.

A maioria dos estudantes ressaltou os pontos positivos das universidades dos países de destino. No entanto, parte dos estudantes passou a valorizar o curso, a universidade de origem e o sistema de saúde brasileiro.

A análise do fenômeno e da experiência do intercâmbio, sob a ótica da fenomenologia, pode auxiliar no entendimento do processo e na identificação de determinadas barreiras superáveis pela adoção de intervenções, com vistas para melhorias da mobilidade internacional e alcance de resultados efetivos, quer sejam individuais, sociais, culturais, econômicos, científicos ou tecnológicos.

Referências

8. REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. Prefácio. Em: Mahfoud, M. & Massimi, M. (Orgs.). Edith Stein e a Psicologia: Teoria e Pesquisa. Belo Horizonte: Artesã, p. 9-13, 2013.

ALTBACH, P. G. **Higher Education and the WTO: Globalization Run Amok.** International Higher Education: 02-04 p. 2001.

ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. The internationalization of higher education: motivations and realities. **Journal of Studies in International Education**, Thousand Oaks, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007.

AVEIRO, T. M. M. Programa ciência sem fronteiras como ferramenta de acesso à mobilidade internacional. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.3, n.2, 2014.

BAERNHOLDT, M. et al. Fostering internationalization: an AmericanDanish semester-long undergraduate nursing student exchange program. **International Nursing Review**, v. 60, n. 2, p. 221-227, Jun 2013. ISSN 0020-8132. Disponível em: < <Go to ISI>://WOS:000319287500013 >.

BARREIRA, C.R.A. Análise fenomenológica aplicada à Psicologia: recursos operacionais para a pesquisa empírica. In: SANTOS, Claudiano Avelino dos Santos (Ed.). Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: PAULUS, 2017, p. 317-368.

BEERKENS, M. et al. Similar Students and Different Countries? An Analysis of the Barriers and Drivers for Erasmus Participation in Seven Countries. **Journal of Studies in International Education**, v. 20, n. 2, p. 184-204, May 2016. ISSN 1028-3153. Disponível em: < <Go to ISI>://WOS:000373952600005 >.

BOHMAN, D. M.; BORGLIN, G. Student exchange for nursing students: Does it raise cultural awareness? A descriptive, qualitative study. **Nurse Education in Practice**, v. 14, p. 259-264, 2014.

BRASIL. Programa Ciências sem Fronteiras. Sobre o programa., p. <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>, 2013. Acesso em: 23 de setembro de 2016.

BROWN, M.; BOATENG, E. A.; EVANS, C. Should I stay or should I go? A systematic review of factors that influence healthcare students' decisions around study abroad programmes. **Nurse Education Today**, v. 39, p. 63–71, 2016.

CARVALHO J. L. et al. Intercâmbio acadêmico internacional: uma oportunidade para a formação do futuro enfermeiro. **Revista de Enfermagem Referência**, Série IV - n.º 10 - jul./ago./set, p.59-67, 2016.

CASTRO, A.A.; CABRAL NETO, A. O ensino superior: A mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América latina. **Revista Lusófona de Educação**, v. 21, p. 69-96, 2012

CAVALCANTE, I. M. S.; GUEDESI G. F.; PÜSCHELI, V. A. A. Mobilidade internacional estudantil de enfermagem da Universidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Enfermagem** [Internet]. 2018;71(suppl 4):1715-22.

CHAVES, V. L. J.; CASTRO, A. M. D. A. Internacionalização da educação superior no Brasil: programas de indução à mobilidade estudantil. **Revista Inter. Educação Superior**, Campinas, SP v.2 n.1 p.118-137 jan./abr. 2016.

CHEN, C. P. Common stressors among international college students: Research and counseling implications. **Journal of College Counseling**, v.2, p. 49–65, 1999.

GIORGI, A.; SOUZA, D. Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GOODMAN, B.; JONES, R.; MACIAS, M. S. N. An exploratory survey of Spanish and English nursing students' views on studying or working abroad **Nurse Education Today** v. 28 p. 378–384 2008.

KENT-WILKINSON, A. et al. Studying abroad: Exploring factors influencing nursing students' decisions to apply for clinical placements in international settings. **Nurse Education Today**, v. 35, p. 941–947, 2015.

KEOGH, J.; RUSSEL-ROBERTS, E. Exchange programmes and student mobility: Meeting student's expectations or an expensive holiday? **Nurse Education Today**, v. 29, p.108–116, 2009.

KUMWENDA, B. et al. Western medical students' experiences on clinical electives in sub-Saharan Africa **Medical Education**, v. 48, p. 593–603, 2014.

LIMA, M. C.; CONTE, F. B. Internacionalização da educação superior: Nações Ativas, Nações Passivas e a Geopolítica do Conhecimento. Alameda, 2011

MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Org.). Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

MCCABE, L. T. Globalization and Internalization: The Impact on Education Abroad Programs. **Journal of Studies in International Education**. 5: 138-145 p. 2001.

MIURA, I. K. O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo de três áreas do conhecimento. Tese apresentada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto como requisito para obtenção do título de Professor Livre Docente. Ribeirão Preto: USP, 2006.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning: 152 p. 204.

MORI, S. Addressing the mental health concerns of international students. **Journal of Counseling and Development**, v.78, p.137–144, 2000.

MOROSINI, M. C. Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **Educação em Revista**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 93-112, 2011.

NEVES, A. M. C.; NORTE, A. L. Internacionalização e mobilidade acadêmica: princípios e ações para o sucesso de uma parceria de intercâmbio acadêmico. IX Colóquio Internacional sobre a Gestão Universitária na América do Sul. Florianópolis, Brasil. 25 a 27 de novembro de 2009.

NISHIGORI, H. et al. I came, I saw, I reflected: A qualitative study into learning outcomes of international electives for Japanese and British medical students. **Medical Teacher**. v. 31, p. e196-e201, 2009.

ODAG, O.; WALLIN, H. R.; KEDZIOR, K. K. Definition of Intercultural Competence According to Undergraduate Students at an International University in Germany. **Journal of Studies in International Education**, v. 20, n. 2, p. 118-139, May 2016. ISSN 1028-3153. Disponível em: <<Go to ISI>://WOS:000373952600002 >.

OLIVEIRA, M.G.; PAGLIUCA, L. M. F. Programa de mobilidade acadêmica internacional em enfermagem: relato de experiência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.195-8, 2012.

OLIVEIRA, A. L.; FREITAS, M. E. Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes. **Revista Brasileira de Educação** v. 22 n. 70 jul.-set. 2017.

OWEN, C. et al. Factors associated with pharmacy student interest in international study. **American Journal of Pharmaceutical Education**, v. 77, n. 3, 2013. ISSN 0002-9459. Disponível em: < <Go to ISI>://WOS:000317643700014 >.

PATTON, M. Q. **Qualitative research & Evaluation Methods**. 2. Califórnia: SAGE, 2002.

PECHAK, C.; BLACK, J.D. Benefits and challenges of international clinical education from a US-based physiotherapist faculty perspective. **Physiotherapy Research International**. v. 18, n. 4, p. 239-49, 2013.

PÉRICO F. G.; GONÇALVES R. B. Intercâmbio acadêmico: as dificuldades de adaptação e de readaptação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, e182699, 2018.

PETERSDOTTER, L.; NIEHOFF, E.; FREUND, P. A. International experience makes a difference: Effects of studying abroad on students' self-efficacy. **Personality and Individual Differences**, v. 107, p. 174-178, 2017.

PITTS, M. J. Identity and the role of expectations, stress, and talk in short-term student sojourner adjustment: An application of the integrative theory of communication and cross-cultural adaptation. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 33, p. 450–462, 2009.

RANIERI, L. P; BARREIRA, C. R. A. A empatia como vivência. **Memorandum**, v. 23, p. 12-31, 2012.

SAWIR, E.; MARGINSON, S.; DEUMERT, A.; NYLAND, C.; RAMIA, G. Loneliness and international students: An Australian study. **Journal of Studies in International Education**, v. 12, p. 148–180, 2008.

SHELDON, K. M. et al. Evaluating the dimensionality of self-Determination theory's relative autonomy continuum. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 43, n. 9, p. 1215 – 1238, 2017.

SILVA, C. C.S.; LIMA, M. C.; RIEGEL, V. Os fatores de motivação na definição de estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica internacional no Brasil. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 232-251, set. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2013v6n3p232>

STALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. Educação Brasileira: Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Brasília, DF, v. 24, n. 48, p. 35-57, 2002.

STRAKER, J. International Student Participation in Higher Education: Changing the Focus From "International Student" to "Participation". **Journal of Studies in International Education**. v.20: p. 299-318. 2016.

TAMIÃO, T.S.; CAVENAGHI, A.J. O Intercâmbio cultural estudantil na cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 8, n. 9, p. 40-49, 2013.

TOWNSEND, P.; POH, H. J. An exploratory study of international students studying and living in a regional area. **Journal of Marketing for Higher Education**, v. 18, p. 240–263, 2008.

USP. Portaria GR N° 6640, de 13 de março de 2015 Disponível em <http://www.leginf.usp.br/?portaria=portaria-gr-no-6640-de-13-de-marco-de-2015>. Acesso em: 06 de maio de 2019.

USP. Portaria GR N° 6087, de 08 de março de 2013 Disponível em <http://www.leginf.usp.br/?portaria=portaria-gr-no-6087-de-08-de-marco-de-2013>. Acesso em: 06 de maio de 2019.

USP. Programa de Bolsa de Intercâmbio Internacional para alunos de Graduação., p. <http://www.reitoria.usp.br/intercambio/>, 2016. Acesso em: 23 de setembro de 2016.

USP. RESOLUÇÃO CoG Nº 4974, DE 28 DE NOVENBRO DE 2002. Disponível em <http://www.leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-cog-no-4974-de-28-de-novembro-de-2002>> Acesso em: 08 de abril de 2019.

YANG, Y.; ZHANG, Y.; SHELDON, K. M. Self-determined motivation for studying abroad predicts lower culture shock and greater well-being among international students: The mediating role of basic psychological needs satisfaction. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 63, p. 95-104, 2018. Disponível em: < <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S014717671730216X> >.

ZHANG, Z.; BRUNTON, M. Differences in living and learning: Chinese international students in New Zealand. **Journal of Studies in International Education**, v.11, p.124–140, 2007.

Apêndices

8. APÊNDICES

8.1. APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – QUESTIONÁRIO ONLINE

Experiência Internacional

Este questionário tem o objetivo de identificar experiências vividas fora do Brasil ou o interesse em vivê-las.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa com o objetivo de descrever as experiências internacionais e sua influência na formação profissional de alunos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP). Neste estudo, você deverá responder um questionário eletrônico sobre o interesse em realizar intercâmbio e/ou a sua experiência fora do país. Com isso, esperamos poder avaliar as motivações para a realização de intercâmbio. Se você concordar em participar do estudo será mantido o sigilo de suas informações e não haverá qualquer tipo de interferência no seu processo de graduação. Você poderá pedir esclarecimentos a qualquer momento do estudo. Se você se negar a participar ou se retirar do estudo em qualquer momento não haverá qualquer prejuízo no seu processo de graduação. Não há previsão de riscos e desconfortos para essa modalidade de estudo, o que pretendemos é conhecer mais sobre experiências internacionais do aluno. O sujeito da pesquisa tem direito a indenização conforme as leis vigentes no país, caso ocorra dano decorrente de participação na pesquisa. Você poderá acompanhar o andamento do projeto pelo telefone (16) 981488777, e-mail – marilia.liotino@gmail.com ou no Comitê de Ética em Pesquisa - telefone 3602-2228.

- ☐ sim, eu concordo em participar do estudo
- ☐ não concordo em participar do estudo

Continuar »

9% concluído

8.2. APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO ELETRÔNICO “MOTIVAÇÕES PARA INTERCÂMBIO”

Experiência Internacional

Este questionário tem o objetivo de identificar experiências vividas fora do Brasil ou o interesse em vivê-las.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa com o objetivo de descrever as experiências internacionais e sua influência na formação profissional de alunos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP). Neste estudo, você deverá responder um questionário eletrônico sobre o interesse em realizar intercâmbio e/ou a sua experiência fora do país. Com isso, esperamos poder avaliar as motivações para a realização de intercâmbio. Se você concordar em participar do estudo será mantido o sigilo de suas informações e não haverá qualquer tipo de interferência no seu processo de graduação. Você poderá pedir esclarecimentos a qualquer momento do estudo. Se você se negar a participar ou se retirar do estudo em qualquer momento não haverá qualquer prejuízo no seu processo de graduação. Não há previsão de riscos e desconfortos para essa modalidade de estudo, o que pretendemos é conhecer mais sobre experiências internacionais do aluno. O sujeito da pesquisa tem direito a indenização conforme as leis vigentes no país, caso ocorra dano decorrente de participação na pesquisa. Você poderá acompanhar o andamento do projeto pelo telefone (16) 981488777, e-mail – marilia.liotino@gmail.com ou no Cômite de Ética em Pesquisa - telefone 3602-2228.

- ☐ sim, eu concordo em participar do estudo
- ☐ não concordo em participar do estudo

PRÓXIMA

Página 1 de 11

Experiência Internacional

*Obrigatório

Data de nascimento *

Data

dd/mm/aaaa

Sexo *

- ☐ feminino
- ☐ masculino

Ano de ingresso na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto *

- ☐ 2007
- ☐ 2008
- ☐ 2009
- ☐ 2010
- ☐ 2011
- ☐ 2012
- ☐ 2013
- ☐ 2014
- ☐ 2015
- ☐ Outro: _____

Curso de Graduação *

- ☐ Ciências Biomédicas
- ☐ Fisioterapia
- ☐ Fonoaudiologia
- ☐ Informática Biomédica
- ☐ Medicina
- ☐ Nutrição e Metabolismo
- ☐ Terapia Ocupacional

VOLTAR**PRÓXIMA**

Página 2 de 11

Experiência Internacional

*Obrigatório

Intercâmbio antes da graduação

Já fez algum tipo de intercâmbio ANTES de ingressar na universidade? *

☐ Sim

☐ Não

VOLTAR

PRÓXIMA

Página 3 de 11

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Experiência Internacional

Intercâmbio antes da graduação

Em que país?

Sua resposta

Por quanto tempo? (em meses)

Sua resposta

Como avalia a experiência?

- ☐ Totalmente positiva
- ☐ Predominantemente positiva
- ☐ Predominantemente negativa
- ☐ Totalmente negativa

Por que?

Sua resposta

Houve alteração do período programado para o intercâmbio?

- ☐ Redução do período programado
- ☐ Ampliação do período programado
- ☐ Não ocorreu alteração

Qual motivo determinou a alteração do período de intercâmbio, caso tenha ocorrido?

Sua resposta

VOLTAR

PRÓXIMA

Página 4 de 11

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Experiência Internacional

*Obrigatório

Intercâmbio durante a graduação

Já fez algum tipo de intercâmbio DURANTE a graduação? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

VOLTAR

PRÓXIMA

Página 5 de 11

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Experiência Internacional

Intercâmbio durante a graduação

Em que país?

Sua resposta

Por quanto tempo? (em meses)

Sua resposta

Como financiou o intercâmbio durante a graduação?

☐ Recurso próprio

☐ Ciências sem Fronteiras

☐ Mérito Acadêmico USP

☐ Outro:

Como avalia a experiência?

☐ Totalmente positiva

☐ Predominantemente positiva

☐ Predominantemente negativa

☐ Totalmente negativa

Por que?

Sua resposta

Houve alteração do período programado para o intercâmbio?

- ☐ Redução do período programado
- ☐ Ampliação do período programado
- ☐ Não ocorreu alteração

Qual motivo determinou a alteração do período de intercâmbio, caso tenha ocorrido?

Sua resposta

VOLTAR

PRÓXIMA

Página 6 de 11

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Experiência Internacional

Interesse em realizar intercâmbio

Já teve interesse em fazer intercâmbio durante a graduação?

- ☐ Sim
- ☐ Não

VOLTAR

PRÓXIMA

Página 7 de 11

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Conhecer novas culturas

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Ficar mais independente

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Sair da zona de conforto

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Conhecer mais a si mesmo

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Melhorar o currículo

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Outros

Sua resposta

VOLTAR

ENVIAR

Página 11 de 11

Experiência Internacional

Razões para não realizar o intercâmbio

Por qual razão não realizou o intercâmbio durante a graduação?

Razões Financeiras

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Dificuldades em aprender idiomas

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Receio de não se adaptar a nova cultura

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Ter que fazer novos amigos

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Receio de não de adaptar longe da família

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Receio de ficar "atrasado" na faculdade

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Outros

Sua resposta

Quais são os benefícios que você acredita que o intercâmbio durante a graduação traz para aquele que o realiza?

Aprender um novo idioma

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Conhecer pessoas

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Conhecer novas culturas

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Ficar mais independente

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Sair da zona de conforto

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Conhecer mas a si mesmo

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Melhorar o currículo

	1	2	3	4	5	
Discordo plenamente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo plenamente

Outros

Sua resposta

VOLTAR

ENVIAR

Página 11 de 11

Experiência Internacional

Intenção de realizar intercâmbio novamente

Gostaria de realizar intercâmbio novamente?

☐ Sim

☐ Não

VOLTAR

PRÓXIMA

Página 10 de 11

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Experiência Internacional

Momento para realizar outro intercâmbio

Em que momento considera apropriado para realizar outra experiência de intercâmbio?

☐ Durante a graduação novamente

☐ Durante a pós-graduação

☐ Outro: _____

VOLTAR

ENVIAR

Página 11 de 11

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

8.3. APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ENTREVISTAS

Título do Projeto: Contribuição da Experiência Internacional na Formação Profissional

Pesquisador Responsável: Marília Liotino dos Santos - (16) 981488777 – mliotino@ig.com.br

Descrição das principais informações sobre o estudo

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa com o objetivo de descrever as experiências internacionais e como elas influem na formação profissional de alunos de nutrição.

Neste estudo, desenvolvido na Faculdade Medicina de Ribeirão Preto, você deverá responder a algumas perguntas de uma entrevista sobre a sua experiência fora do país estudando nutrição. Você poderá ser convidado para participar de um grupo e, junto com outros alunos, conversar um pouco mais sobre a sua experiência internacional. Com isso, esperamos poder avaliar os programas internacionais disponibilizados pela Universidade.

Se você concordar em participar do estudo será mantido o sigilo de suas informações e não haverá qualquer tipo de interferência no seu processo de graduação. Você será ressarcido por possíveis gastos com transporte e alimentação. Você poderá pedir esclarecimentos a qualquer momento do estudo. Você se negar a participar ou se retirar do estudo em qualquer momento sem que haja qualquer prejuízo no seu processo de graduação. Não há previsão de riscos e desconfortos para essa modalidade de estudo, o que pretendemos é conhecer mais sobre experiências internacionais do aluno. O sujeito de pesquisa tem direito a indenização conforme as leis vigentes no país, caso ocorra dano decorrente de participação na pesquisa

Você pode acompanhar o andamento do projeto pelo telefone (16) 981488777, e-mail – mliotino@gmail.com ou no Cômite de Ética em Pesquisa - telefone 3602-2228.

Data:_____/_____/_____

Pesquisador:_____

Marília Liotino dos Santos

Data:_____/_____/_____

Nome do Participante:_____

Assinatura do Participante:_____

8.4. APÊNDICE D – QUESTÕES NORTEADORAS PARA AS ENTREVISTAS

- 1- Me fale um pouco de como foi antes do intercâmbio (o processo, suas expectativas, decisões, esforços, etc).
- 2- E como foi sua experiência de intercâmbio?
- 3- Como você percebe atualmente esta experiência em relação à sua formação?
- 4- Como você percebe o alcance desta experiência em sua futura atuação profissional?

Anexos

9. ANEXOS

9.1. ANEXO A – PARECER COSUBSTANCIADO DO CEP

CENTRO DE SAÚDE ESCOLA
DA FACULDADE DE MEDICINA
DE RIBEIRÃO PRETO -

PARECER COSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Contribuição da Experiência Internacional na Formação Profissional

Pesquisador: Marília Liotino dos Santos

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38142914.2.0000.5414

Instituição Proponente: Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 895.281

Data da Relatoria: 01/12/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa com interesse em estudar as motivações e possíveis dificuldades, bem como vantagens de aprendizado, de estudantes que participam de estágios de graduação no exterior. Com a crescente internacionalização da graduação, estimulada pela USP e pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, uma maior disponibilidade de financiamento por meio de bolsas de estudo, tem permitido aos estudantes maior participação em intercâmbios internacionais. Todavia algumas dificuldades ainda persistem, como diferenças culturais e linguísticas, o que justifica esse projeto de pesquisa, que terá como foco a entrevista de estudantes de nutrição em relação à internacionalização da graduação.

Objetivo da Pesquisa:

Por meio de entrevistas on line, entrevistas semi-estruturadas presenciais e grupos focais, estudar motivações, dificuldades, barreiras, facilidades, ganhos, de estudantes de graduação em Nutrição e Metabolismo da FMRP-USP em estágios de graduação em países estrangeiros.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos físicos ou de natureza biológica relacionados ao projeto. Há apenas risco de desconforto e eventual constrangimento com algum aspecto das entrevistas ou grupos focais, mas facilmente sanáveis por meio de esclarecimentos por parte dos pesquisadores.

Endereço: TERESINA 890

Bairro: SUMAREZINHO

CEP: 14.065-380

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3602-0000

E-mail: cseculaba@fmrp.usp.br

**CENTRO DE SAÚDE ESCOLA
DA FACULDADE DE MEDICINA
DE RIBEIRÃO PRETO -**

Continuação do Parecer: 095/2014

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de interessante projeto de pesquisa, com boa fundamentação teórica, com base nas correntes filosóficas da fenomenologia, e com metodologia adequada, por meio de constituição de entrevistas on line (etapa 1), entrevista individual (etapa 2) e grupos focais (etapa 3). A técnica de análise de dados será a análise de conteúdo segundo Bardin.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os pesquisadores apresentam termos de consentimento livre e esclarecidos adequados para cada fase do estudo (etapas 1-3), já de acordo com as normas da resolução 466.

Recomendações:

Apenas o cronograma tornou-se desatualizado, pois estava previsto início de coleta de dados em data anterior à apreciação pelo CEP. Solicito que seja feita a adequação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considero o projeto em condições de ser Aprovado pelo colegiado do CEP, com a ressalva de adequação do cronograma.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Acatado o parecer do relator. Aprovado.

RIBEIRÃO PRETO, 02 de Dezembro de 2014

Assinado por:
LAÉRCIO JOEL FRANCO
(Coordenador)

Endereço: TERESINA 690

Bairro: SUMARÉZINHO

CEP: 14.065-380

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3802-0000

E-mail: cseculaba@fmrp.usp.br

9.2. ANEXO B – PARECER COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO

<p>UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO</p>
---	--	---

Oflc. N° 189 SVGRAD/FMRP/24.09.2014
LLKE/ps

Prezada Professora,

A Comissão de Graduação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP, em sua 800ª reunião ordinária, realizada em 23 de setembro de 2014, aprovou no mérito o projeto de pesquisa intitulado “Contribuição da Experiência Internacional para a Formação Profissional” que será realizado, sob sua orientação, pela aluna Marília Liotino dos Santos, matriculada no Departamento de Clínica Médica da FMRP-USP, em nível de doutorado.

Informo que tal aprovação foi condicionada a que:

- O horário e locais designados para a realização da coleta de dados não prejudiquem as atividades acadêmicas curriculares;
- O início das atividades somente ocorra após a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

Atenciosamente,

Profa. Dra. Lucila Leico Kagohara Elias
Presidente da Comissão de Graduação

Ilma. Sra.
Profa. Dra. Cacilda da Silva Souza
Departamento de Clínica Médica – FMRP-USP